
OS FANTASMAS DA
GAROA
CARTOLA EDITORA



Organização:
M. Lestrange

OS FANTASMAS DA GAROA

1ª edição

CARTOLA
EDITORA

São Paulo
2023

Equipe técnica:

Organização:

M. Lestrange

Capa, diagramação e projeto gráfico:

Rodrigo Barros

Coordenação editorial:

Janaina Storfe

Revisão:

Simone Souza

Ficha técnica:

L643f

Lestrange, M, 1991 -

Os fantasmas da garoa / M. Lestrange (organização) - São Paulo: Cartola Editora, 2023.

138p. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-5437-015-8

1. Literatura brasileira - conto. I. Título

CDD: B869.3
CDU: 82-3(81)

cartolaeditora.com.br
/cartolaeditora
/cartolaeditora
/cartolaeditora

Todos os direitos desta edição reservados à Cartola Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização por escrito da editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

07 Apresentação
09 17° Andar
17 A agenda do governador
23 A Bailarina do Municipal
27 A contrição
33 A grande cidade
41 A viúva da Catedral
45 Eu odeio teatros
51 Fantasmas de Artemisia
57 Fuga e Liberdade
65 Herança
69 No Décimo Sétimo Andar
77 Noite No Teatro
81 O Anjo do abismo
87 O ator
93 O fantasma do Bixiga
103 O último banquete antropofágico
111 Seremos nós os fantasmas
115 Terror no Edifício Martinelli
121 Tudo começou assim
129 Uma performance um tanto mórbida
135 Financiamento coletivo



APRESENTAÇÃO

Todos conhecem a famigerada capital paulista: a cidade que nunca dorme, com seus milhões de habitantes, luzes que ofuscam as estrelas, metrôs superlotados e rotina frenética. Mesmo quem nunca esteve na cidade é capaz de nomear alguns de seus lugares icônicos, como o Parque do Ibirapuera, o Beco do Batman, a 25 de Março e a Avenida Paulista.

Durante o dia, é fácil nos perdermos no ritmo atordoante da cidade grande, caminhar pelas multidões sem atentar para o que ela oculta. O frenesi de São Paulo esconde muito mais do que se pensa, especialmente à noite, quando a cidade possui um lado obscuro.

Não são raros os relatos de uma São Paulo assombrada, histórias entrelaçadas entre vivos e mortos, muitas vezes em alguns pontos recorrentes, como o Cemitério da Consolação, famoso pelas almas que vagam no local; o Teatro Municipal, onde os espíritos dos artistas que se apresentaram nos palcos perambulam pelos bastidores; a Cripta da Catedral da Sé, que abriga quinze corpos de bispos brasileiros e portugueses sepultados em suas paredes; o Edifício Martinelli, onde ocorreram dois assassinatos entre 1947 e 1960, e que abriga a lenda de que uma mulher loira e sem rosto que caminha pelo prédio durante a noite, fora as portas de armários que batem durante a madrugada sem uma explicação lógica; o Largo São Francisco, que supostamente possui corpos de monges e professores enterrados ali; o Castelinho da Rua Apa, que foi palco de um assassinato envolvendo Álvaro Reis, que supostamente teria matado seu irmão e sua mãe, tirando a própria vida em seguida, entretanto, este rapaz teria sido encontrado com duas balas na cabeça, fato pouco comum em casos de suicídio; a Casa de Dona Yayá, local que abrigou durante mais de três décadas Sebastiana de Mello Freire, a única herdeira de uma das famílias mais ricas de seu tempo, reza a lenda que seu espírito ainda paira sobre o local; o Edifício Joelma, hoje renomeado como

Praça da Bandeira, que ainda carrega os fantasmas do incêndio de 1974, entre outros.

Esta antologia traz histórias envolvendo os lugares amaldiçoados da capital paulistana, sobre os fantasmas que assombram a Terra da Garoa.

17° ANDAR

L. Melmohara

"Voltarei logo."

É o conteúdo do bilhete que deixo para minha irmã na porta antes de sair de casa. Aperto meu casaco contra o corpo, andando de cabeça baixa na direção contrária ao vento, checando mais uma vez o porta-moedas e a chave do apartamento nos bolsos. Respiro mais tranquila ao sair da alameda Barão de Limeira sem ser reconhecida por algum vizinho, repassando mais uma vez todos os detalhes que tinham na carta que recebi há alguns dias: Edifício Martinelli,12 de julho, às 10 horas, no décimo sétimo andar.

Encontrar o rapaz no banco há 3 dias foi a salvação de meus problemas, tenho dívidas incontáveis que me sufocam até o pescoço. Ao ver minha inquietude, um homem veio até mim e me ofereceu um serviço que pagava o necessário; conversamos por algum tempo, até que ele me passou a carta com as instruções. Quando contei para *Cariño* sobre a oferta, ele ficou receoso, mas me apoiou e me desejou sorte antes de viajar a trabalho.

Sinto meu coração dançar no peito a cada esquina, a visão da Praça Princesa Isabel pelo caminho traz um certo conforto. A lembrança dos passeios com Neuza acalma meus receios quanto ao "Grande Cortiço de Favela Vertical" para onde estava me dirigindo. Sempre tive medo do lugar, os boatos sobre orgias e o tráfico de drogas que ocorriam dentre os quartos me trazem calafrios. Pergunto-me se o meu novo trabalho vai exigir algo tão vulgar… contudo, não estou em posição de escolher muitas coisas agora.

A visão colossal do prédio me tira o fôlego. Fico um tempo parada do outro lado da rua, contemplando as luxuosas portas de pinho e as colunas infinitas que as cercavam. "É agora ou nunca…", respiro fundo e checo as horas, notando como estou

atrasada. Atravesso a entrada, não tendo tempo para mais admirações quanto ao papel de parede belga ou as escadas de mármore. Corro para o elevador, exageradamente falando, já que mal consigo andar rápido com esses saltos e a saia rodeando meus joelhos.

Não preciso esperar muito o elevador e tenho a sorte de ficar sozinha, ganhando tempo para alguns retoques na roupa e treinar o sorriso social para a entrevista. Quando me sinto confiante, estendo a mão para apertar o número 17 entre os botões, estranhamente já está acionado. Que coincidência alguém chamar o elevador exatamente para onde preciso ir.

O tempo corre devagar enquanto vão passando os andares, dando margem para que a ansiedade volte a inundar meus pensamentos. Respiro fundo uma, duas, três vezes até que as portas se abram e revelem um extenso corredor vazio. Por algum motivo, parece fantasmagórico olhar para ele daqui, algo sobre os adornos nos batentes das portas de madeira causavam um desconforto inexplicável. O silêncio torna mais altos meus batimentos. "Sempre confie em seus instintos", dizia minha falecida mãe. Até onde eu sei, o instinto nos avisa pelo estômago, e o calafrio que percorre meus ossos basta para que eu queira desistir da ideia.

Não sei quanto tempo se passou durante minha reconsideração, as portas do elevador continuavam a esperar que eu saísse, como se me desafiassem a continuar meu caminho, seguir para a entrevista e parar de besteira. Ignoro cada mensagem imaginária que o elevador me entrega, apertando o botão para fechar.

Nada acontece.

Minhas mãos começam a tremer enquanto aperto o 0, 1, 3, 6, 9, 12, 16, as chaves balançam em meus bolsos e o som metálico do impacto com as moedas aumenta minha inquietude. Encaro o painel de botões, nenhum deles fica luminoso como deveria, nenhum deles faz as portas se fecharem, nenhum deles tira o corredor de merda da minha frente.

Saio para ir até as escadas, desesperada para ficar o mais longe possível desse lugar, e que se foda a infantilidade de ter medo do silêncio e de um corredor vazio. As pessoas acreditam que coisas ruins só acontecem quando o céu está escuro, mas eu

não estou disposta a comprovar essa teoria e não há um átomo dentro de mim que discorde da decisão. O som suave e lento me faz cessar os passos apressados quando o elevador fecha, um arrepio sobe pela minha nuca e sei que não tem saída. Viro para trás, o sangue latejando em meus ouvidos, infelizmente não alto o bastante para cobrir os sussurros que parecem sair das paredes em seguida.

Chamam meu nome. Parecem um coro de milhares de lamentos, corro o olhar por todas as direções em busca de qualquer origem plausível, é como um eco incessante… Uma vez, ouvi dizerem que há dutos de ventilação como os grandes prédios dos Estados Unidos, mas nunca imaginei como poderiam ser tão assustadores.

Penso que estou enlouquecendo, rio comigo mesma em um momento de lucidez, ou o que eu gostaria que fosse. A mente prega peças a quem se deixa vulnerável. Talvez seja o nervosismo, esse emprego tem a capacidade de mudar toda a minha vida. E quem não tem medo de mudanças tão bruscas assim? Permaneço parada no corredor, arrumando o cabelo e respirando fundo, trazendo com o ar um alívio que não existia realmente. Quando me acalmo e meus batimentos se regulam, algo irrompe minha falsa paz momentânea:

Você tem que pagaaar…

Sussurra uma voz arrastada e rouca por todos os lados, sobrepondo-se sobre todas as outras que achei que tinham se extinguido quando me perdi em pensamentos. Acordo da minha ilusão forçada, talvez seja da minha cabeça, eu não me importo, não quero estar entre paredes que trazem esse lado de mim. Meus pés se movem mais rápido que a minha decisão, estou indo para a porta corta-fogo que dá direito às escadas, vultos parecem passar por mim a cada porta que deixo para trás. Quando finalmente alcanço a tão desejada saída, meu corpo colide contra o aço em uma investida dolorosa pelos sapatos escorregarem no piso, puxo a porta com toda a força, jogando o peso para trás e novamente para frente quando ela não se move.

O eco dos saltos dos passos que abandonei chegam a ser ensurdecedores, sei que meu corpo está tremendo porque

meus bolsos ainda produzem o som do seu conteúdo. Não sei se é pelo medo ou pela dor que irradia em ondas pelos meus membros. Não consigo mais controlar minha respiração ou sequer pensar direito, meus olhos estão embaçados com lágrimas que esquentam minha pele languida.

Todos têm que pagar.

Como se uma força invisível me puxasse, sinto algo me pressionando na parede, impedindo-me de respirar, parece que sou incapaz de me mover. O que vem em seguida não parece real e por um instante, penso que é o efeito do oxigênio me abandonando, mas tudo nessa história já parece irreal o suficiente para que eu acredite em meus olhos encharcados quando a névoa escura toma forma diante de mim. A massa translúcida preenche toda a imagem do corredor à volta, deixando apenas formatos de batentes e maçanetas sem cor.

Uma forma abstrata de carne apodrecida me encara saída da fumaça, o cheiro pútrido e inebriante invade os poucos sentidos que ainda se agarram à consciência. Aos poucos, reconheço o oco onde deveriam ter olhos, assim como os buracos para o nariz que certamente não respirava e não tenho alternativa a não ser assistir os dentes encardidos se abrirem para liberar as vozes.

Neide Rosa de Souza… descendente direta de um dos artesãos que construiu o Martinelli.

Aperto os olhos, desejando que fosse apenas um pesadelo, orando por proteção incontáveis vezes. Tento me acordar, me tirar desse inferno, ignorar as palavras condenadoras e ir para qualquer lugar dentro de mim que servisse de abrigo. Para o meu profundo horror, é impossível ignorar quando sinto a bruma gélida tocar minha mão direita, subindo pelo antebraço acompanhado de um arrepio e pressionando a área até que eu não a sinto direito. Minhas entranhas se contorcem e uma tentativa de engolir seco é impedida pela pressão na traqueia.

Se lembra de Davilson, 1947? Ou Márcia Tereza, de alguns anos atrás? É certo que não se lembra das prostitutas e outros vagabundos cujas mortes vocês agradecem.

Os nomes são vagamente familiares… Casos de mortes brutais e misteriosas que aconteceram no edifício. As pessoas falavam sobre isso como se fosse uma coleção nova, bem… ao

menos sobre aqueles que não eram considerados escória da sociedade, isso é verdade. Somos tão superficiais assim? Curioso como, mesmo com o entorpecimento, o tempo parece passar tão devagar que esse tipo de memória surge com facilidade, não importa quão pouco tenha notado o assunto no passado. Lembranças inúteis, nada como formas de escapar de um monstro, mesmo que eu ache que nada do meu banco de recordações pudesse ajudar nesse caso.

Não se preocupe… certamente lembrarão de uma moça tão bonita como você.

A ideia de ser lembrada não é nem um pouco reconfortante, como talvez a criatura pensasse ser. Sei que ninguém se lembra de você pelas suas qualidades, só pelo seu caixão e a forma como foi encontrado. Ninguém sabe quem Davilson ou Márcia Teresa eram, apenas como ele foi encontrado no poço do elevador e como ela foi violentada por cinco homens, isso quem chega a lembrar. Me pergunto o quanto isso vai demorar… o desespero deixou um nó na garganta que intensifica a dor, tudo que mais desejo é que acabe logo e rápido.

Sua família contribuiu para a construção dessas paredes amaldiçoadas que se tornaram nossa prisão…

A voz empoeirada parece ser o único elemento presente em meu sofrimento, até sentir uma dor descomunal pela sensação de cada camada de pele, nervos, carne e ossos se desprendendo do meu corpo. Não me viro para olhar, não consigo pensar e nem mesmo sei se o grito escapou de mim. O sangue encharcando minhas roupas, tornando o chão escorregadio e esquentando a porcelana fria que me tornei me deixa ciente de que não encontraria nada abaixo do cotovelo direito e o vômito queima minha garganta com a realização tardia. Mal escuto suas próximas palavras, cega de dor e no último fio de consciência.

Acabaremos com cada um vocês… garantir nossa liberdade… conquistar nossa vingança.

***

"MUNDANA JOGADA DO ALTO DO MARTINELLI!"

"NEIDE JOGADA DO PRÉDIO DEPOIS DE ASSASSINADA!"

"NOVA PISTA NA MORTE DE NEIDE!"

"MORTE DE NEIDE DIVIDE POLÍCIA!"

"MORTE NO MARTINELLI: LAUDO MÉDICO MANTEVE DÚVIDAS SOBRE O HOMICÍDIO!"

"GRANDES CRIMES NO PRÉDIO MARTINELLI: A MORTE DE NEIDE AINDA É UM MISTÉRIO!"

A notícia perdurou por semanas, até que decidiram arquivar o caso. A hipótese inicial de suicídio foi logo descartada. Afinal, quem se mata depois de se sufocar e arrancar o próprio braço? Mesmo sendo uma sem noção, não existia alguém mais persistente em dar a volta por cima, posso afirmar. Acreditaria se me falassem que ela fugiu com o estelionatário argentino que chamava de "*Cariño*", que inclusive nunca deu as caras depois do que aconteceu. Qualquer teoria é mais aceitável que suicídio.

Foram trabalhadores de uma construção próxima que a encontraram estatelada no chão, com fraturas expostas e o rosto deformado. Os únicos pertences que carregava eram a chave de casa e seu porta-moedas. Alegaram que ninguém a viu entrar. Eu não faço ideia do que ela estava fazendo lá, mas eu acho extremamente improvável que nenhum morador, hóspede ou funcionário a tenha visto…

Revolta-me a forma como tratam ela nas manchetes. Não importam suas 17 passagens na polícia ou o vício em jogos. Eu os contei sobre a dívida de cem mil cruzeiros para que fossem atrás de suspeitos, não para colocarem no jornal!

***

Sinto que estou ficando louca, parte de mim me instiga para ir até lá, saber mais sobre o que aconteceu. Como alguém é torturado e jogado pela janela do 17º andar sem que ninguém saiba?! Arquivar o caso é um desrespeito, manter aquele prédio de pé é ultrajante! Por outro lado, algo muito maior me alerta para ficar longe, deixar toda essa história para trás e tentar viver

o resto da minha vida como conseguir. Mas como poderei seguir, se tudo que ela me deixou foi um bilhete escrito:

"Voltarei logo."



A AGENDA DO GOVERNADOR

Diego Betioli

Já era por volta de 21h00.

Os olhos de Elis não viam a hora de pregarem de vez e abandoná-la à própria sorte. Os óculos pendiam na ponta do nariz e o cabelo, descuidado, caía em parte sobre o rosto.

Para sobreviver a mais um dia de plantão na assessoria de imprensa do Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo do Estado de São Paulo, só com muita cafeína. E, àquela altura, seu combustível favorito já havia acabado há tempos.

Piscou duas, três vezes, e uma mais pesada que jurou ter parecido um breve cochilo de um minuto.

Sua única companhia naquela noite de domingo foi quem lhe ajudou a despertar do indesejado sono.

— Acorda, Elis! — Márcio, editor da redação, sentado à mesa de frente, atirou uma bolinha de papel na colega. — Se o governador te pega pescando assim…

— Ah, vá se lascar, Márcio — respondeu a jornalista enquanto esfregava os olhos. — A essa altura, o homem já tá no décimo sono.

— E nós dois aqui, adiantando pauta que tem zero urgência. Só porque o homem tem agenda cheia na semana — completou o editor. — Se a gente ainda ganhasse o suficiente pra isso…

— Você bem que podia desenrolar um aumento pra sua redatora preferida, né? — Elis provocou seu superior imediato, que se encontrava com os pés sobre a mesa enquanto a observava.

— Se dependesse só de mim… — Márcio coçava a longa barba grisalha enquanto sorria de volta para Elis. — Mas você sabe como funciona a coisa.

— É, tô sabendo.

O silêncio pairou novamente sobre a redação da assessoria de imprensa do Palácio, localizada no subsolo do prédio principal da edificação localizada no bairro do Morumbi. Assim se fez durante uma hora, onde os únicos sons repetidos naquele local foram das teclas dos computadores de Elis e Márcio e os respectivos bocejos dos dois jornalistas.

Quando o relógio bateu 22h00, Márcio se pôs de pé, já de mochila nas costas. Arrumou a mesa e andou na direção de Elis.

— Vou indo nessa, Elisoca.

— Vai me deixar sozinha mesmo, é?

— Nah, sozinha nada. Aqui no Palácio ninguém nunca fica sozinho.

— Que onda é essa, Márcio? Vai vir com aquele papo de assombração que vocês ficam comentando quando saímos pro almoço?

— Antes fosse só papo, Elis. Vai falar que nunca viu nada de estranho aqui de noite? Um arrastar de mesa, um vulto de ex-governador?

— É meu primeiro plantão cobrindo esse último horário, esqueceu?

— Hum, verdade. Então boa sorte — sentenciou o editor.

— Fica tranquilo. Eu não acredito nessas coisas.

— Eu também não acreditava. Até ver com meus próprios olhos.

Por um instante, Márcio encarou Elis com um ar sério. A moça estranhou a mudança de semblante, mas, em seguida, o sujeito colocou a mão sobre seu ombro e exibiu um sorriso acanhado.

— Bom, estou indo. Não precisa ficar até 23h00, não, tá? Terminando a agenda aí, pode encerrar e sair também.

— Tá bem, já tô quase terminando — respondeu Elis se virando para o computador. — Fica tranquilo, obrigada!

— Qualquer coisa, me liga.

— Pode deixar.

Márcio bateu à porta e Elis, pelos próximos minutos, seguiu sozinha com o encerramento de um dia carregado de trabalho, preparando o conteúdo de uma semana insana de agenda do

governador pelos quatro cantos do estado. Era por volta de 22h30 quando ela concluiu a última atualização e começou a desligar o computador e guardar suas coisas.

Ouviu passos vindos da escada adjacente à entrada da redação, o que a fez parar bruscamente enquanto enfiava o notebook em sua bolsa. Duas batidas na porta foram escutadas.

Elis se manteve sentada. Ouviu novas duas batidas. Virou-se lentamente na direção da porta. Esperava que fosse seu editor, voltando para buscar algo. A porta se abriu.

Seu olhar, então, se deparou com um homem alto diante da entrada, apoiado no batente da porta.

— Moça, a senhora vai ficar mais? — perguntou um segurança que cobria aquela área do Palácio.

— N… não, moço, na verdade, eu já estou de saída.

— Tá certo… boa noite.

— Boa noite. Deixa a porta aberta, por favor.

O homem assentiu e virou-se na direção das escadas, de onde aparentava ter vindo.

A jornalista, enfim, terminou de se ajeitar e levantou-se. Foi quando ouviu um forte som de porta se batendo.

Ao se virar naquela direção, encontrou a porta da redação, anteriormente aberta pelo segurança, fechada. Foi até ela e, ao girar a maçaneta, constatou que além de tudo estava trancada. Olhou pela vidraça que dava para o lado externo da sala, mas nem sinal do sujeito por ali.

— Poxa, e eu ainda falei pra deixar aberta… Saco.

Elis então deu meia volta, e, sem muita esperança, tentou a saída do lado oposto — uma escadaria que dava direto no saguão principal, mas cujas portas geralmente se encontravam trancadas. No entanto, para sua surpresa, aquele "atalho" estava aberto, e logo subiu o lance de escadas.

Ao fim delas, a ofuscante luminosidade da sala de redação deu lugar a um imensurável breu que tomava conta do enorme saguão principal do Palácio dos Bandeirantes. Apenas a luz da lua, vinda do enorme frontal de vidro que adornava a frente do local, trazia alguma claridade.

Aquele recinto, sempre muito iluminado e movimentado durante o dia, dava acesso não só à área externa da sede do Governo do Estado como também às alas administrativas e ainda ao segundo andar, onde se encontrava o gabinete do governador. Duas escadarias convergentes ao norte do cômodo faziam a ligação entre os dois andares; portas de madeira em todos os lados levavam aos escritórios e salas de arquivos; e, ainda naquele mesmo saguão, unindo as duas alas do prédio e localizado exatamente entre as duas escadas — e próximo à saída de funcionários —, encontrava-se uma passagem adornada pelos retratos de todos os governadores do Estado de São Paulo, formando uma espécie de galeria que continuava junto às escadas e terminava no andar superior.

Aquele mesmo saguão também era o palco principal de todos os principais eventos do Governo do Estado; e assim sendo, era ali também que eram velados os próprios governantes de São Paulo e diversas celebridades paulistas que possuíam alguma honraria concedida pela governança estadual. A lembrança deste fato correu rapidamente pela cabeça de Elis.

Naquele momento, não havia uma vivalma no saguão e os passos da redatora no piso de mármore ecoavam pelos quatro cantos do Palácio, tamanho era o silêncio. A jornalista sentiu um certo calafrio ao ouvir apenas o próprio som e se deparar com a velha sede do governo completamente escura e deserta, mas ignorou qualquer pensamento supersticioso e caminhou salão afora.

Quando cruzava quase metade do caminho, teve a impressão de ser vigiada. Ao olhar para o lado direito, avistou uma silhueta exatamente abaixo do portal que levava à passagem adornada por quadros. Elis virou-se na direção e, dando alguns passos, divisou uma figura masculina.

— Moço, foi você que falou comigo lá embaixo, né? Não era pra trancar a porta, eu já estava indo embora, e aí tive que sair por ali. — Fez um gesto indicando o caminho de onde havia vindo. — Acabei deixando tudo aceso lá e…

A mulher se deteve quando notou que não estava obtendo qualquer interação. Quando chegou mais perto, a silhueta

pareceu dar lugar a escuridão, como se não houvera ninguém ali antes e apenas tivesse divisado uma sombra.

Notou, então, que se encontrava em meio a galeria de ex-governadores. Os inúmeros quadros traziam as figuras dos políticos desde o fim do século XIX; alguns, portanto, falecidos há eras. Em meio a penumbra, os olhos daquelas pinturas realistas pareciam cercá-la, observá-la; de Júlio Prestes a Jânio Quadros, décadas de governantes hoje no além-vida a cercavam.

A jornalista subitamente se sentiu desconfortável. Foi acometida por uma sensação de apreensão e náusea que jamais sentira ali, durante o dia. Enquanto observava os quadros, ouviu passos vindos do andar superior. Era o som de sapatos pisando forte o chão. Junto a este ruído, se somava o ranger de madeira, tanto das portas superiores quanto algo que parecia vir da área que possuía piso de taco, também no segundo andar. Elis engoliu em seco e, num gesto instintivo e pouco habitual a ela, se benzeu com o sinal da cruz. Caminhou a passos largos pela passagem-galeria, mas interrompeu o percurso quando o possível dono dos passos fortes vindos do andar superior parou diante dela, em meio ao lance de escadas.

Um homem bem trajado, de terno antigo, gravata e cabelo escuro perfeitamente penteado se apresentava a poucos metros da redatora. O breve brilho do luar revelava metade da face do sujeito, que possuía olhos apertados e um bigode acentuado. A mesma luz natural da lua revelava também a Elis a figura no quadro que se situava na parede junto àquela mesma escada, ao lado do homem que se encontrava ali parado. As imagens de ambos — do homem do quadro e daquele que ali estava na escada — eram uma só: o governador Ademar de Barros, morto em 1969.

O ar simplesmente desapareceu dos pulmões de Elis. Deixou sua bolsa cair no chão e a vertigem tomou conta de si. Quando o governante desceu os últimos degraus e caminhou em sua direção, a redatora sentiu o corpo estremecer e suas forças se esvaírem. Foi então que uma mão tocou seu ombro. Um toque familiar, seguido de uma voz igualmente reconhecida, que repetiu seu nome ao pé do ouvido:

— Elis? Elis?!



A BAILARINA DO MUNICIPAL

Larissa Rezende

Era uma noite fria e chuvosa. A iluminação da rua apagou-se e a escuridão engoliria tudo se não fosse pelas fracas luzes que iluminavam o edifício de arquitetura renascentista, barroca e *art nouveau*, que irrompe em meio às construções modernas da capital paulista. Testemunha de grandes eventos da história brasileira, o Theatro Municipal de São Paulo era esplendoroso e magnífico, mas também escondia tristeza e amargura em suas paredes.

Há alguns anos, uma tragédia irrompeu os palcos do teatro e estampou todos os jornais da cidade. Um acidente. Ou assim, foi dito. Uma jovem e sonhadora bailarina realizaria seu sonho de dançar no Municipal, fazendo sua grande estreia como solista, mas quando pisou no palco, um equipamento de luz caiu em sua cabeça, encerrando seu sonho e fechando as cortinas de sua vida.

Desde então, coisas estranhas acontecem. Sons são ouvidos pelos corredores desertos, murmúrios e lamentos, perfumes e sombras… uma presença é sentida, mas jamais vista. Os funcionários evitavam falar sobre o assunto e jamais ficavam sozinhos em algum salão do edifício, mas Joel não se preocupava com as histórias.

Um homem enérgico para os seus sessenta e cinco anos aceitou trabalhar como zelador no teatro. Sempre apreciou a arte e viu no emprego uma oportunidade de ficar perto do mundo que sempre admirou, além de ser uma renda extra. A aposentadoria já não era o suficiente. Com a vida cada vez mais difícil, temer uma assombração não se encontrava na sua lista de prioridades.

O ar gelado da madrugada rodeava o saguão, iluminado apenas pelos candelabros na parede. Trabalhando há pouco tempo, Joel encontrava-se sozinho no teatro. Era sua primeira

noite de serviço e seu colega de trabalho sentiu-se mal, não podendo comparecer. O silêncio era interrompido pela forte chuva batendo nas janelas e o som das chaves balançando no bolso de sua calça. Em meio a monotonia, as fracas luzes do local começam a piscar.

— O que está acontecendo? — O zelador observou o aposento, confuso.

Assim como começou, as luzes pararam de piscar de forma repentina e o saguão iluminou-se. Pensando ser apenas um problema com a parte elétrica, Joel voltou sua atenção para o trabalho, mas os candelabros do topo da escada também começaram a acender e apagar em ritmo frenético. Aceitando o convite do piscar das luzes, o zelador subiu as escadas. Ao chegar ao topo, ouviu um forte barulho de portas batendo, que fez o homem sobressaltar-se.

— Quem está aí? — perguntou sem obter resposta.

Assustado, respirou fundo e seguiu em direção ao barulho. Conforme caminhava, começou a ouvir uma música baixa. Um aroma delicado pairava no ar. A cada passo, as luzes piscando o acompanhavam, a música ficava cada vez mais alta, assim como o perfume, mais forte. Quando se deu conta, estava se aproximando da sala dos espetáculos, o coração do teatro.

Joel abriu a porta, adentrou ao recinto e o salão iluminou-se. Uma música suave tocava. Um balé, reconheceu o zelador. Seus olhos passearam pelo aposento até terem a sua atenção presa ao palco, onde uma bailarina dançava. Tão serena e bela, parecia levitar no palco. Possuía uma postura delicada, onde seus movimentos estavam em perfeita harmonia com a música. A cada pirueta, seu perfume se espalhava pelo teatro. Um aroma tão hipnotizante, quanto sua dança.

Ao notar a presença de Joel, a bailarina parou, assim como a música, e um silêncio sepulcral invadiu o salão. A jovem virou-se para encarar o homem, e uma sensação de pânico envolveu o zelador. Em meio a dança, não era possível reparar, mas uma grande quantidade de sangue, de um ferimento em sua cabeça, escorria pelo seu rosto e roupa.

Joel tentou se mexer, mas estava paralisado. A bailarina, parecendo não reparar no próprio sangue escorrendo, continuou a observar o homem. De repente, ela abriu um sorriso e disse:

— Você não sabe quanto tempo eu espero por uma plateia…

Um grito excruciante dominou os corredores do teatro, mas foi abafado pela tempestade.

***

Amanheceu nublado. A delegada atravessava a rua, pisando nas poças deixadas pela forte chuva da noite anterior. Ao adentrar o saguão do Theatro Municipal, viu os olhares assustados dos trabalhadores do local, que não paravam de cochichar sobre o que havia acontecido. Alguns policiais tentavam acalmá-los e recolher seus depoimentos.

Subiu as escadas e atravessou os corredores. O ar parecia ficar mais pesado a cada passo. Quando chegou na sala dos espetáculos, percebeu que a movimentação não estava muito diferente do saguão. O diretor do teatro estava sentado em uma das cadeiras, tentando responder as perguntas dos policiais. Cientistas forenses andavam por todo o local, tentando encontrar alguma pista, e um grupo de agentes estava fotografando e analisando o corpo da vítima, que se encontrava sentada na primeira fileira. A delegada, imediatamente, foi em direção ao grupo.

— O que temos aqui?

— Joel Santos, sessenta e cinco anos. Aposentado, trabalhava como zelador aqui no teatro — um policial respondeu, entregando o documento da vítima à chefe.

A delegada observou o documento e o homem atentamente. Jamais viu algo como aquilo. Um senhor de aparência serena na foto, agora parecia contorcido. Seu rosto tinha uma expressão terrível, olhos arregalados e um largo sorriso que ia de um lado do rosto ao outro. Seu corpo, completamente frio e rígido na cadeira, estava com as mãos unidas como se tivessem sido congeladas no meio de um aplauso.

— Encontraram algo no salão? — perguntou a delegada.

— Ainda nada — respondeu o policial, desanimado.

— Testemunhas?

— Ninguém. O outro zelador ficou doente e não veio trabalhar. Ele estava sozinho.

— Sem sangue. E não parece ter marcas de luta no corpo. — Pensativa, a delegada procurava algo na vítima que pudesse responder seus questionamentos sobre o misterioso crime. Sem sucesso, dirigiu-se ao policial: — Chame o legista para levar o corpo ao IML.

— Sim, senhora. Seja lá o que aconteceu com ele, parece que levou um baita susto.

— É… Só resta saber qual espetáculo ele estava assistindo — disse a delegada olhando do homem para o palco.

A CONTRIÇÃO

Maven Morrigan

Era cedo da manhã, o clima da cidade de São Paulo faz jus ao título de "A Terra da Garoa" ao exibir um céu cinzento e choroso desde as primeiras horas do dia. Tudo parecia terrivelmente igual aos outros dias, pessoas iam trabalhar, estudar ou fazer qualquer que seja a coisa que os tirasse de casa. Tudo na cidade era igual, monótono, comum a qualquer outra, menos uma coisa que se destacava em toda a paisagem metálica e *"moderna"*.

Como uma dupla de espadas se erguendo contra o firmamento num claro desafio ao clima, estava a imponente Catedral da Sé, totalmente composta por pedras polidas e mármore, a arquitetura neogótica como um anjo vingador em meio ao ébrio material e humanamente desvirtuado da metrópole, ela era uma das provas que a temida São Paulo não era só uma cidade-casca, um corpo sem vida, aquele prédio respirava, era vivo, deixava claro o espírito que mantinha a cidade viva.

Em meio àquela chuva incessante, estava um garoto que corria apressadamente entre a turba para chegar logo à catedral. Os cabelos voando junto ao vento frio. *"Ei, moleque! Cuidado por onde anda!"* foi o que disse uma voz masculina zangada por ter sido empurrada pelo garoto que sequer ligou para a fala. Os passos rápidos do jovem menino atravessaram a Praça da Sé e logo chegaram ao arco de entrada.

— *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo…* — sussurrou o garoto para si mesmo enquanto fazia o sinal da cruz e mirava o olhar para o altar.

Miguel era um garoto criado pela avó, uma mulher temente a Deus, que jamais se deixou duvidar por sequer um segundo que Deus tudo podia, que Ele era o caminho, a verdade e a vida. Miguel também acreditava piamente nisso, jamais havia duvidado por sequer um segundo, não até *aquele* momento.

Havia pessoas sentadas em ambos os lados do corredor principal da igreja, alguns ajoelhados, rezando em silêncio (seja rindo em agradecimento pelas bênçãos alcançadas ou em prantos pelo milagre a ser alcançado). Ele seguiu reto, passando pelas pessoas e chegando ao corredor da cabine de confissão que, por algum milagre — *Graças a Deus* —, estava vazia. Antes de ir ao confessionário, Miguel sentou-se num dos bancos de madeira da catedral e ali se pôs a rezar, repetindo exatamente os dizeres há muito ensinados por sua mãe.

— "Meu Deus, eu me arrependo, de todo coração, de todos os meus pecados e os detesto, porque, pecando, não só mereci as penas que justamente estabelecestes, mas, principalmente, porque vos ofendi a Vós, sumo bem e digno de ser amado sobre todas as coisas. Por isso, proponho firmemente, com a ajuda da vossa graça, não mais pecar e fugir das ocasiões próximas de pecar. Amém." — Era quase como se o menino pudesse ouvir a voz da própria mãe falando junto à sua, ele jamais seria capaz de esquecer o que a mais velha o havia ensinado no passado.

A cabine era de madeira, havia a soleira onde os fiéis deveriam se ajoelhar para falar com o padre e ali o jovem garoto ficou. De joelhos sobre a tábua de madeira firme, com as mãos atadas frente ao corpo, a cabeça baixa e os olhos mirando as rachaduras quase imperceptíveis no piso, ele falou:

— Me perdoe, padre, porque eu pequei. — A cidade estava mais fria naquele dia, a pele do garoto arrepiou por um momento, mas logo ele ignorou aquele calafrio, seria apenas truque do clima.

— Diga-me, filho — a voz do padre era direta, sem espaço para mais ou menos. — O que lhe aflige? — Num relance da visão, o menino conseguiu ver pelas frestas do confessionário a silhueta do padre, a batina branca com detalhes em roxo e dourado bordado, a cabeça baixa.

— Faz mais de três meses que não me confesso… — a voz de Miguel era falha, preocupada, ele claramente temia dizer aquilo em voz alta. — Há algum tempo, eu venho vivendo em pecado, desde que minha mãe morreu, eu simplesmente não sei mais o que fazer ou como seguir em frente, às vezes, eu olho no espelho e sequer reconheço o meu reflexo ali. — Lágrimas começaram a ameaçar rolar enquanto contidas na linha d'água

dos olhos do garoto, mas ele se manteve forte. Outra vez, o calafrio se fez presente, obrigando o garoto a vestir o casaco cinza levemente puído que carregava consigo. — Mas, durante a semana passada, eu estava em casa sozinho e jurei que ouvi uma voz me chamando, ela estava tão perto, estava tão clara, não tinha como ser outra coisa — a voz era embargada, encoberta pelas camadas de tristeza acumuladas ao redor da garganta que o sufocavam aos poucos. — Eu resolvi chamar de volta pela voz que vinha me chamando. Eu chamei o outro lado, padre!

Miguel podia lembrar da primeira vez que falou claramente com a voz, ele havia feito exatamente o que seu instinto tinha lhe dito para não fazer. Ele acendeu uma vela, caminhou pelos corredores escuros da casa onde morava e chamou pelo nome da mãe: "Venha para mim! Estou te chamando!", foram suas falas, mal sabia o garoto que sua vida mudaria para sempre. Num segundo, ele não via nada, era só um garoto tolo no meio de sua sala de estar com uma vela em mãos enquanto falava com o ar. Noutro momento, foi como se sua visão estalasse, como se uma lente fosse sobreposta aos olhos e um novo cenário lhe fosse revelado.

Para a surpresa do garoto, ele não viu ali a mãe, ele viu estranhos, muitos estranhos. Pessoas de diversas idades, cores e alturas, algumas com o corpo banhado por sangue, outros sem mancha escarlate alguma pelo corpo, mas que carregavam consigo aquela coloração morta. Ele não podia deixar de pensar nisso, sua mente ecoava como um maldito mantra: *Mortos! Mortos! Todos estão mortos!*

— E agora… — Miguel tentou respirar fundo, mas a sensação de opressão, a sensação do *não vivo* o rodeava desde esse fatídico dia envolvendo sua mãe — agora eu vejo e sinto gente morta por todos os lados. *Eu os vejo o tempo todo, padre.*

Desde então, aquela sensação opressora não o deixava em momento algum. Ele acordava e ia dormir com aquele peso sobre o peito o esmagando enquanto tentava respirar. Miguel se sentia debaixo d'água. Na rua, na escola, nas lanchonetes, não havia lugar onde ele não via sequer uma pessoa morta. Todos menos aquela igreja, ele nunca tinha visto nada desse tipo.

— E o que te faz pensar que eles estão mortos, meu filho? — indagou o padre.

— A sensação que eles carregam — respondeu o garoto como se a resposta sempre tivesse estado ali na ponta da língua, apenas esperando para ser lançada em forma de fala. — São errados, posso sentir em meu corpo, na superfície da minha pele, no fundo dos meus ouvidos e nos meus olhos, parece errado vê-los, parece errado estar ouvindo-os, estar sentindo-os. — Miguel quase podia sentir no corpo as mesmas coisas que sentia em casa quando via os mortos.

— Desculpe-me, filho. — Paz, a voz do Eclesiastes ecoava paz ao redor do confessionário: — Mas não sei onde deseja que eu entre nessa história.

— Durante a celebração da crisma, fui ensinado que todo e qualquer tipo de bruxaria ou divinação era errado, era… *do lá de baixo* — disse Miguel ao apontar para baixo com um tom de voz tão baixo que nem mesmo ele pareceu capaz de ouvir. — A contrição perdoa todos os pecados, cura os enfermos, devolve a luz aos locais de onde a tiramos. — O tom de arrependimento era claro na voz do pequeno. — Perdoa-me, padre, porque eu pequei.

O silêncio se fez por algum tempo, talvez segundos, talvez minutos, não era possível dizer ao certo, mas quando o padre falou finalmente, tocando a testa do garoto e dizendo as palavras *santas*, Miguel pareceu se sentir seguro.

— Pelo poder concedido a mim por Deus, eu te perdoo de seus pecados. Vá e não peque mais. — O dedo do padre pressionado contra a testa de Miguel era frio. — Em nome do Pai — era áspero —, do Filho — era distinto de tudo o que uma pessoa deveria ser — e do Espírito Santo. — Era… *errado.*

Sem mais nada dizer, Miguel saiu do confessionário, fez o sinal da cruz e se despediu do padre apenas com um "Tchau, Padre!", o nó na garganta do garoto só se apertou ainda mais ao passar pelo outro padre que agora ia para o confessionário, finalmente começar o turno de confissões e mais confissões do dia.

Miguel não se deu ao trabalho de sentar-se nos bancos para orar e agradecer o perdão a si concedido, sabia que não havia

sido válido. Aquele padre que o escutou, que o tocou, que o perdoou era tudo, menos vivo.

"Livrai-nos do Mal, amém!", foi o que o garoto pensou ao atravessar os altos portões da catedral.



A GRANDE CIDADE

Bruno Goularte

Não havia sido uma boa noite até então. Papai chegou em casa com uma sacolinha do McDonald's, o lanche era um Big Mac. Comi o que consegui enquanto papai assistia ao jornal. Ficou bravo mesmo assim. Reclamou que eu não sabia comer, tava desmontando o lanche. Falei que era muito grande.

— Muito grande? Você passou a semana inteira pedindo a porcaria desse lanche, e nem gosta dele?

Tentei explicar que não era esse lanche que as crianças comiam. Era grande, muito grande e tinha alface e picles e o pão era cheio de grãozinhos. Não vinha com brinquedo. Eu queria um brinquedo também de aniversário. Papai ficou mais bravo ainda quando comecei a chorar.

Acordei no meio da noite sem conseguir me mexer. Fiz força e mais força e não conseguia. Não queria chamar o papai porque ele ia ficar bravo de novo que nem quando gritei porque tive um pesadelo com a mamãe. Comecei a ouvir uns barulhos no quarto e isso fez meu coração bater muito rápido e deu vontade gritar mais uma vez. Papai. Deu vontade gritar "Papai". Mesmo que ele ficasse bravo, valeria à pena, mas minha voz não saía de jeito nenhum.

No pesadelo com mamãe, ela surgia no quarto e me dava um abraço. O cheiro não era o cheiro dela e ela apertava as minhas coxas de um jeito forte demais. Lembrar disso me deixou ainda mais agitado. Se meu corpo pudesse se mexer, eu ia tá tremendo todo, e era muito ruim o corpo não conseguir nem tremer de tão paralisado que tava. Foi quando ouvi a voz do Pato pela primeira vez.

— É só relaxar. Para de tentar mexer o seu corpo. Eu ajudo você.

Relaxei. Não sabia quem era o Pato ainda. Tinha uma voz amigável e fiquei aliviado que não era a mamãe. Minha cabeça começou a subir sozinha e eu pude ver meu corpo deitado e um corpo inteiro saiu do meu corpo deitado. Como se eu tivesse dois corpos e agora eu me agarrasse a apenas um deles, tão leve que flutuava. Pato fez eu prometer que não ficaria com medo caso ele se mostrasse pra mim. Perguntei quem ele era. E aí ele se mostrou. Era menor que eu. Tinha uns bracinhos curtos, nenhuma perna, mas um cotoquinho nas costas que parecia um rabo de peixe. Ele voava. Isso não era estranho porque eu tava voando também. O jeito que me encarou fazia ele parecer muito animado e eu mordia meus próprios dentes para tentar fugir do medo que me deu daquele bebê feioso.

— É seu aniversário, né? Oito anos. Puxa vida, parabéns! Vamos comemorar. Quero levar você na grande cidade, você voaria comigo?

Atravessou a janela fechada e, quando pensei se poderia fazer igual a ele, meu corpo simplesmente fez e deixou o outro dormindo em silêncio na cama. A grande cidade era como ele chamava o Cemitério da Consolação. Meu pai tinha explicado que era onde gente rica é enterrada, gente mais rica do que a gente. Quando o corpo da mamãe parou de sobreviver, ele não foi enterrado. Botaram fogo no corpo dela. Era assim que ela queria. Depois a gente jogou o pó que restou no mar e foi quando eu vim morar com o papai o tempo todo, bem na frente do cemitério e longe do mar e da mamãe. Às vezes, eu olhava os túmulos da nossa janela e me sentia sozinho. Sozinho e triste porque a gente não era tão rico e o corpo da mamãe não podia tá ali embaixo daquelas pedras, bem pertinho de mim.

Sobrevoando a grande cidade, tudo parecia diferente do cemitério que eu via acordado. Alguns túmulos se tornaram azuis e tinha uma estrela voando na frente deles. Outros eram cinza escuros e tinha uma cruz voando na frente deles. Pato disse que os que mudavam de cor eram disponíveis. Que os disponíveis com estrela na frente eu podia só colocar a estrela na minha boca e ia ter algum conhecimento dos mortos na minha vida. E que os disponíveis com cruz na frente eu podia só segurar a cruz e os mortos iam fazer algo por mim. Os da cruz

cobravam um preço e os da estrela eram de graça. Eu não tinha dinheiro comigo e fui voando logo em direção a uma estrela.

— Essa não! — Pato disse. — Engole aquela outra ali. Aquela outra vai te fazer desenhar muito bem. Essa aí só vai te fazer saber discutir com as pessoas. — Eu queria saber discutir com as pessoas, mas Pato sabia tudo sobre a grande cidade. Parei para ver uma senhora toda de preto agarrando uma daquelas cruzes. Pato mandou eu ficar longe dela e ir logo comer minha estrela.

No dia seguinte, não consegui prestar atenção em nenhuma aula porque fiquei desenhando nas folhas em branco do meu caderno. Eu sabia desenhar melhor as pessoas agora. Dei um desenho para o papai. Uma mulher igual a mamãe de mão dada comigo voando em cima do mar. Papai abriu a garrafa que sempre bebia e ficou bebendo e olhando o desenho. Depois de um tempo, suspirou e disse que era hora de dormir. Minha barriga doeu e me dei conta que a gente não tinha jantado. Ele disse que de manhã me preparava um café. Mamãe não me deixava sem janta. Bastou essa frase pra ele apertar meu pescoço e me levantar pela parede. Olhou bem nos meus olhos e me deu um tapão na bochecha e apertou ainda mais forte meu pescoço.

— Isso, olha bem pra mim. Olha bem pra mim e vê se eu pareço com a tua mãe, guri de merda.

Abriu a mão e eu caí deitado. Minha coluna ficou doendo e eu fiquei chorando e pensando que odiava muito o papai. Eu sempre pensava que odiava o papai quando ele me batia. Depois quando eu ia para cama, nem pensava nisso tanto. Só que, nessa noite, eu segui com muita fome e odiando o papai.

Na grande cidade, mais tarde, Pato disse que, em casos como o meu, nem que eu desenhasse e discutisse e cantasse e escrevesse melhor que o mundo todo ele ia poder me ajudar com as estrelinhas e que seria melhor eu agarrar uma cruz. Falei que eu não tinha dinheiro. Ele riu. Eu não gostava quando ele ria. Quando ele falava, a boca dele não abria, quando ria, ela se entortava toda e eu via o escuro dentro da boca dele, não tinha nenhum dente naquela boca e mesmo assim parecia que podia morder e despedaçar qualquer coisa com aquele escuro todo.

— Você não precisa de dinheiro. O pagamento é com vontade.

Vontade que papai não fosse mais malvado comigo. É claro que eu tinha um monte de vontade. Antes que segurasse a cruz, encostou na gente um outro habitante da grande cidade. Ele tinha o nariz grande, do tamanho de uma trompa. Era careca e os pés dele não voavam, ficavam se arrastando pelo chão.

— Vai fazer o vivo agarrar a cruz, Pato?

— Ele precisa.

Eu assenti com a cabeça. O morto chegou bem perto de mim e eu senti uma dor forte no topo da cabeça. Fungou. Isso me deu dor de cabeça e uma vontade danada de acordar quentinho na minha cama. Faz frio, sempre muito frio, na grande cidade, uma garoa gelada sem fim cai sobre nossas cabeças e entra em nossos corpos. Pato disse para o homem se afastar. Ele resmungou qualquer coisa e falou que tudo bem, que tava chegando a hora dele ir embora para sempre mesmo e não queria mais se envolver nesse tipo de palhaçada da grande cidade. Pato pareceu satisfeito. Perguntei se ele iria se mudar um dia. Pato achava que não. Tinha tentado por muito tempo. Por mais que passasse os dias longe, a lua sempre o arrastava de volta.

— Minha mãe se jogou da torre comigo dentro dela. Quando abriram a barriga no hospital, venderam meu corpo para uma moça que me ferveu na panela. Uma parte minha ficou presa no óleo daquela panela. E a outra, a que eu sou hoje, veio pro túmulo da minha mãe. Tinha uma estrela no túmulo da minha mãe, nunca ninguém comeu. Uma pena. Se comessem, cantariam como um anjo. Hoje em dia não tem mais. A estrela se foi e eu fiquei.

O homem narigudo riu muito alto e disse que ele deve ter dado um belo ensopado. Pato abaixou a cabeça e o homem foi embora rindo ainda muito alto. Fiquei olhando para a cruz. Pato mandou eu pensar no papai. Lembrei do dia que mamãe morreu. Papai chegando no Rio e gritando com minha tia dizendo que eu ia ficar. A minha tia mandou eu dormir, e no outro dia, papai me acordou e disse que as coisas iriam mudar na vida da gente e que era bom eu abrir um sorriso e me preparar. Lembrei do dia que cheguei em São Paulo e papai me mostrou o meu quarto e pediu pizza pra gente. Assistimos desenhos e ele ria muito mais do que eu do Bob Esponja e do Lula Molusco.

Depois de uns dias, ria cada vez menos. E parou de deixar a TV nos desenhos também.

Segurei bem firme na cruz, como eu tinha visto a mulher de preto fazer. Um calor danado subiu meu corpo. Como se algo dentro de mim fervesse. Por um momento, imaginei o corpinho quase sem braços do Pato fervendo em uma panela e me senti enjoado.

— O que você quer? — a voz de uma mulher perguntou. Antes que eu respondesse, ela disse que tinha entendido tudo. — Eu vou dar um jeito no papai. Você só precisa ficar aqui. Você guarda meu lugar?

— Claro — eu disse. E ela apareceu na minha frente. Tinha um vestido rosa clarinho, um olho dela era amarelo, e no outro lugar do outro olho, não tinha nenhum. Um buraco tão escuro quanto a boca do Pato. A moça me puxou pela mão e foi como se eu a guiasse até em casa.

— Eu não tinha que guardar o lugar pra você? — perguntei. Ela resmungou algo que não consegui ouvir e disse que precisava saber quem era meu pai. Bem, o Pato tinha ficado e devia tá guardando o lugar pra gente. Vimos o meu corpo deitado na cama. Ela passou as mãos pelas pernas dele e depois disso fincou os pés no chão como se estivesse viva. As mãos dela eram magras e me deu um arrepio na espinha e uma ardência nas coxas quando ela fez isso no meu corpo, por mais que eu não tivesse dentro do corpo que dormia, sabia que ele ardia também. Levei a moça até o quarto do papai. Ela riu e se deitou em cima dele. Deu um beijo na sua boca.

— Você acha que eu posso ser sua madrasta?

Eu não disse nada porque tive medo. Ela enfiou as mãos dentro do corpo do papai e ficou uns dez segundos apertando alguma coisa. Abriu a boca e olhou bem fundo nos meus olhos. Eu soube, de alguma forma, que ela havia descoberto o que papai fazia comigo. O olho que existia nela chorou e uma névoa surgiu no buraco do olho que não existia, como a fumaça de uma chaleira.

— Pobrezinho! — ela disse, com todas aquelas lágrimas caindo. Eu nunca tinha visto alguém chorar por mim e nessa hora, meu

medo passou e deu um quentinho no meu peito, porque eu sabia que aquelas lágrimas dela eram minhas também.

Ao mesmo tempo, um sorriso foi se abrindo na sua expressão de choro, ela tinha dentes, dentes verdes e marrons que pareciam persianas cobrindo um pouco de toda aquela escuridão. Uma das lágrimas escorregou pelas bochechas, e quando cruzava a lateral do sorriso, foi sugada por aquele escuro como se houvesse um aspirador dentro dele. Algo me puxou pela barriga e também fui sugado pelo escuro enquanto ela apertava ainda mais forte alguma coisa dentro do corpo do papai.

Era como cair em um buraco. Ou como o caminho de volta para o corpo depois de uma noite na grande cidade. Mas eu não via o meu corpo no fim da escuridão, eu via a cruz. Era em direção à cruz que eu voltava. Pato continuava na frente do túmulo quando cheguei. Perguntou se tinha dado tudo certo. Parecia preocupado.

A cruz sumiu e eu nunca mais consegui me mexer. Pato saiu de perto de um jeito rápido e escorregadio. Era como se não me ouvisse, na verdade, era como se eu nunca tivesse existido. Ainda o vejo passar por aqui. Sozinho ou com outras crianças, nunca me ouve gritar. Parece não me ver também. Assim como todo mundo, com corpo ou sem corpo, que vive ou passeia pela grande cidade.

Tem dias que nem mesmo um morto cruza pelo meu túmulo. Tem dias movimentados e as pessoas colocam flores em túmulos próximos, nunca nesse aqui. Eu choro. Choro de raiva porque Pato não me dá notícias. Eu ouviria se ele falasse. Eu ouço o que todos falam. Eu escuto as gargalhadas dos mortos e o choro dos vivos. Era só ele parar aqui e falar. Eu não ficaria bravo. Eu só queria saber. Às vezes, isso me incomoda tanto que sinto meu corpo todo vibrar. Tento parar de fazer força, como Pato me ensinou naquela noite. Não consigo me libertar, mas se o silêncio for duradouro, posso sentir meu outro corpo dormindo, imóvel também, em minha antiga cama. Até ouço o papai falando em meus ouvidos de vez em quando.

A mulher realmente deu um jeito no papai. Ele parece mais calmo e tem uma voz amorosa agora. Não entendo por que fiquei preso no túmulo dela. Eu grito por ela, grito e grito e

grito e nem mesmo os pássaros se assustam. Daí eu me canso e a única coisa que me consola é perfurar o silêncio para ouvir a voz do papai.

— Ei, filhão, eu sei que você vai sair dessa, tudo vai ser diferente quando você sair dessa. — Ele me conta sobre o seu dia e deixa a TV ligada nos desenhos quando o assunto acaba. Sempre acaba dormindo enquanto o Bob Esponja grita aquelas porcarias. Quando tenho sorte, também entro em um estado de sono e os roncos do papai se transformam aos poucos no barulho do mar.



A VIÚVA DA CATEDRAL

Valéria Rezende

— A Catedral da Sé teve sua construção iniciada em 1912 e só foi inaugurada em 1954, mas sem suas duas torres principais que só ficaram prontas anos depois — explicava o guia, enquanto o grupo de turistas o acompanhava admirando a bela arquitetura.

— Sendo uma espécie de capela cavada bem debaixo do altar principal, a Cripta da Catedral da Sé foi projetada em formato de cruz e fica sete metros abaixo do nível da Praça da Sé. Dentre suas trinta câmaras mortuárias, estão os túmulos do Padre Diogo Antônio Feijó, do índio Tibiriçá e do Padre Bartolomeu de Gusmão, que foi acusado de bruxaria e denunciado à Inquisição — prosseguiu o guia.

Pedro ouvia e observava tudo com muita atenção. Afinal, a catedral seria o tema do seu Trabalho de Conclusão de Curso. Estava prestes a encerrar a graduação de História e, apesar das pesquisas já feitas, estava fascinado com aquele *tour* no coração de São Paulo.

— Agora me acompanhem, a cripta é por aqui — o guia chamou a atenção de todos.

A entrada fica do lado esquerdo, embaixo do altar principal da Catedral. Ao atravessar a porta, avistaram a beleza do piso de mármore de Carrara, em preto e branco, e o teto, cheio de arcos abobadados, parecidos com os da catedral. Eram metros quadrados de muitas histórias e lendas. Uma suposta passagem secreta que conduz a uma rede de túneis unindo a catedral da Sé com o Mosteiro de São Bento e a Igreja de São Francisco; reuniões de sociedades secretas como a Maçonaria; uma mulher balzaquiana, católica fervorosa, que ficou viúva e frequentou a catedral sempre no mesmo horário. Dizem que, vez ou outra, ela ainda pode ser vista na igreja toda vestida de preto com véu encobrindo seu rosto. Aparentemente nada demais, mas Pedro

foi a fundo na história da Viúva Negra, que já faz quarenta anos desde sua morte.

A Viúva Negra era uma bela mulher paulistana, casou-se e enviuvou algumas vezes. Frequentando a igreja todos os dias, rezando pelos falecidos. Seus maridos morriam sempre no horário de trabalho. O primeiro era contador, foi encontrado debruçado sobre papéis e calculadoras. O segundo era advogado, foi encontrado morto dentro do carro no estacionamento do edifício onde trabalhava. E o terceiro, um policial civil, morreu enquanto investigava um assassinato numa mansão, bem na cena do crime. O atestado de óbito revelava sempre a mesma causa, infarto. Apesar de estranho, foi investigada por anos a fio, mas nada foi encontrado que a incriminasse.

Pedro estava atento aos párocos que iam e vinham, como quem espera encontrar alguém. Olhou o relógio. Era o mesmo horário da reza da Viúva. Sentiu-se meio bobo pela atitude e continuou acompanhando o grupo.

***

Dias depois, Pedro voltou à catedral para observar com mais atenção e fotografar alguns pontos específicos. Não levou mais do que meia hora e voltou para casa. Em frente ao computador, analisava foto por foto, cuidadosamente, quando avistou, numa das imagens, uma mulher de preto usando véu, sentada em oração. Não acreditava que fotografou a Viúva sem perceber. Não lembrava de tê-la visto, com certeza, chamaria sua atenção. Desolado e perplexo, voltaria ao local no dia seguinte e no mesmo horário.

Sentado no banco da catedral como se estivesse em oração, com celular pronto para fotografar e monitorando o relógio, ficou à espera da mulher. E nada. Dias haviam se passado desde sua peregrinação à espera da Viúva. Cansado e achando-se tolo indo todos os dias, levantou-se e caminhou entre os bancos em direção à saída quando, pela visão periférica, avistou um vulto negro passando por detrás da coluna. Dirigiu-se, apressadamente, àquela coluna, contornou e não havia ninguém. Olhou à sua volta, mas achou ter imaginado.

Mais adiante, viu uma senhora vestindo um traje que parecia ser assistente da igreja. Dirigiu-se a ela e fez perguntas sobre a Viúva.

— Meu rapaz, fique longe dessa história — respondeu a senhora. — Eu nunca a vi. Dizem aparecer somente para os homens, como um fantasma. Nunca comprovaram nada, mas há rumores de que, realmente, matou os maridos. E os homens para quem aparece, alguns enlouqueceram e outros se suicidaram. Dizem que ela morreu há quarenta anos, mas ninguém tem certeza. Simplesmente, desapareceu.

Pedro, perplexo, não sabia o que dizer. Agradeceu e foi embora pensando no que, hora fascinante e hora aterrorizante, daria uma ótima investigação histórica. E foi averiguar o assunto, revirando bibliotecas, sites de reportagens e tudo mais que pudesse encontrar. Não encontrou muito, parece que a Viúva virou uma simples lenda urbana.

***

Final do período, trabalho entregue, mas a lenda não era esquecida. Um pouco após a conversa com aquela senhora, voltou à catedral. Sentou-se com os olhos fechados. Apenas relaxou. Sentiu um perfume. Escutou um choro baixinho. Abriu os olhos e percebeu uma penumbra na igreja. Parecia estar anoitecendo. Foi conferir a hora no celular. A bateria havia acabado. E a alguns bancos à sua frente, estava ela. O choro vinha de lá. Levantou-se bem devagar e foi em sua direção. Aproximou-se, sentou-se na outra extremidade do banco e observou aquela Viúva tão real. Olhou para ela, o véu cobria todo seu rosto. Pedro chegou mais perto e se apresentou. Virou a cabeça em sua direção, levantou o véu e Pedro pôde constatar o motivo dos homens enlouquecerem. Era a mulher mais linda que já tinha visto. Olhos negros e penetrantes, boca carnuda e carmim, pele alva e delicada. Ela se aproximou de seu rosto e seus lábios tocaram-se. Seu corpo tremeu e faltou-lhe ar. Estava em êxtase, como se flutuasse. Os pensamentos, a razão, os sentidos, tudo havia desaparecido.

Abriu os olhos e a luz forte ofuscou o rosto de algumas pessoas que lhe observavam. Piscou para focar melhor e pôde ver seus pais e seu melhor amigo. Estava no hospital. O médico se aproximou e disse:

— É, rapaz, foi por pouco! Mas tudo ficará bem.

— Cara, o que aconteceu? — perguntou o amigo. — Você tentou suicídio! Você ia pular do viaduto do Chá! A sorte que um cara viu e chamou a polícia!

Sem acreditar e tampouco se lembrar, Pedro explicou tudo que passara nos últimos meses. Toda a história da Viúva da Catedral. Mas todos se entreolharam e muito gentis, mas, sem acreditarem, saíram do quarto em seguida.

Olhou a sua volta, era um quarto simples e não estava monitorado. Levantou-se bem devagar. A janela estava trancada e havia grades. Foi até a porta entreaberta e viu seus pais e o amigo conversando com o médico.

— Vamos fazer o melhor para ele. A psiquiatria lida muito bem com esses casos de suicídio. E nossa clínica de reabilitação é uma das melhores — dizia o médico confortando todos.

Pedro, atônito e incrédulo com o que estava lhe acontecendo, lembrou das palavras daquela senhora. Desnorteado, abriu a porta de modo súbito e saiu correndo. Naquele momento, só queria sair daquele lugar e mostrar a todos o que acontecera. Enfermeiros correram atrás do paciente fugitivo pelos corredores. Conseguiram segurá-lo aos berros e se debatendo. Parecia fora de si, transtornado com olhos arregalados, corpo e rosto rígidos. Depois de muita luta, o imobilizaram e doparam.

***

— A Catedral da Sé teve sua construção iniciada em 1912 e só foi inaugurada em 1954, mas suas duas torres principais só ficaram prontas anos depois — explicava o guia, enquanto o grupo de turistas o acompanhava admirando a bela arquitetura.

Em determinado momento, o turista carioca, um homem aparentando seus quarenta e poucos anos, se dirigiu ao guia e perguntou sobre a lenda da Viúva da Catedral.

EU ODEIO TEATROS

Hicky Carrera

Não restava dúvidas de que ali era o lugar certo. Bastava um toque nas paredes recentemente pintadas para sentir um calafrio subir a espinha. O teatro estava para ser inaugurado e já transmitia uma energia anciã, pouco convidativa aos entusiastas da era contemporânea. O novo dono do estabelecimento, um jovem ousado e cheio de energia, mal podia esperar para comprovar suas habilidades de empreendedorismo cultural e mostrar que aquele lugar tinha sim um futuro, independente do seu passado trágico.

Claro, se a má fama histórica fosse o único problema, o jovem empreendedor não teria se desesperado tanto a ponto de contratar um homem como Edgar Corbine, alguém de pouquíssimo reconhecimento acadêmico (para não dizer escrachado), de baixíssimo reconhecimento profissional (para não dizer ridicularizado) e de menor reconhecimento pessoal ainda (para não dizer escrachado e ridicularizado). Entretanto, mesmo com motivos e mais motivos listados pelos indivíduos cujo intelecto racional era referência na cidade paulistana, sobraram-se poucas opções quando ninguém conseguia fazer os murmúrios e gemidos pararem de atormentar os corredores de seu teatro das 19 horas até a meia-noite. Ou que conseguissem capturar os vultos que incomodavam qualquer um que subisse no palco. Ou que conseguissem explicar por que diabos, mesmo no dia mais quente do ano, fazia frio nos camarins a ponto de uma fumaça escapar por entre os lábios. Por essas e por outras questões, um homem de 30 e poucos anos, de feição exausta e um sorriso idiota no rosto, era a única pessoa presente no teatro naquela noite de quarta-feira.

O hall de entrada, pensado para comportar uma movimentação frenética, concentrava em seu profundo silêncio e em seu espaço

vazio, toda a solidão incômoda que Edgar já estava acostumado a enfrentar. Vestido com um terno amarrotado, uma calça social remendada e um sapato que, com total certeza, já tinha visto dias melhores, ele deixou os seus passos ecoarem entre os pilares retangulares projetados para sustentação e elegância, apenas se permitindo absorver o ambiente cuja exploração prometia uma grande experiência. Fechou os olhos, respirou fundo e sentiu o formigamento na ponta dos dedos, passando para as mãos e os braços, subindo para o ombro e alcançando a nuca.

Pavor, medo, morte. Desespero, gritos, uma multidão afugentada. Explosão, pólvora, corpos caindo. Ninguém teve tempo de entender o que acontecia.

Edgar retornou ao mundo físico em um solavanco.

— Cacete, que bagunça.

Suas pálpebras doíam, pois tinha feito força demais para entender a cena. Puxou uma lanterna que mantinha pendurada no cinto e cortou a escuridão com um facho de luz amarelada, andando calmamente até um dos corredores do teatro. Quadros de pinturas abstratas destacavam-se ao longo do caminho, e Edgar se perguntava se ele não entendia nada de arte ou se tudo aquilo era mesmo tão horroroso como lhe parecia. Até agradeceu quando enfim os murmúrios e gemidos começaram, algo que, para ele, era menos assustador do que a figura com cabeça triangular que o encarava de dentro da moldura.

Não vão embora, ainda não. Por que estão correndo?

O formigamento passou da nuca para a lateral da cabeça. Fechou os olhos e prendeu a respiração. Um zunido encheu os ouvidos à medida que o murmúrio se tornava cada vez mais caótico. Então, de um segundo para outro, o gemido melancólico deu lugar a um suave e melódico assovio. Edgar sorriu.

Seguiu o som, que coincidentemente ficava mais alto conforme a sensação térmica diminuía, até alcançar a porta do camarim principal. A maçaneta parecia congelar seus dedos ao mero toque. Quando adentrou, viu uma sala elegantemente decorada, com sofás vermelhos encostados na parede, uma mesa central de vidro com uma bandeja de prata repousada sobre ela, além do clássico espelho retangular junto ao seu enorme balcão e uma poltrona cara para o artista mais importante da noite.

Ali fazia muito frio, mas Edgar não parecia se incomodar. Brincava com a fumaça que escapava por entre os lábios, enquanto olhava cada detalhe a sua volta. O assovio tinha se silenciado.

Quanto tempo tenho? Nenhum? Quantos deles ainda restaram? Nenhum?!

Edgar abriu os olhos. Deitado no sofá aveludado, ele repousou a lanterna sobre a mesa central, deixando a luz atravessar a poltrona e refletir no espelho.

— O belo é podre, e o podre, belo sabe ser. Ambos pairam na…

Parou, de propósito, a frase antes de terminá-la. Esperou alguns segundos em silêncio.

— Não existe arte pela qual se possa adivinhar o caráter de um homem só em lhe observando a…

Dessa vez, ao interromper a frase, percebeu a poltrona mover-se sozinha. O frio também tinha aumentado.

— Que se enganem os outros com nossa aparência mais serena. Aquilo que sabe o coração falso, a cara falsa deve…

Já podia ouvir o murmúrio intenso retornando em seu eco interminável pelos corredores do teatro. A poltrona tremia como se ela própria pudesse sentir aquele frio. Edgar respirou fundo, concentrando todos os seus sentidos.

— Palavras só fazem soprar um hálito gelado sobre o calor das…

Da extremidade da pele até o interior de seu corpo, correu o calafrio, sendo tomado por uma inércia inatural que fazia cada aspecto perceptível parecer um sonho em que se estava prestes a acordar. Tinha fisgado seu alvo.

— *Ações.*

A voz, em um conjunto de delicadeza e angústia, veio da poltrona. Não exatamente do objeto claramente inanimado, mas da moça de rosto pálido sentada sobre ela. Edgar esperou alguns segundos antes de se levantar, fazendo-o vagarosamente, sem conseguir conter o sorriso idiota que insistia em permanecer em seu rosto, principalmente por seu truque ter dado certo.

— *Macbeth. Aprecia-o tanto quanto eu?*

A moça encarava Edgar através do reflexo do espelho, cuja luz da lanterna agora parecia mais apagada do que antes.

— Na verdade, não. Só decorei algumas falas que achei numa lista na internet.

A figura espectral franziu o cenho, mostrando confusão nos olhos.

— *In… Internet?*

— Ah, claro. — Edgar coçou a nuca, constrangido. — Peço desculpas. Só esqueça o que eu disse.

As feições da moça demonstravam tanto carisma que quase se esquecia da camada espectral que lhe cobria. Usava um vestido azul que ia até os pés, tão brilhante como poderia ter sido quando estava viva. Nas mãos finas, um pente tremulava entre a existente e a não existência enquanto arrumava o longo e trançado cabelo.

Edgar sentiu uma forte tontura, as pálpebras pesadas querendo se fechar. Não podia demorar muito naquela conversa.

— *Veio assistir a estreia do espetáculo?*

Não corram! Pra onde vão?! Pra onde estão indo?!

As paredes do camarim tremeram. O frio ficou ainda mais insuportável, alfinetando os nervos e os ossos. O espectro sumiu por um instante, circulando como uma névoa o entorno de seu visitante, que fazia de tudo para manter a compostura.

— A estreia?

A dúvida estava plantada, podia ver em seu rosto.

— *Sim, a estreia…*

— Mas já houve uma estreia, não houve?

— *Não… Eu…*

— O palco, as luzes, a plateia… Você os viu, todos eles.

— *Não… Não!*

Esticou uma das mãos na direção do espectro, tocando-a. O impacto o atingiu dentro da cabeça, projetando seus sentidos para um turbilhão de caos. As luzes cegantes do palco, as explosões engasgando suas primeiras falas, a plateia gritando quase em uníssono. Um choro estridente alimentado pela dor de uma existência que não só foi esquecida, como não teve

nem chance de mostrar-se ao mundo. Edgar concentrou sua mente em um único ponto dentro da nevasca que havia sido arremessado, conseguindo enfim se agarrar em algo.

Quando tudo se aquietou, ambos estavam de volta dentro do camarim. O espectro olhou para a mão de Edgar que estava repousada sobre a sua.

— *Eu… Sinto.*

Ao contrário da moça, Edgar não conseguia sentir a própria mão, adormecida.

— Camila, está na hora. O palco lhe chama e sua plateia — disse, apontando para si mesmo — o espera.

A moça sorriu em resposta, deixando resplandecer uma face legitimamente emocionada.

Edgar sentou-se na primeira fileira do teatro, esse iluminado por uma única luz que sobrevoava a figura no palco. Ele manteve sua total atenção na atriz, que exaltava suas falas em uma performance nunca antes presenciada. Camila ignorou as lembranças dos gritos e das explosões, deixando sua própria alma descansar aos olhos de sua plateia singular. Quando a cena terminou e o frio se esvaiu, Edgar levantou-se calmamente e dirigiu-se a saída.

"Atirador invade teatro e faz 12 vítimas. A atriz principal é uma delas". A manchete de um velho jornal dos anos 70 foi mais que o suficiente para Edgar ter quase certeza do que se tratava. Não havia receita melhor para uma assombração do que um fim traumático, uma situação inacabada e a deturpação de seu local de falecimento.

Quando o jovem empreendedor ficou convencido de que o profissional tinha realmente feito seu trabalho, quis trocar o valor combinado para o pagamento por um ingresso vitalício para qualquer apresentação artística dentro de seu estabelecimento.

A resposta de Edgar Corbine foi simples e categórica:

— Eu odeio teatros.



FANTASMAS DE ARTEMISIA

Fabiola Eichenbrenner

— E podemos afirmar, sem dúvidas, que "*Judith decapitando Holofernes*" é a obra mais famosa de Artemisia Gentileschi. — Beatriz apontou para a pintura exposta.

Os olhos curiosos do grupo de estudantes percorreram a pintura que retratava duas mulheres, uma de vestido azul índigo e outra de vestido carmesim intenso, trabalhando juntas para cortar a garganta de um homem cujo rosto transbordava profunda impotência e agonia, deitado em brancos lençóis manchados de sangue escarlate.

Para Beatriz, aqueles momentos eram a melhor parte de trabalhar no MASP. A empolgação e a curiosidade de alguns visitantes, o brilho em seus olhares e as ocasionais bocas escancaradas em admiração eram simplesmente incríveis. As pessoas podiam ser tocadas pela arte de tantas maneiras, e Beatriz não podia evitar sentir um calor agradável dentro dela quando guiava um passeio e os visitantes se conectavam ou se interessavam pelas obras de forma genuína. E isso se intensificava ainda mais quando ela explicava detalhes da obra de Artemisia Gentileschi, uma de suas pintoras favoritas, em exposição temporária no museu.

— Depois que Artemisia Gentileschi sofreu uma violência horrível, um abuso sexual, a pintora começou a capturar em suas obras mulheres fortes como heroínas, vítimas, guerreiras, e todo tipo de personagens femininas de fontes como a Bíblia ou mitologias, sempre adotando a perspectiva feminina, o que na época foi muito inovador. Atualmente, podemos considerá-la um ícone feminista, por seu olhar fresco e valorizador sobre o papel feminino em uma época em que a pintura, assim como as artes em geral, eram dominadas pelos homens. — Beatriz sorriu, encarou os estudantes por um momento e continuou: — E assim

termina a visita a esta secção da exposição. Na sala ao lado, vocês podem ver obras francesas e italianas do período renascentista e, posteriormente, pinturas modernistas brasileiras.

A professora responsável pelo grupo agradeceu a Beatriz e conduziu seus alunos para a sala ao lado, deixando para trás a guia do museu.

— Dia corrido? — uma voz atrás dela disse.

Beatriz sentiu uma mão em seu ombro. Virou-se e encarou Leandro.

— Cansativo, mas satisfatório à sua maneira. — Sorriu.

— O importante é que hoje é sexta-feira e vamos nos divertir. Quero te levar para um bar novo na Vila Madalena que é muito sua cara — disse Leandro, com aquele sorriso sedutor que deixou Beatriz com o estômago embrulhado, no bom sentido, claro.

Bem, a verdade é que naquele dia ela também estava um pouco nervosa. Na primeira vez que saíram, Leandro bebeu um pouco mais do que o recomendado, e suas mãos insistentes foram para lugares que Beatriz ainda não queria. Ela já tivera vários relacionamentos antes, mas queria tentar levar esse com mais calma, um pouco mais devagar. Não que isso fosse um relacionamento, é claro… eles estavam apenas saindo, ficando sem muito compromisso, mas, quem sabe, talvez podia evoluir para algo mais…

Forçou-se a parar seus devaneios. Talvez estivesse pensando e se preocupando demais. Ela já havia conversado sobre isso com Leandro e ele havia prometido que respeitaria seus limites. Ela podia confiar nele, né?

— Beleza. Te encontro depois do horário de saída em frente à entrada do museu? — disse Beatriz tentando não deixar aparecer a ansiedade.

— Perfeito. Vejo você em algumas horas. — Leandro deu-lhe as costas e voltou ao seu setor no museu, a exposição de fotografia.

***

Quando Leandro viu pela porta de entrada do museu que uma fina cortina de garoa cobria as ruas lá fora, xingou-se

internamente. Havia deixado o guarda-chuva na sala dos funcionários.

— Espere por mim aqui — disse ele dirigindo-se a Beatriz. — Já volto.

Voltou a adentrar o MASP, impaciente e com passos rápidos. Tentou se animar, pensando que, se tudo corresse conforme o planejado, Beatriz beberia bastante naquela noite e ele poderia levá-la para seu apartamento. Talvez, no dia seguinte, a garota nem se lembrasse da noite anterior… e ele sabia que também não reclamaria de nada. Afinal, ela era alguns anos mais nova que ele, algo ingênua e bobinha, sim, mas muito bonita, e era óbvio que tinha uma queda por ele. Querer levar as coisas mais devagar era apenas "mimimi". Tinha certeza de que a noite seria bem proveitosa para ele.

Distraído com aqueles pensamentos, caminhou pelas salas de exposição, passando entre as pinturas expostas. Era estranho andar pelo MASP naquele horário. O museu já estava deserto, a maioria das luzes apagadas, e um ar de mistério e abandono pairava sobre ele e as obras de artistas que viveram séculos atrás.

Ao longe, ouviu passos. Supôs que pertenciam a Seu Carlos, um dos seguranças noturnos do museu, então não deu muita importância. Ansioso pela noite que o aguardava, Leandro acelerou o passo e não demorou muito para chegar à salinha dos funcionários. Vasculhou os armários e encontrou seu guarda-chuva. Mesmo com as paredes grossas do museu, podia ouvir a chuva lá fora. Parecia ter se intensificado. Sem pensar muito, desligou as luzes da pequena sala lotada, saiu e trancou-a com chave.

Uma rajada de ar gelado roçou sua nuca, enviando um arrepio por sua espinha. Leandro ajeitou a jaqueta, desconfortável. Aquela havia sido uma sensação estranha, até um pouco desagradável, mas muito provavelmente foi apenas o mau funcionamento de algum ar-condicionado ou algo do tipo. Besteira.

Tentando clarear a mente e se animando com a ideia de Beatriz esperando por ele do lado de fora, caminhou entre as pinturas expostas, os olhos se ajustando à fraca iluminação do museu noturno. Se o caminho de ida até a sala de funcionários já fora

esquisito, o da volta era ainda mais, beirando o inquietante. As poucas luzes que estavam ligadas antes já haviam sido desligadas, e apenas o brilho fraco de algumas sinalizações de emergência permaneciam. Leandro pegou seu celular e acendeu a lanterna e, por um momento fugaz, sentiu que as pinturas o encaravam, os olhos seguindo cada passo que dava.

Besteiras e mais besteiras, pensou e continuou avançando. *Ainda bem que vou beber hoje.*

Mesmo tentando pensar nas possibilidades promissoras daquela noite, um mau pressentimento parecia assombrá-lo. Sentia olhos perfurando sua nuca, mas quando se detinha e olhava para trás, não encontrava nada, ou ninguém.

Estou sendo um idiota, pensou, nervoso. *É a falta de sono dos últimos dias.*

Suas tentativas de se acalmar eram ineficazes e, por algum motivo que não entendia completamente, continuava sentindo que alguém o observava, de modo que, à medida que caminhava, seus passos ficavam cada vez mais rápidos e pesados, sua respiração mais agitada e ruidosa.

Seu sangue gelou quando, não muito longe, ouviu o som de outros passos. Leandro parou abruptamente e limitou-se a ouvir e identificar de onde vinham, tarefa difícil considerando que seu coração batia freneticamente em seus ouvidos. Inspirou e expirou profundamente. Aqueles não eram os passos de Seu Carlos. O homem mancava, e os passos que chegavam aos ouvidos de Leandro eram leves e fluidos.

Viu uma figura ao longe e suspirou, aliviado. Uma mulher caminhava entre as pinturas, parando de vez em quando na frente de alguma e observando atentamente os detalhes. De longe, Leandro podia ver que a visitante do museu usava um vestido vermelho, e cabelos castanhos emolduravam seu rosto, caindo em cascatas e chegando até sua cintura. Aproximou-se dela.

A mulher devia ter mais ou menos sua idade. Era bonita, com olhos profundos e uma postura segura, e se não tivesse um compromisso marcado com Beatriz, talvez ele a convidasse para sair. Porém, sua colega de trabalho era mais jovem e, com certeza, mais maleável.

— Moça, o museu já está fechado — disse Leandro. — Não deveria estar aqui.

Se a mulher o ouviu, decidiu ignorá-lo. Seus olhos estavam fixos na pintura à sua frente. Com um misto de curiosidade e indignação, Leandro viu que era "*Judith decapitando Holofernes*" de Artemisia Gentileschi.

— Considero que é uma das melhores pinturas da exposição… — a voz da mulher era suave e fria. — A vingança, o sentimento de justiça impregnado em cada pincelada, a expressão de terror e impotência da vítima…

— Ah, você também deve ser fã de Artemisia — disse Leandro pensando em Beatriz e lembrando seus planos para aquela noite. Impaciente, acrescentou: — A verdade é que me parece um pouco superestimada. Só querem lhe dar destaque porque era uma mulher. — A visitante o encarou com um olhar gélido, e ele deu de ombros. — Não importa. O museu já fechou. Por favor, acompanhe-me para a saída.

Leandro quis colocar a mão direita no ombro da mulher, mas, ao tentar fazê-lo, seus dedos não se encaixaram na curvatura de carne e osso. Ao contrário, passaram por ela sem que ele sentisse nada, como se aquela mulher não fosse sólida, mas feita de fumaça ou vapor.

Um sorriso macabro se desenhou no rosto da mulher e, tomado pelo terror, Leandro começou a correr. Um arrepio percorreu suas costas quando uma risada estridente chegou aos seus ouvidos, os cabelos de sua nuca se arrepiaram e o homem tropeçou, caindo no chão.

Os passos ao redor dele se intensificaram. Já não era apenas a mulher de vestido escarlate. Várias mulheres o cercavam, todas pálidas, com olhares perdidos e vestidos compridos e coloridos da época barroca, avançando até dele com passos lentos, mas seguros. Como a primeira, elas não pareciam sólidas, uma aura fantasmagórica e misteriosa as envolvia.

Leandro quis gritar, mas não conseguiu, o alarido se perdeu em algum lugar entre a boca e a garganta. O homem apenas pôde ver o brilho metálico de uma adaga e sentir o gosto de sangue em sua língua.

***

Beatriz estava exausta, morrendo de sono. Passara a noite em claro. Leandro fingira ir buscar o guarda-chuva na sala dos funcionários e, de alguma forma, saiu do museu sem que ela percebesse. Quando ela entendeu que havia levado um bolo dele, lhe enviou várias mensagens, furiosa, e foi para casa. Ele não respondeu, nem sequer visualizou.

Esperava que naquela manhã ele tivesse uma boa explicação, mas isso teria que esperar. O primeiro grupo de visitantes do museu havia chegado e mais um dia agitado começava no MASP. Beatriz se preparou para dar suas explicações rotineiras sobre as obras expostas. Pelo canto do olho, viu a pintura de "*Judith decapitando Holofernes*" e, por um instante, pensou ter visto o rosto exasperado e aterrorizado de Leandro no lugar do homem da pintura.

Esfregou os olhos. Tinha que pegar um café logo.

FUGA E LIBERDADE

Rodrigo Ortiz Vinholo

Naquele ano, Takeo não sabia o que fazer de sua vida. Enquanto a maior parte das pessoas parecia ter esperanças e planos, ocupando-se com trabalho, estudos, relacionamentos e todo tipo de projeto, ele se sentia paralisado em um trabalho de escritório e uma melancolia que não o levava a lugar algum. Muitos se animavam com os grandes eventos de 2018, a Copa do Mundo se aproximando e as eleições no fim do ano, mas nem esses pareciam servir para animá-lo.

A angústia constante era aliviada apenas quando se distraía com os passeios de bicicleta noturnos. Tudo começou por conta da insônia: certa noite, cansado de se revirar em sua cama, decidiu sair de casa para espairecer.

O bairro da Liberdade era seu lar desde criança. Antes, vivia com a família, mas a vida adulta e o desejo de independência fizeram com que arranjasse seu próprio apartamento à beira do bairro. Não era grande ou particularmente bom, mas, por algum tempo, achou que isso adicionaria algum sentido ao vazio que sentia. Estava errado, mas, ainda assim, talvez por familiaridade e certa nostalgia, descobriu que as ruas conhecidas e a Praça da Liberdade lhe traziam certo alívio.

O primeiro passeio foi sem rumo. Pela falta de comércio, a preocupação com a segurança e mil outros fatores, o bairro, à noite, era cheio de ruas desertas. Mesmo a região mais próxima ao metrô, com a Avenida, a Praça, mais ruas como a Galvão Bueno e a Rua dos Estudantes tinham poucos transeuntes e uma ou outra pessoa em situação de rua.

Havia paz naquele espaço melancólico, por vezes, com lixo deixado pelo descuidado movimento do dia levado pelo vento que fazia rodamoinhos no ambiente vazio. O contraste era o que mais chamava atenção: parecia incrível pensar que aquele ponto

turístico, sempre tão cheio e caótico, podia ter um momento de paz. Takeo não tinha certeza, mas suspeitava que era isso que trazia a tranquilidade que precisava para finalmente dormir.

Depois da primeira noite de sono tranquilo em tempos, o passeio noturno se tornou um hábito. Praticamente toda madrugada o jovem angustiado saía com sua bicicleta, deixando sua mente parar de pensar enquanto passava pelas ruas vazias.

Takeo nunca sentia medo. Era fácil ver se havia algum estranho que poderia ser um assaltante e, de toda forma, tais figuras eram raras, como se até mesmo o crime dormisse naqueles horários, ou como se ele não tivesse muito a oferecer no caso de alguma abordagem. Tentou até imaginar o que faria, caso apontassem uma arma para ele, mas, mesmo afastando o perturbador pensamento de que talvez a morte fosse uma saída para a vida sem sentido que levava, tinha noção de que não tinha muito a perder, mesmo que levassem tudo que tinha.

Mas foi quando sentiu medo, vendo a figura sombria, que passou a mudar de perspectiva sobre a própria vida e o que poderia acontecer com ela.

Era uma madrugada de quarta para quinta-feira. O caminho noturno pela Praça da Liberdade cumpria sua função de afastar a insônia, cansando o corpo e distraindo a cabeça o suficiente da falta de significado para que conseguisse desligar. Mas então viu alguém correndo, atravessando a Praça da Liberdade, e soube imediatamente que não era uma pessoa. Ou, ao menos, não uma pessoa como as que estava acostumado a ver. O pensamento foi em seguida tratado como absurdo pelo seu lado racional, e foi isso que fez com que continuasse olhando.

Parecia a sombra de uma pessoa. Mais ou menos da mesma altura de Takeo, a figura tinha dois braços, duas pernas, uma cabeça, um tronco, e apesar da escuridão da noite, conseguia ser ainda mais escura, a ponto de contrastar mesmo nos pontos que ainda eram distantes aos postes. O ser corria, sem parecer ter notado Takeo, ou ao menos não dando atenção a ele, e ia em direção à descida da Rua dos Estudantes.

Takeo não sabia se aquilo era uma alucinação, se seu estado mental e emocional degradado finalmente estavam chegando a um ponto em que estava vendo coisas, mas notou que tinha

mais medo de que fosse real, do que de que fosse loucura. Estava acostumado a lidar com as próprias limitações e estranhezas, mas descobrir algo como aquilo no mundo era demais.

Quando o homem (pois supôs que fosse um homem, pelo tipo físico) passou logo abaixo da luz de um poste, sua figura ficou discretamente mais nítida, mas ainda longe de ser identificável. A única coisa que ficou mais clara quando ele o fez foi notar que havia outras imagens ao redor. Muito mais sutis, as sombras cercavam a que fugia, com rostos enormes e bocas abertas, ou como manchas disformes e ameaçadoras. Braços, então, se estendiam, alguns ligados a corpos, outros surgindo do nada, e seguravam cordas conosco. Forcas. A ameaça crescia, e aquela sombra em fuga claramente temia perder a vida que sequer parecia ter.

Era difícil saber qual seria o risco de se envolver, mas Takeo em instantes começou a pedalar. Conduziu a bicicleta pela praça, descendo para o asfalto, mas, quando desceu o começo da quadra atrás do grupo de assombrações, era como se nenhuma delas jamais tivesse aparecido por ali.

O jovem olhou ao redor, mas não havia movimento, nem assombração, nem nada fora do lugar. Um ruído surpreendeu-o, então, mas era um homem, deitado enrolado em trapos e papelão, encostado na porta de uma loja. O sem-teto resmungou algo sobre Takeo e sua bicicleta e voltou a dormir. Ele decidiu voltar para casa, então, mas não antes de notar a placa que indicava a Rua dos Aflitos.

De volta ao apartamento, não dormiu. Em vez disso, pesquisou sobre a história do bairro da Liberdade e, assim que descobriu uma possibilidade que indicaria a origem daquelas sombras estranhas, não parou de pesquisar.

A Praça da Liberdade já havia se chamado, no passado, Largo da Forca. A Igreja das Almas, ou Igreja da Santa Cruz, era a Igreja da Santa Cruz dos Enforcados. Todo aquele lugar havia sido um importante centro de punição e execução de negros escravizados no terrível passado do Brasil. Era lá que senhores matavam escravos, aproveitando o espaço público para que todos vissem.

Ele havia ouvido algumas das histórias quando criança, mas eram versões simplificadas. O próprio nome do bairro, por exemplo, vinha por conta de um militar negro, conhecido como Chaguinhas, que era um alforriado. Apesar de ter subido na vida, bastou liderar uma revolta contra o não recebimento de salários para que fosse levado até lá para ser enforcado. Dizia a lenda popular que a corda arrebentou três vezes, fazendo a população gritar por liberdade, dando o nome ao bairro e tornando o rapaz um santo popular, mesmo depois de morto a pauladas. A Capela dos Aflitos, parte do Cemitério dos Aflitos, era a única que aceitava negros, indígenas e enforcados, e para lá, Chaguinhas foi levado, como tantos antes dele.

Takeo descansou um pouco e logo era dia outra vez, mas a vontade de desvendar aquela aparição deu a ele força para se manter de pé. À luz do sol, a ideia do mistério parecia simultaneamente mais absurda, mas mais fácil de pensar. Ele se perguntava quem era a figura perseguida e os perseguidores. O mais provável, pensava, era que fosse um escravo, sofrendo até depois da morte. O soldado famoso também era uma possibilidade, mas não tinha nada que indicasse que fosse ele.

A ideia de descobrir mais sobre o caso, de desvendá-lo de alguma forma, de talvez ajudar uma alma-perdida, tudo isso agradava Takeo. Trazia um sentimento de propósito que se sentia incapaz de identificar em qualquer outra coisa.

Naquela noite, mesmo cansado, repetiu o passeio noturno, determinado a encontrar aquela sombra em fuga. Novamente, tudo estava quieto. Novamente, ele vagou pela praça vazia. E novamente a sombra apareceu, correndo.

Takeo não hesitou: avançou com a bicicleta em direção à figura, o celular com a câmera ligada e a lanterna apontada. Determinado a se aproximar, alcançou o homem sombrio ainda na praça e, ainda que as outras formas ameaçadoras surgissem ao seu redor, aguentou firme e ultrapassou o grupo, tentando filmá-los de frente. Girando e parando antes da descida da Rua dos Estudantes, notou uma coisa: os fantasmas não apareciam na câmera. Antes que pudesse parar para pensar se aquilo era um sinal do sobrenatural ou da loucura, sentiu uma mão em seu ombro.

Olhando para trás, assustado, o jovem se viu de frente com um par de olhos fundos, em um rosto que flutuava no ar, disforme. Ele segurou o grito, conforme notou que havia outros, todos encarando-o atentamente. Devia fugir? Devia tentar se desvencilhar? Incapaz de tomar uma decisão, olhou na direção em que o perseguido vinha, e viu que ele havia estacado a poucos metros de distância, olhando para a luz do celular. Ao redor dele, as figuras disformes também encaravam, rostos estranhos, mãos soltas ou segurando forcas.

O plano tinha sido descobrir alguma coisa. E, naquele momento, mesmo temendo por sua vida, ele descobriu. À luz da lanterna do celular, ou talvez por poder de sua atenção, a figura sombria desvelou-se: era um homem branco, com bigode e uniforme de outra época, que parecia tão assustado quanto sua corrida sugeria. Com essa revelação, Takeo olhou para as figuras ao redor, e elas também se revelaram aos poucos. Eram homens negros. Escravos vestindo trapos.

Sem palavras, assim, o homem magro, que tocava em seu ombro, explicou a verdade. Haviam sofrido em vida, haviam sido enforcados ou mortos de outras formas cruéis por resistir ao sofrimento, e a dor havia sido tamanha que muitos deles continuavam ali, mesmo séculos depois. O homem que fugia era uma alma-perdida de outro tipo: era o algoz, que, por medo e por suas próprias pendências, havia continuado ali e era perseguido pelos que em vida matou ou ajudou a matar.

Aquela vingança, transmitia o homem magro, era o que conseguiam fazer. Não conseguiam se livrar daquele mundo, não importava quantas vezes acabassem com aquele homem, nem quanto sofriam novamente as agruras de suas vidas. Mas a atenção de Takeo era algo que nunca recebiam, por ali, naquele lugar, normalmente tão cheio. E a luz que ele trazia, com propósito de iluminar suas figuras, era diferente de qualquer poste.

Takeo entendeu. Os escravizados, presos, vendo que ele entendeu, fizeram uma súplica silenciosa e, no instante seguinte, se voltaram contra o algoz, que não conseguiu correr a tempo. O jovem não tinha nenhuma pena de um escravizador, mas não foi com satisfação que assistiu o linchamento, sabendo que aquilo provavelmente havia acontecido milhares de vezes,

sem qualquer solução. Quando eles acabaram, todos sumiram, e restou apenas um novo propósito.

A partir daquela noite, Takeo tinha uma missão que tornava seus dias mais toleráveis. Quase toda noite, seguia para passeios noturnos, deixando oferendas, velas e, de vez em quando, incenso para as almas dos escravos que ainda residiam ali presas. Nunca fora religioso, então não tinha muito método em suas tentativas, mas apostava nas próprias boas intenções.

Os encontros com os mortos seguiam frequentes. Às vezes, pareciam mais conscientes dele, outras vezes menos, mas Takeo acreditava que estava fazendo a diferença.

Foi um desdobramento natural, disso, que o jovem passasse a ajudar outros tipos de almas-perdidas na Liberdade: as pessoas em situação de rua. Fazia o que podia, distribuindo marmitas, cobertores, roupas. De pouco em pouco, paralelamente às suas oferendas aos mortos.

Com o passar dos meses, Takeo juntou-se a uma ONG que conheceu em uma das incursões noturnas e passou a atuar de modo mais organizado pela comunidade das ruas do bairro e de regiões adjacentes. Suas orações, velas e oferendas aos mortos, porém, seguiram como segredo, feitas em cantos do bairro, especialmente próximo à Rua dos Aflitos.

No fim do ano de 2018, como que, por efeito acumulado, algo aconteceu. Uma reforma em um terreno próximo à Capela dos Aflitos descobriu algo inesperado para todos da região: ossadas que, ganhando a atenção de especialistas, foram entendidas como dos antigos escravos enterrados na região.

Houve certa curiosidade em torno do caso, e repercussão nos jornais, mas menos do que Takeo esperava. Ainda assim, em seu silêncio, ele estava satisfeito, com a certeza de que havia ajudado. A confirmação veio nas noites que se seguiram, com cada vez menos almas-perdidas, até que o bairro pareceu perder esse tipo de inquietude, mantendo apenas a dos vivos em todas as suas condições.

Takeo, com um propósito em sua vida, seguiu vivendo por si mesmo e pelos outros. Ele não esqueceu os mortos, mas com as almas perdidas libertas com as ossadas desenterradas e suas histórias ao menos um pouco mais claras à população,

ele passou a se concentrar nos injustiçados vivos, a quem tinha mais poder para ajudar.



HERANÇA

Higor Lobo

Marta sempre trabalhou no centro de São Paulo desde que começou a sua vida de proletária, antes deste emprego na Santa Ifigênia, trabalhou alguns anos na Sé. Sua família, descendente de Bandeirantes, tem alguns imóveis no centro da cidade, então mora em um deles, fica mais fácil para chegar até o trabalho. Eles antigamente eram muito bens de vida, mas o seu avô começou a gastar dinheiro demais com jogos e acabaram perdendo muita coisa.

Lembra-se de quando era criança e corria pela mansão dos seus avós na Bela Vista em São Paulo, nas paredes, vários retratos em tinta a óleo dos seus ancestrais que dominavam aquelas áreas, homens fardados, imponentes, pareciam retirados de alguma história de algum clássico literário brasileiro. Hoje, seus avós têm uma casa comum, pois tiveram que vender maior parte dos bens. Inclusive, Marta teve que começar a trabalhar, algo que quando era adolescente, nunca achou que fosse precisar fazer. Conseguiu um emprego em uma loja do amigo de seu pai.

Ela começou a passar todos os dias pelo Viaduto do Chá, que atravessa o Vale do Anhangabaú no centro de São Paulo, conecta o Centro Velho ao Novo. Construção que foi muito importante para a evolução da cidade, no decorrer da história, passou por várias modificações até chegar no que é hoje, um cartão-postal paulistano.

Marta ia em eventos religiosos e missas esporadicamente, nunca acreditou em fantasmas e nem nada do tipo, sempre foi muito cética, apesar de se dizer católica. Mas acontecimentos recentes começaram a fazê-la mudar de ideia.

Tudo começou quando um dia, passando pelo viaduto, viu um homem aparentemente indígena, com as vestes à caráter, um cocar majestoso com penas vermelhas. Parado, com os

olhos vidrados à sua frente. Ele parecia ser um daqueles artistas que se fingiam de estátuas para ganhar dinheiro, o estranho é que havia furos no seu corpo que pareciam estar sangrando, muito provavelmente um daqueles ativistas que faziam isso para chamar atenção, um realismo muito convincente, Marta odiava essas pessoas, achava perda de tempo. Quando ela passou por ele, os olhos antes vidrados, agora a acompanhavam conforme ela passava. Ninguém parecia se importar com a presença dele, ela também o ignorou sem sequer olhar para trás.

A partir desse dia, ela começou a ter uns sonhos estranhos, estava sempre à beira do que parecia ser um rio, mas ouvia muitos gritos e sons de tiro. Alguns gritos pareciam ser de alguém com um sotaque muito forte de Portugal e outros ela não conseguia distinguir o que diziam. Geralmente, os sonhos acabavam com ela tentando fugir em direção a água, mas a água começava a subir e a tomar uma coloração vermelha e de um líquido fluido se tornava mais espesso. Às vezes, acordava quando estava quase se afogando, outras vezes nem chegava a encostar na água, algo a atingia por trás de suas costas e atravessava o seu corpo, quando ia olhar para baixo, acordava ofegante.

Acabava dormindo muito mal, tendo vezes que perdia a noite inteira de sono. Alguns dias se atrasou no trabalho por só conseguir dormir com o dia quase amanhecendo.

Fazia alguns dias que tinha visto o suposto índio no viaduto, estava indo trabalhar, passando pelo mesmo local, e dessa vez, não encontrou um homem e sim, uma mulher. Mas, desta vez, ela estava nua, com marcas vermelhas em seu corpo como se fossem mãos que a apertaram fortemente, seu cabelo totalmente desgrenhado, como se tivesse acabado de sair de uma briga. Ao chegar mais perto, Marta encontrou uma expressão inerte, como se estivesse em choque, mas seu olhar uma tristeza profunda, nos quais escorriam rios de lágrimas que caiam pelo seu corpo, ao seguir as lágrimas, percebeu que dentre as pernas dela, havia um rastro de sangue que se espalhava pelo chão. Marta achou aquilo muito desnecessário, essas "feministas imundas" como costumava dizer, "perderam a noção de vez!". Estar ali daquela forma só para chamar a atenção era o cúmulo do ridículo.

Assim como o homem, ao passar por ela os olhos acompanharam Marta, mas quando estava bem na frente, a mulher ergueu um braço em direção à Marta e disse algo em uma voz quase inaudível, a vontade de ignorá-la e simplesmente ir embora era grande, mas aproximou para tentar ouvir, para que pudesse recusar qualquer coisa que ela pedisse. No entanto, ao se aproximar, o rosto da mulher se transformou em uma expressão de sofrimento extremo e então um grito vociferante surgiu dela, era tão alto e irritante que Marta instintivamente tampou os ouvidos e fechou os olhos. Isso durou alguns segundos até que o som do grito foi abafado como se alguém a tivesse calado com a mão na boca e ela tentava gritar mesmo assim. Ao tentar olhar de novo, a mulher já não estava mais lá e nem o sangue que escorria dela para o chão. Algumas pessoas que passavam por ali olhavam para Marta como se ela estivesse com algum problema, mas também não faziam questão de ajudar.

Os sonhos agora mudaram, ela parecia estar em uma cama, em um quarto totalmente escuro, mas não estava sozinha, ouvia choros de mulheres por todo o lado, mas não via nada. Às vezes, ouvia risadas de homens, seguidas de sensações de estar sendo tocada, em todas as partes do seu corpo, aquilo era assustador e sufocante, sentia um medo indescritível, um sentimento de impotência.

Desde o primeiro dia dos pesadelos, não conseguia dormir direito, estava até tomando alguns remédios que comprou na farmácia para ver se a ajudava a dormir mais tranquilamente, nada resolvia. Até quando estava acordada, relembrava dos sonhos, as vezes parecia até sentir a presença deles.

No seu trabalho, as pessoas já começaram a se preocupar com ela, perguntavam se estava tudo bem, se precisava de algo, porém Marta nem sabia como explicar o que estava acontecendo.

Até que um dia conseguiu dormir perfeitamente, sem pesadelos. Quando passou no viaduto, nada de diferente havia lá, trabalhou normalmente como não fazia há dias. Na saída do trabalho, passou em algumas lojas, tudo parecia normal novamente.

Retornando para casa, passou pelo famoso viaduto, naquele horário, não tinha um fluxo muito grande de pessoas, ela

começou a ouvir o que seria um cântico indígena, com tambores, risos de mulheres e crianças. Seu corpo começou a se mover quase que involuntariamente, caminhava pelo viaduto se guiando pelo som e se aproximou da balaustrada. Ao olhar para baixo, não via mais o habitual Vale do Anhangabaú que conhecia, mas sim um rio e indígenas em volta dele, sorrindo, cantando, vivendo. Até que ouviu tiros e eles começaram a correr, homens armados atiravam nos índios desarmados, nas mulheres, em crianças, muitos que foram atingidos corriam para o rio fazendo com que seu sangue escorresse para a água e começasse a torná-lo vermelho. Um destes homens, que parecia comandar os demais, lembrava muito ser alguém das fotografias que via nas paredes da mansão dos seus avós. Ele sorria enquanto berrava ordens de execução.

Cada vez mais Marta se aproximava da balaustrada do viaduto, seu corpo a fez subir e ficar em pé nela e com uma força que não sabia que tinha, subiu mais ainda em colunas que se projetavam da base do viaduto até acima do patamar de onde as pessoas passavam, fazendo-a ficar no local mais alto da estrutura. Virada para o vale, seus pés instintivamente pararam bem no limite. Ela não era boa com números, mas sabia que estava a vários metros de altura ali, sentia o vento em seu corpo, com ele, vinha todo o som de desespero que ouvia de lá de baixo.

Continuava a ver os homens perseguindo-os, eles encurralavam mulheres dentro de suas casas feitas de material rudimentar e de lá de dentro só ouvia o grito desesperado delas, algumas casas pegavam fogo mesmo com pessoas dentro delas. Muitos daqueles homens pareciam se divertir, com o mesmo entusiasmo que viu naquele em que comandava a ação. Marta sentiu seus olhos escorrendo algo, passou a mão para secá-los e viu sangue, isso não era relevante em comparação com o que estava a sua frente, mesmo assim voltou sua atenção para a cena horrenda que via.

Parecia ouvir a chamarem atrás de si, mas não conseguia se importar com elas, estava vidrada, de alguma forma podia sentir tudo o que estava acontecendo com aquelas pessoas que sofriam, não sabia o que fazer, não havia nada que pudesse fazer, então fez o que podia e o que parecia certo, deu um passo à frente.

NO DÉCIMO SÉTIMO ANDAR

Felipe L. Cavalcante

Para começar pelo final:

André pegou um copo de papel e a lata, depositada a cerca de cinco minutos atrás na mesa com tampo de fórmica e que suava gotas de água fria. Despejou uma quantidade no copo e bebeu um longo gole de Coca gelada e borbulhante.

O seu estômago ainda se revirava, enquanto sua mente desenrolava-se como um rolo de filme, projetando novamente cada momento que tinha se passado.

Por um momento, sua mão quase alcançou o celular em seu bolso.

Talvez devesse contar para alguém…, mas quem acreditaria?

As mãos ainda tremiam um pouco. Bebeu outro longo gole do refrigerante.

Respirou fundo e olhou em torno da lanchonete quase vazia.

Estava sozinho, mas sentia-se seguro ali. Sim, estava seguro.

As outras mesas vazias, o som do tráfego noturno na rua, as lâmpadas fluorescentes com luz branca. Tudo isso lhe trouxe um conforto, como se retornasse para uma realidade concreta, trivial e ordinária.

Talvez até mesmo aquilo tenha sido fruto de sua imaginação. Embora, bem no fundo, soubesse que isso não era verdade.

Bebeu mais um gole e perguntou-se onde estava a garçonete.

Talvez se comesse alguma coisa não se sentiria tão fraco, além de poder gastar algum tempo, pois ainda não queria se aventurar na noite escura e friorenta, antes de retornar para o seu apartamento.

Foi assim que tudo terminou. Agora só faltavam o início e os detalhes.

***

A capital paulista era um lugar cinzento, enorme, por vezes hostil, e, ainda assim, cheia de possibilidades.

Uma metrópole que lhe confundia e encantava todos os dias em partes iguais.

As luzes de um centro urbano não lhe eram estranhas, ao contrário do que o comentário silencioso contido no olhar de alguns paulistanos pudesse dizer quando falava que tinha vindo da Região Norte do país.

Tinha se mudado há poucas semanas para um pequeno apartamento – simples, mas barato e aconchegante – e apesar de poucas semanas em São Paulo, André já tinha aprendido o que gostava e o que não gostava naquele lugar.

O ar poluído, o ruído constante do trânsito e o estranho fato das pessoas ali não acharem normativo um vidro de condimentos vindo com os lanches. Tudo isso era diferente, de algum modo que tornava a mudança em sua vida uma fantasmagoria.

Uma das coisas que decididamente não gostava era o fato de que tudo que ficava longe parecia ficar muito longe.

As linhas de metrô lhe eram ainda um mistério completamente incompreensível, um enigma da esfinge que o devorava diariamente e que se tornava pior quando começou a perceber o fato de que a noção de alguma ordem existente nos mapas nas estações era apenas uma ficção que todos aceitavam socialmente, e que nenhuma daquelas indicações realmente servia para compreender o lugar onde vivia agora. Por vezes, André se sentiu tentado a usar um pequeno guarda-chuva branco com o mapa da rede metroviária da cidade impresso – cada linha de uma cor e cada estação e bairro com seu nome – que tinha ganhado de uns amigos e com isso, ficar parecendo um turista multicolorido e perdido.

Para evitar isso, ainda estava decorando apenas os números dos ônibus e os pontos menos perigosos para pedir um carro por aplicativo.

Nas tardes de sexta, quando retornava mais cedo do escritório de finanças em que estava trabalhando, sentava-se em sua varanda e bebia uma taça de vinho.

Dali, observava a noite azul anil engolindo o dia e contrastando com as luzes da cidade sempre insone.

Aquilo era uma das pequenas coisas que gostava em São Paulo.

Era um lugar para se viver – uma cidade suja, vivaz e contraditória, e, quando vista de algum ponto mais no alto, muito bonita.

***

Foi no quinto mês, no entanto, que recebeu a notícia de que estava sendo demitido.

A notícia surgiu com um susto. Duas semanas de boatos e conversas entre os ex-funcionários sobre uma investigação na clareza das notas fiscais da empresa, e, aparentemente, o caso tinha sido tão feio que a solução mais simples foi ceder uma mínima quantia de seguros-desemprego e perder os funcionários que mantê-los ali.

A ansiedade corroeu o seu estômago como se fosse ácido borbulhante.

Aquilo foi uma surpresa desagradável, mas ele ainda conseguia manter-se.

O seu aluguel estava três meses adiantado (uma cortesia que tinha feito a si mesmo, pois tinha se planejado com cerca um ano de antecedência para a mudança), mas ainda assim, precisava de um novo emprego.

No mercado, cada vez mais se deparava com pessoas conversando com as prateleiras. Olhavam, olhavam, mas não levavam nada.

O preço da comida estava subindo e ele precisaria de dinheiro com urgência.

Por isso, em uma terça-feira, pegou o caminho mais rápido que conhecia com uma pasta na mochila cheia das cópias dos seus documentos em mãos e seguiu até o lugar que tinham lhe recomendado.

No centro da cidade, sempre havia calor, aglomeração de pessoas e o barulho do tráfego.

Mas, naquele dia, estranhamente conseguiu chegar aonde queria com rapidez. Algo muito incomum para um lugar conhecido pelo trânsito infernal.

Um relógio antigo, ainda funcionando, erguendo-se como uma espada para cima ao lado do edifício o recepcionou ao chegar.

O Edifício Martinelli era antigo e de proporções colossais com suas quatro faces compridas e lhe passava um aspecto gótico com sua cor baça, janelas incontáveis e topo laboriosamente feito. Sentia como se aquele lugar fosse a relíquia de um tempo perdido.

Agora tinha se tornado um prédio comercial, com seus aposentos transformados em escritórios de empresas de pequeno a médio porte.

Por isso, não achou tão estranho quando recebeu uma mensagem para que se dirigisse ali a uma oportunidade de emprego.

Olhou de cima para o imponente prédio e levou alguns minutos até descobrir onde deveria seguir.

Apresentou o seu RG e lhe informaram de que devia seguir por um caminho e subir até o andar de número 17º.

O elevador era um modelo antigo com portas metálicas duplas.

Entrou e apertou um pouco mais forte a alça da mochila onde guardava os seus pertences quando o elevador deu aquele suave e quase imperceptível tranco no ato de começar a subir.

No décimo sétimo andar, as portas abriram-se.

Quando saiu, virou-se por um segundo. Achou ter ouvido um ruído. Um tipo de rangido misturado com um estalo. Como que vindo do fosso do elevador, ou mesmo, de dentro da parede do Martinelli.

Encarou a porta do elevador que se fechou por um, dois, três segundos.

Mas devia ter sido a sua imaginação…

Então, dirigiu-se até o lugar indicado e bateu à porta com os nós dos dedos.

Esperou, esperou e esperou.

Derrotado, apenas decidiu ir embora.

Foi depois de cerca de trinta minutos esperando que concluiu que o elevador devia ter enguiçado no caminho e percebeu que teria de descer pela escadaria do prédio.

Os ombros já caíram com desapontamento.

Olhou para o corredor vazio novamente e viu uma das luzes do corredor começar a piscar – se acendendo e se apagando.

Uma mariposa tinha conseguido ficar presa no vidro da lâmpada fluorescente e se debatia em sua armadilha.

Era apenas isso, e mesmo que não fosse isso, era apenas um prédio velho, antigo, cuja fiação que já não devia ser a mesma por décadas – um prédio velho, e como todo lugar desse tipo, com seu aspecto inquietante. Apenas isso.

Dirigiu-se para a porta que dava nas escadas e tomou o caminho de emergência.

Se for para descer esse prédio inteiro em escadas, então que seja rápido. Ou vou ficar aqui para sempre.

Começou a contar os degraus de forma decrescente, mesmo que não fizesse sentido e que não soubesse realmente a quantidade de degraus que aquele prédio podia ter, apenas imaginando quando deveria chegar até lá embaixo e seguir para sua casa.

Trezentos e quinze. Trezentos. Duzentos e cinquenta.

Ajeitou bem a mochila em suas costas. Saltando os degraus de cinco em cinco, e depois de tantos em tantos.

Duzentos e cinquenta. Duzentos e trinta. Duzentos.

O som claudicante de algo batendo. Um arrepio enregelante. Uma frialdade que envolveu o seu peito, fazendo cada pelo de seu corpo se levantar.

Uma longa sombra surgiu na curva da parede, subindo a escada, contra a luz artificial e amarelada.

Por algum motivo, André parou.

Então viu que era apenas uma moça. Cabelos loiros, vestido de bolinhas.

— Boa noite — disse em tom educado e a moça lhe respondeu, parando num degrau abaixo do seu. Olhos castanhos que o mediram de cima a baixo.

— Boa noite. O senhor mora aqui também?

— Perdão, na verdade, não moro.

A moça deu de ombros, sorriu.

— É que talvez o senhor tivesse visto o meu sapato. Eu o perdi e nem por todo chá da China não consigo achar.

— Perdão?

— Meu sapato — ela repetiu, sorrindo. Uma única gota de sangue caindo da sua narina esquerda para o lábio superior dela, escura e muito visível na penumbra.

— O seu nariz…

A moça passou as costas da mão debaixo do nariz, que pareceu uma tentativa de limpar, mas deixando uma mancha escura de sangue ainda maior em cima da boca…

— Está tudo bem — ela disse numa voz suave e distante.

Ele olhou para baixo e foi quando notou os pés dela. Um deles estava descalço e o outro ainda calçado por uma única sapatilha vermelha.

Como que por instinto, deu um passo para trás, afastando-se alguns centímetros dela, sem nem perceber que fazia isso.

— O que foi? É o meu sapato, não é? Eu o perdi e não estou achando…

Ela sorriu. Os dentes manchados de sangue, vermelho vivo contra o branco dos dentes. Os olhos estavam revirados para dentro do crânio, deixando apenas a esclera que, em algum tempo muito anterior, devia ter sido branca, agora amarelada.

Morta.

Ele disparou degraus abaixo, ainda ouvindo o ruído que escapava da boca dela, meio gemido e meio sucção.

Setenta… sessenta… cinquenta…

E o som claudicante, cadente dos passos dela, aproximando-se.

Desceu a escada o mais rápido que pôde.

Quarenta. Trinta e cinco. Trinta.

Rolou os últimos degraus, caiu para trás e bateu com a cabeça na porta.

Ergueu-se de um pulo, mas estava só ali.

Abriu a porta de emergência, empurrando-a com força, e, quando irrompeu na entrada, apressou-se até a saída. E foi-se.

***

A garçonete voltou e perguntou se ele desejava mais alguma coisa.

Olhou para as opções no cardápio envolto em plástico e manchado por uma leve camada de gordura.

Pediu um sanduíche de bacon e queijo cheddar e outra lata de Coca.

E pediu também um vidro de ketchup.



NOITE NO TEATRO

Flávia Mendes

É quase inacreditável onde vim parar. Meu maior sonho era brilhar, ser famosa e atuar nas melhores peças do Teatro Municipal de São Paulo. Depois de tantos sacrifícios e investimentos, eu enfim consegui entrar para o corpo do teatro, mas não como atriz e sim, como vigilante.

Ouvi algumas histórias esquisitas do que acontecia no teatro durante a noite. Até ouvi dizer que pessoas morreram lá, mas era muito difícil de acreditar.

O meu supervisor me mostrou toda a rotina e tudo o que eu deveria fazer ao longo do expediente, que era quase nada. De hora em hora, eu deveria realizar a ronda e verificar as portas.

Na minha primeira ronda com o supervisor, não consegui observar toda a beleza que existia naquele lugar. Então, quando a fiz sozinha, foi incrível. Observei cada detalhe do hall de entrada, imponente com a escadaria ao centro, estátuas e quadros históricos, além dos maravilhosos vitrais. Que imaginei o quão bonitos seriam de dia. Também fui à sala de concertos, salão nobre e salão dos arcos. Não me senti muito à vontade na área dos arcos, era subterrâneo, meio estranho, mas não aconteceu nada. Assim como nas outras rondas, até dar o meu horário.

No dia seguinte, no meio do meu turno, quando eu estava no salão dos arcos, comecei a ouvir vozes, uma música, vindo de algum lugar. Eu sabia que alguns artistas poderiam ficar até mais tarde ensaiando, mas eu tinha certeza de que não havia ninguém. Refiz o meu caminho para descobrir de onde vinha o som. E fui levada até a sala de concertos e entrei pela parte onde o público ficava de frente para o palco. Com certeza, era dali que vinha e acendi a luz da sala.

— Que merda é essa? Hei, como você entrou aqui? Você tem autorização?

Comecei a descer as escadas para ir até o palco, quando me aproximei, num piscar de olhos, o homem sumiu. Aquilo foi estranho, olhei ao redor e minha cabeça quase explodiu de tão nervosa que fiquei. Procurei em todos os cantos possíveis, até mesmo embaixo das poltronas. Fiquei em estado de alerta o resto da noite, mas nada mais aconteceu.

No dia seguinte, quando voltei para o teatro, achei melhor não comentar com ninguém o que eu teria supostamente visto. E se me perguntassem, negaria até o fim qualquer coisa. A noite estava transcorrendo bem, eu até tinha esquecido do que havia acontecido. Porém, mais uma vez, quando eu estava no salão dos arcos, ouvi a música e vozes. Corri o mais rápido que consegui. Ao chegar na sala de concerto, eu estava esbaforida, mas, dessa vez, entrei pelos bastidores. Sem fazer muito barulho e sem acender a luz, utilizando apenas minha lanterna, me aproximei.

Assim que cheguei perto o suficiente, iluminei na direção da voz, mais uma vez nada existia lá. Apontei minha lanterna para vários locais, mas não tinha ninguém. Acendi as luzes da sala e assim como no dia anterior, eu estava sozinha. Aquilo me deixou encucada. Um dia, tudo bem, podia ser coisa da minha cabeça, mas dois dias? Como isso seria coisa apenas da minha cabeça?

Três dias, quatro, cinco, uma semana havia passado e todos os dias o homem no mesmo horário surgia. Eu sempre tentando, de alguma forma, obter provas de sua existência, mas nada. Não consegui absolutamente nada. Consegui apenas ficar com a mente abalada. E cada vez mais estressada, eu nem dormia direito no meu pouco tempo livre. O pouco que eu cochilava, as imagens do teatro vinham à mente. Pensei em desistir do trabalho e nunca mais voltar naquele teatro, mas as contas não me permitiam.

Quando cheguei para trabalhar, no último dia, eu estava me sentindo um pouco diferente, algo me incomodava, mas pensei que fosse um pouco da ansiedade do que aconteceria em breve, assim como nos outros dias. Logo que entrei no teatro, me surpreendi por ver meu supervisor me esperando, achei até que seria demitida. Porém, ele estava ali para apenas me dizer que hoje eu não deveria entrar na sala de concertos, que ela deveria permanecer trancada a noite inteira, não importando

o que acontecesse. Era algo relacionado à pintura. Não entendi bem, ele foi meio vago, dizia coisas meio truncadas e quando tentei entender, ele simplesmente foi embora.

Decidi não obedecer às ordens do meu supervisor, afinal de contas, era só tinta e eu havia me preparado, tinha certeza de que dessa vez daria certo. Então, no horário da aparição, não fiz a ronda completa, fiquei apenas na sala de concertos, escondida atrás de uma das cortinas. Apontei meu celular na direção onde aquela coisa normalmente surgia e no horário exato, o homem apareceu. Ele se materializou na minha frente, usando uma capa longa preta, que deslizava pelo palco enquanto andava. Tinha um enorme bigode e algo pontudo em seus cabelos, me fazendo lembrar de chifres. Eu não reparei antes, mas assim que ele apareceu, o ambiente começou a esquentar. Comecei a gravar com o meu celular e quando olhei para o aparelho, para minha surpresa, uma luz forte avermelhada aparecia no lugar do homem no palco.

Por algum motivo, ele parou e olhou para mim. Havia raiva em seu olhar. Então começou a correr na minha direção. No susto, deixei meu celular cair no chão. Por breves minutos, pensei em tentar recuperar o aparelho, mas não deu tempo. O homem rapidamente chegou perto de mim. O calor que irradiava daquele ser era insuportável. Senti-me como se eu estivesse muito próxima a uma fogueira. Tentei correr, tentei fugir, mas não adiantou. De repente, fui projetada contra uma das paredes do teatro e ao olhar ao redor, aquela coisa havia sumido e me deixado com o corpo ardendo pelo calor e dolorido pelo impacto.

Levantei-me e corri para acender as luzes da sala. Eu estava assustada, ou melhor, apavorada. Peguei meu celular e saí daquele lugar. Quando cheguei no hall de entrada, o ser apareceu na minha frente, impedindo que eu chegasse até a porta. Afastando-me, corri até a primeira porta de saída de emergência na lateral. Eu não precisava olhar para saber que ele vinha atrás de mim, o calor intenso me acompanhava de perto. Toquei na maçaneta para abrir a porta, porém estava tão quente que de imediato me afastei, ouvindo a risada diabólica daquele homem.

Para onde eu tentava ir, aquele ser e o seu calor me acompanhavam. Demorei, mas percebi que ele de alguma forma

estava me encurralando para voltar para a sala de concertos. Quando cheguei no palco, ele sumiu mais uma vez, assim como o calor. Eu estava tão cansada, não aguentava mais tudo aquilo. Eu tinha várias bolhas pelo corpo e minhas costas doíam muito. Sentei-me no palco, tinha medo que se eu saísse dali, tudo voltasse a acontecer e diferente dos filmes de terror, eu não tinha mais condições de subir e descer escadas, correr de um lado para o outro.

Sem eu esperar, as luzes do palco se acenderam, uma música começou a tocar. No susto, só tive tempo de me arrastar um pouco para trás, na direção das cortinas. O homem apareceu, mas estava diferente, apesar de usar as mesmas roupas. Suas expressões eram suaves, porém seu olhar escondia alguma coisa. A música parou e ele começou a falar:

"Eu sou Mephistópheles. Mephistópheles é o diabo. E todos vocês são faustos. Faustos, os que vendem a alma ao diabo."

— Mas que droga é essa?

O homem continuou a recitar palavras desconexas que eu não conseguia entender. Eu o vi se encaminhando para os bastidores, então me levantei para aproveitar o momento. Desci os pequenos degraus do palco e levei um susto ao ouvir um baque. Engolindo em seco, criei coragem e me virei para ver o que era. Em seguida, soltei um grito desesperador e corri até a porta do lado oposto de onde ele estava pendurado.

Foi então que reparei que ela estava trancada. Engolindo em seco, forcei a porta enquanto sentia que o calor voltava e ele se aproximava de mim. Forcei, forcei e forcei. Bati, gritei até não poder mais e nada. Eu conseguia ouvir o meu supervisor do outro lado da porta, mas não entendia o que ele dizia. Quando dei por mim, eu estava no palco, no mesmo lugar do homem.

— Mas que droga! Por que essa menina não me obedeceu? Eu disse para ela não entrar lá. Alguém chama a polícia, rápido, aconteceu de novo. Droga, a imprensa vai adorar isso.

O ANJO DO ABISMO

Maicol Cristian

O fim da tarde transcorria modorrento, insípido e inodoro. O escritório estava silencioso; os telefones calados. Parecia que deixaram de usá-los para se comunicar à distância.

Resolvi descer até o térreo para tomar um ar e, quem sabe, ter um pouco de ação. No caminho, encontrei a Rosa, recepcionista do velho Joelma. Ela vestia calças jeans justíssimas, desenhando todo o seu corpo escultural. Mas, como sempre, ela passou por mim como se eu não existisse.

Tomei o elevador. Estava vazio. Cheguei ao térreo e me dirigi à portaria. O Tião, um morador de rua, que sempre ficava nas imediações do prédio, estava sentado, escorado nas vidraças.

Puxei um cigarro, acendi-o. Ofereci um para o Tião, que me olhou nos olhos; ao mesmo tempo, encarou-me como se estivesse olhando através de mim, mantendo-se calado. Face à sua aparente recusa, devolvi o cigarro ao maço.

— Temperatura agradável, hein, Tião?

O mendigo apenas resmungou algo ininteligível, enquanto coçava sua longa barba. Resolvi conversar um pouco com ele.

— Há quanto tempo está nas ruas? Não tem família?

Tião continuava impassível, enquanto transpunha os dedos pelos buracos da sua camiseta esfarrapada, que um dia tivera uma estampa do Raul Seixas. Pelo jeito, não queria conversar. Levantou-se e foi até um homem baixinho que passava em frente ao prédio.

— *Doutô*, tô precisando de dinheiro, ajuda aí, *doutô*.

O homem olhou para Tião com desdém e passou sem atender à súplica do mendigo, que voltou a sentar-se no chão. Aproximei-me do Tião e cochichei no seu ouvido:

— Não liga, não. Esse pessoal é muito esnobe — disse, enquanto ele tentava contar algumas moedas que tinha nos bolsos. Mal acabei de falar, ele deu um pulo, como se tivesse sido eletrocutado; ato contínuo, saiu correndo rua afora, em direção à Praça da Bandeira, gritando:

— Me deixem em paz, seus filhos de uma puta, me deixem em paz!

Os transeuntes deram uma breve olhada para o mendigo e continuaram sua caminhada apressada pela capital paulista, absortos nos seus celulares. Só foram despertos pelo ruído de pneus bruscamente freados; o motorista do ônibus não pôde contê-lo tempestivamente, abalroando Tião. O mendigo, após chocar-se inadvertidamente contra o veículo, teve seu corpo brutalmente arremessado a uns dez metros de distância, caindo de cabeça no asfalto.

Logo formou-se uma plateia em torno do corpo estirado no chão. A velha curiosidade mórbida dos humanos. Fiquei observando de longe. Após um momento, Tião emergiu do corpo inerte. Parecia aturdido, sem entender o que aconteceu.

A sua face estava inteira, mas o mesmo não podia ser dito da parte posterior da sua cabeça: quando se virou para olhar para o próprio corpo, que jazia no asfalto, pude visualizar um enorme afundamento craniano, revelando também alguns miolos. Seu perispírito ainda estava marcado pela forma como morreu. Com o tempo isso sumiria; se ele não fosse para o inferno, é claro.

Dei uma última tragada no cigarro e retornei até os elevadores. No caminho, passei por Rosa, que estava concentrada olhando seu celular, alheia ao resto do mundo. Apertei o número 12, fazendo mais uma viagem solitária até meu destino.

O escritório estava cheio. Alceu, que estava observando a movimentação na rua através da janela, veio até mim.

— Mais um que partiu do mundo terreno para o insólito mundo dos mortos — disse, sem a menor expressão no rosto.

— Está filosófico hoje, Alceu?

— É um caminho irreversível. Só não sabemos quando vai ocorrer — falou, enquanto tamborilava os dedos no vidro e me olhava com a mesma inexpressividade.

— O pior de tudo é a esperança vendida diariamente pelas religiões. Sabemos que não há salvação — continuou falando, enquanto olhava cabisbaixo para a pequena multidão na rua, que já se dispersava.

Algum tempo depois, um carro do IML retirou o corpo inerte do mendigo, que agora jazia dentro de um grande saco preto. Enquanto isso, enxerguei-o próximo ao ônibus, aparentemente discutindo com alguém que estava encoberto pelo veículo. Gesticulava muito e apontava para a porta de entrada do edifício onde estávamos, o velho Joelma.

Saí da janela e fui até a mesa da Ritinha, a mulher mais bonita a trabalhar naquele andar. Ela estava concentrada, fazendo hora extra; tinha que acabar um relatório para o dia seguinte.

Aproximei-me e me sentei sobre sua mesa. Ela continuou indiferente; olhos fixos na tela do computador. Dei-lhe um beijo no rosto, enquanto acariciava sua nuca desnuda, com o cabelo preso em forma de coque com um lápis.

Imediatamente, pude perceber o arrepio que percorreu seu corpo. Os pelos todos eriçados, não deixavam dúvida: ela sentiu minha presença.

— Ui, que arrepio. Parece que tem alguém aqui comigo — falou sozinha, enquanto Alceu ria da situação —, bem que me falaram para não trabalhar aqui, que este prédio é mal-assombrado.

Ritinha esfregou os braços, tentando conter os pelos arrepiados. Tomou alguns goles de água e voltou a se concentrar no relatório que digitava. Nesse instante, Pedro atirou beijinhos para ela, na tentativa de chamar sua atenção.

— Essa mulher é muito gostosa. Ah, se eu estivesse vivo… — Pedro gritou para mim, com os olhos fixos em Ritinha. Dava para visualizar a baba escorrendo de sua boca.

— Parem de perturbar a moça, seus tarados. Eu sei que vocês entram no banheiro das mulheres para ficar espionando. Além disso, ela caga e mija, como todas as outras — disse Lourdes, de braços cruzados, enquanto batia o pé como se estivesse falando com crianças em idade pré-escolar.

— Você não é mais nossa chefe, Lourdes. Aliás, isso tudo é inveja da Ritinha — falou Pedro, que não continha seus pensamentos.

— Temos que nos divertir de alguma forma, enquanto o prédio está quase vazio. É claro que preferimos a Ritinha; não velhas feias e senis — completou Alceu, em defesa do amigo.

— Vagabundos. Vocês vão se ver comigo — vociferou Lourdes, mas logo sua ira foi aplacada, substituída pela curiosidade de ver quem havia chegado à porta.

Todos voltamos nossos olhares para o ser que adentrava o escritório. Carregando uma foice, vestida com uma longa túnica preta com capuz, ela era imponente. Após quase quarenta anos de espera, finalmente ela estava ali na nossa frente. A Morte. O Anjo do Abismo. Veio resgatar-nos. Deixaríamos de assombrar este prédio.

Através da luz fria das lâmpadas, podíamos vislumbrar um pouco do ente que estava escondido naquele traje funesto: longos cabelos loiros levemente cacheados, olhos de um azul infinito e, pela fenda da túnica, avistávamos longas pernas bronzeadas adornadas por meias pretas que iam até o meio de suas coxas, presas por uma cinta liga.

Enquanto estávamos embasbacados com aquela entidade bela, sexy e, ao mesmo tempo amedrontadora, Ritinha deixou sua mesa, alheia a tudo, e se dirigiu ao micro-ondas que ficava do outro lado da sala, levando um gigantesco hambúrguer para esquentar.

A Morte mantinha-se calada, apenas observando-nos. Com a surpresa da visita, não havíamos notado quem a acompanhava: Tião, ainda com a cabeça achatada, sangue e miolos escorrendo.

— Taí o que eu falei. Eles são os fantasmas deste prédio, dona Morte. Estes filhos da puta assombram todo mundo. Por causa deles que eu arrebentei a cabeça naquele *busão*.

— Quieto agora, Tião, você está cheirando a cachaça — disse, autoritária a Morte.

Estávamos ali, contemplando-a. Treze almas penadas, mortas há quase quarenta anos, aguardando por aquela que nos guiaria ao Reino dos Céus; ou do Inferno. Agora que estávamos na sua presença, tudo que queríamos, independente do gênero sexual, era conjunção carnal com ela.

Ritinha passou de volta com seu lanche e sentou-se à mesa. Ainda tinha muitas horas de trabalho e o estômago reivindicava

uma refeição generosa. Começou a comer com um ímpeto voraz; parecia que não se alimentava há dias.

— Finalmente a senhora chegou. Após tantos anos, achávamos que nunca mais sairíamos daqui — disse Lourdes para dona Morte, tomando a frente.

— Tudo tem seu tempo, meus queridos. Cada ser humano morre e é resgatado do mundo terreno no devido momento. Nada acontece fora dos desígnios divinos; ou diabólicos — falou com uma voz profunda e lasciva, enquanto constrangia-nos com um longo sorriso cínico no rosto. Podia-se perceber a eletricidade no ar; estávamos todos ouriçados, num misto estranho de medo e desejo.

Fomos interrompidos em nossos pensamentos por Ritinha, que começou a tossir de modo contundente. Parecia ter se engasgado com o hambúrguer; certamente não seguiu aqueles velhos conselhos maternos para comer devagar.

A tosse se transformou numa súplica por oxigênio. Primeiro, levantou os braços para o alto, depois enfiou a mão boca adentro tentando tirar o pedaço de carne que obstruía a passagem de ar e, por fim, agarrou-se ao pescoço, batendo as costas contra a parede; todas as atitudes inócuas na tentativa de se desengasgar. Não havia mais ninguém no andar àquela hora. Ritinha ficou roxa e desabou no chão.

Os olhos esbugalhados, a boca aberta buscando ar, o semblante arroxeado pela falta de oxigênio, a agitação buscando a vida, que era fugaz, efêmera. O silêncio. A morte. Pela dona Morte.

— *Vixe*! Fodeu o cu da jiboia — proferiu o filósofo Tião, sob o olhar de reprovação da dona Morte.

Ficamos ali, apalermados com a fragilidade da vida. Ritinha começou a se debater, agora fora do seu corpo terreno. Ainda tossia e não conseguia falar. Seu olhar era preocupado e inquieto, buscando reconhecer quem a cercava, sem entender nada do que estava acontecendo.

Dona Morte aproximou-se dela. Agachou-se, revelando as belas coxas.

— Calma, Ritinha. Você morreu engasgada. Era chegada a sua hora. Com o tempo, você compreenderá tudo e ficará bem.

Aquelas palavras pareceram acalmar um pouco a moça, que não se debatia mais, enquanto mantinha as mãos na garganta, com um semblante de dor e falta de ar. Dona Morte levantou-se, pegou Ritinha pela mão e dirigiu-se à porta.

— Vamos fazer a longa jornada, pobres almas — disse, enquanto cutucava Tião com a foice, forçando-o a se mover. Todos caminhamos em sua direção, para fazer a tão esperada viagem junto a eles.

— Calma, minhas nobres assombrações. Não é chegada a vossa hora. Ainda esperarão mais um tempo no purgatório.

— Purgatório? — perguntou Alceu.

— Sim. O purgatório é aqui; ficar vagando pela Terra, enquanto não podem ascender ao Reino dos Céus.

Ficamos todos paralisados, cabisbaixos. Estávamos cansados daquela vida; ou daquela morte, melhor dizendo.

Dona Morte olhou diretamente para mim com um sorriso que era pura malícia e, com o dedo indicador, chamou-me para perto dela. Aproximei-me. Olhou-me nos olhos e levou sua boca voluptuosa até a minha. Beijou-me ardentemente, sendo plenamente correspondida; sua língua parecia que abduziria a minha, que também adentrava sua boca voraz.

Inesperadamente, minha língua começou a sentir gengivas murchas, lábios flácidos e minha mão que tocava a pele firme e macia da sua nuca, passou a apalpar algo molenga e enrugado como um maracujá velho.

Afastei-a, empurrando-a pelas clavículas protuberantes, enquanto minha boca se despedia sentindo apenas dentes e seu hálito de carniça. Apartados completamente, vislumbrei a real aparência do Anjo da Morte: uma figura esquelética, carregando sua foice, vestida com uma túnica preta com capuz. Nada restou daquela loira sexy de cinta liga.

Seu sorriso cínico se transformou numa risada estridente, enquanto conduzia Tião e Ritinha ao Reino dos Céus ou, quem sabe, ao Inferno, legando-nos a penitência de ser uma mera assombração do Joelma.

O ATOR

Yuri Afonso

Pode parecer mentira ou um devaneio louco a história que estou prestes a contar. Creio que vocês possam duvidar da minha sanidade na época, não se preocupem, eu mesmo duvidei também.

Desde pequeno, fui apaixonado por cinema e teatro, tendo até feito anos de cursos de atuação. Nasci em uma família pobre no interior do estado de São Paulo, tive que começar a trabalhar cedo e desistir deste sonho que dependia da sorte, que mesmo jovem, não sorrira para mim muitas vezes.

Como de costume, iniciei os trabalhos nas fábricas locais e por causa da minha inexperiência, ganhava o mínimo possível. Para meu alívio, bastava para garantir a comida na mesa.

Aos dezenove anos, um de meus tios avós decidiu me levar para a capital São Paulo para que pudesse tentar a sorte, quem sabe até concluir os estudos. Com a promessa de buscá-los e de sempre mandar uma parte significativa dos meus ganhos, me despedi de minha família e parti para um lugar que só vi na pequena tela chuviscada que ficava na sala de minha casa.

Ao vivo, me sentia em outro planeta. Os altos prédios que pareciam enormes espelhos, as pessoas com seus ternos ou vestidos andando às pressas, enormes filas de carros cujas marcas nem sabia pronunciar.

Nos onze anos que se passaram desde a minha chegada, consegui conhecer todos os pontos da cidade, terminei a escola e vaguei por diversos empregos, de pedreiro à recepcionista de escritório. Não é tão difícil descobrir o lugar que para sempre vai ter meu coração. Todos os dias, passo em frente ao Teatro Municipal, apenas para admirar sua grandiosidade, suas estátuas, suas pilastras e seus arcos.

No meu aniversário de vinte e um anos, meus tios avós me presentearam com um ingresso para uma encenação de Hamlet. Foi o momento mais marcante da minha vida. Percorrer o salão de entrada, subir os degraus tão brilhantes em meio a duas estátuas escuras que ao mesmo tempo refletiam o leve balançar das luzes e sombras dos corpos que passavam, foi um momento de pura magia. Contudo, em minha memória ficaria gravada apenas a emoção do caminhar pelo interminável corredor vermelho e me sentar na poltrona que me acolheu de forma tão delicada.

O palco se iluminou e se deu início à tão trágica peça enquanto em meus olhos era refletida toda a excitação de um jovem que está no que considera a maior e única maravilha do mundo.

Quando cheguei em casa, contei tudo nos mínimos detalhes aos meus tios que se mostraram muito felizes com o quão bem seu presente me fizera.

Depois dessa incrível experiência, passei a guardar uma parte do meu dinheiro, além daquela que eu mandava para a minha família, para pagar aulas de teatro. Por mais alguns anos, eu conciliei o trabalho e as aulas com toda a dedicação, mas como a sorte não estava ao meu lado, meus tios avós faleceram em pouco tempo. Ainda me lembro dos sorrisos deles e das últimas palavras da minha tia.

"Obrigada por ser o filho que nunca tivemos", palavras que ainda me doem no coração. Eles me deixaram a casa e uma quantia em dinheiro para que trouxesse minha mãe e meus irmãos. Desde esse dia larguei as aulas e me concentrei apenas no trabalho para que sobrevivêssemos na grande cidade.

Hoje começa o meu nono emprego aqui, no que considero ser o melhor deles, serei segurança do Teatro Municipal de São Paulo. Não é exatamente a função que eu gostaria de exercer neste lugar, mas só de estar aqui, se torna um emprego dos sonhos.

Meu turno começa meia-noite e termina às sete da manhã, vou trabalhar com um homem chamado Roberto, um cara legal que aparenta estar na casa dos 50 anos.

Como ocorre com qualquer pessoa que começa a fazer parte de uma nova cidade, em pouco tempo, já conhecia todas as

lendas da cidade que nunca dorme. Minha imaginação vagava por todos aqueles lugares, mas como sempre tive um ceticismo muito grande com esse tipo de história, logo me esqueci de todas elas.

Os primeiros dias como segurança foram extremamente interessantes, Roberto ficava responsável pelas câmeras enquanto eu fazia rondas. Nos nossos momentos de descanso, ouvia ele me contar sobre suas experiências estranhas durante o expediente no Teatro.

Dizem que os espíritos dos artistas que se apresentaram nesse palco ainda vagam nos bastidores, pelos assentos e pelo palco. Roberto me disse que já chegou a escutar uma orquestra tocar ao longe, mas, ao chegar, o palco estava vazio. Até conversas já foram ouvidas nesses corredores. Como nunca fui de acreditar nessas coisas, apenas dava uma risada e ignorava.

Se me lembro bem, tudo aconteceu na quinta noite. Havia chegado e encontrado Roberto já em sua sala, depois de ter trocado os costumeiros cumprimentos, segui para as rondas. Por volta das duas e meia da manhã, ao caminhar pelo corredor que levava aos camarotes, pude ver uma sombra. Foi muito rápido, mas pude distinguir a silhueta de um homem em seu terno entrar em uma das salas.

Preparei a arma de choque que eu carregava no cinto e cheguei à porta do camarote, percebi que estava entreaberta. Entrei devagar e me deparei com o corredor e as cadeiras totalmente vazias.

Depois de ter checado todos os cantos, senti uma leve mudança no ar, não estava mais sozinho. Ao tentar voltar à porta, vi um homem sentado em uma das poltronas, o veludo vermelho contrastava com o preto fosco de seu terno e o azul de sua gravata. Paralisei pelo tempo suficiente para que ele olhasse para mim e me indicasse o assento ao seu lado. Não sei explicar o que aconteceu, mas meu corpo se moveu por vontade própria e eu me sentei também.

Inquieto e petrificado por aquela estranha aparição, observei o ponto em que ele fixava sua atenção. No palco, a orquestra tocava uma das mais belas sinfonias de Chopin. O nítido som

dos instrumentos tomava o lugar, tão suaves que não conseguia desviar o olhar dos movimentos tão precisamente coordenados.

Para meu horror, não eram só a orquestra e o homem que estavam presentes, mas uma multidão ocupava todas as cadeiras da plateia. No fim da música, todos aplaudiram, inclusive eu que já havia perdido o controle do meu corpo.

O homem ao meu lado me encarou profundamente, pude ver sua boca movimentando, mas nenhum som saia dela. Com certeza dificuldade, decifrei o que dizia.

— Não é lindo? — dizia ele.

— O que está acontecendo? Quem é você? — Sentia minha sanidade se equilibrando à beira do precipício.

— Ainda é cedo para descobrir. Consigo ver seu coração, você pertence a nós. — Seu sorriso era como gelo sob minha espinha.

— Do que você está falando? Saia daqui, ninguém tem permissão para estar aqui depois que o local é fechado.

— Não posso, assim como você, aqui é o meu lugar. — Ele esticou um dedo pálido para o palco. — Olhe, não é com isso que sempre sonhou?

O ar escapou de meus pulmões com o que vi. Naquele palco, com as luzes refletindo nos adereços e enfeites, estava eu com outros atores. Interpretava Bentinho, em uma adaptação de Dom Casmurro.

Escutei-me declarando todas as falas da forma mais perfeita possível e vivendo o personagem no palco. Mas como isso era possível? Eu estava sentado aqui, na parte mais alta dos semicírculos de camarotes.

Encerrada a peça, vi o público aplaudir de pé e gritar o meu nome em alta voz. O eu do palco, se curvava e até flores havia recebido por sua atuação. Olhei com o coração acelerado para o homem que sorria com a mão no meu ombro.

— Você pode ter tudo isso ao se juntar a nós, todos os dias teremos uma peça para que você possa estrelar. Há muito procuramos nosso ator principal.

— Mas e minha família? — perguntei.

— Não se preocupe com eles, no tempo certo, eles se juntarão a você.

Uma rampa acarpetada em veludo vermelho se estendeu da minha cadeira até a escada para o palco, a multidão se posicionava aos lados e me aplaudiam, jogavam presentes e gritavam por mim.

— É sua escolha. — O homem começou a descer a rampa.

Meu sonho estava a minha frente, poderia mudar o mundo, ser quem eu sempre quis ser e ajudar a minha família, quem sabe um dia até estrelaria filmes em Hollywood.

Dei alguns passos na rampa e senti a emoção de ser amado pelo meu talento, quando menos esperava, estava em queda livre no silêncio e na escuridão do teatro.

Foi nesse momento que Roberto acordou de seu sono ao som de um estrondo.

***

CORPO ENCONTRADO NO TEATRO MUNICIPAL

Segurança foi encontrado morto na última noite entre os bancos da plateia, não se sabe ao certo o que o levou a morte, mas a perícia indica que tenha caído do último andar dos camarotes e batido com a cabeça em um dos bancos. Roberto, 53, afirma ter escutado um estrondo e visto algo estranho nas câmeras. "Parecia que várias pessoas estavam observando o corpo, mas quando cheguei estava completamente vazio e meu parceiro morto", disse em exclusiva para o jornal.



O FANTASMA DO BIXIGA

A. H. Agostinetti

São Paulo, SP – março de 1983 – Bairro do Bixiga

— *Buongiorno*, seu Francesco!

— *Buongiorno*, Arnaldo! Que me traz de *novedades*, jovem? O que *voglia* comprar hoje?

— Hoje só tô querendo vir pra dar uma conversada sobre uns negócios *estrânhicos* que me sucederam notro dia.

— Pois diga, jovem Arnaldo!

— Domingo *nóis fumo prum* samba no Bixiga, seu Francesco! E o senhor não vai imaginá o que nos *assucedeu*!

— Ora, conte-me, antão!

— O senhor não tem nem *indéia*! *Inmagine* só!

— Ora, *home*, me conte logo, antes que eu me *imborreça*!

— *Nóis* tava lá, comendo *umas pizza*. Sabe lá na rua Major, seu Francesco?

— Sei.

— *Intão*, tava *nóis* lá na Rua Major, na casa do Nicola. Sabe o Nicola, seu Francesco?

— Sei.

— *Intão. Nóis* tava comendo nossa pizza. Na mesa do lado, os cara tinha pedido umas *braciola*. *As cerveja* tava tudo geladinha. Coisa fina, seu Francesco!

— E o senhor veio até aqui na minha mercearia pra encher minhas pacência e contar que foro comer *umas pizza* com cerveja, *cáspita*?

— Não, seu Francesco! O que se *assucedeu* foi que nem bem deu *mezzanote* e saiu uma baita duma briga! Era só pizza que avoava, junto com as *braciola*!

— Ah, é vero, é?

— Si é!

— *Má perché* que teve briga?

— Num sei até agora como que se *acomeçou* a encrenca, mas sei que na hora H se enfiemo debaixo da mesa e fiquemo ali, que beleza, vendo o Nicola *brigá*.

— E *assucedeu* argo grave, Arnaldo?

— Teve lá *uns ferido* sim, seu Francesco! A troca de estapeamento foi longamente prolongada!

— *Ulha, rapaiz*! Mas como é que acabou essa história?

— Dali a pouco *escuitemo* a patrulha *chegá* e o sargento Oliveira *falá*: "Não tem portância, vou chamá duas *imbulância*".

— Rapaz, que situação cínica!

— Nem me diga, seu Francesco! *Os cara* tava tudo *enferido*. Os mais pior foram pras Clínica!

— Meu Santo Antônio, Arnaldo!

— E num para por aí, seu Francesco!

— *Home* do céu! E tem mais coisa? Pois trate de me *contá logamente* esse algo mais!

— *Niquanto* eu tava lá debaixo da mesa vendo a farra, passou um *vurto*!

— Vulto? Que tipo de vulto?

— Do tipo *infantasma*, Seu Francesco!

— *Vancê* tá me *indizendo* que viu um fantasma no meio da briga?

— Pois sim, Seu Francesco! Um *infantasma* de chapéu, cachecol e gravata borboleta!

— Arnaldo! Meu jovem Arnaldo. Já ouvi *falá* de fantasma, mas com chapéu e gravata borboleta é a primeira vez, *home*!

— Chapéu, CACHECOL e gravata borboleta! E quando ele andou, ouvi um barulhinho de caixinha de *fórfo* chacoalhando.

— *Num é pusívio*, Arnaldo! Agora o senhor me anda vendo fantasma por aí!

— Num sei mais no que acreditar, seu Francesco! Tô passado qui nem o senhor! E ainda não sabe do *peor*, seu Francesco!

— Tem mais coisa ainda, *bençoado*? Eu já não inguento mais de *tantas revelação*!

— Eu acho que era o fantasma do nosso querido recém-falecido, que Deus o tenha, Adoniran Barbosa.

— Pois agora é *vancê* que não vai me acreditar agora, Arnaldo do céu, mio Santo Antônio.

— Não me assuste, seu Francesco! O que foi lhe *assucedeu*, que de repentemente ficou pálido como papel?

— Sabe o Mané, que mora lá na Moóca?

— Sei.

— Sabe a Inês, que largou o Mané *uns dia* atrás?

— Eu num tava sabendo dessa não! Largou, foi?

— E num é que foi? Falou que ia sair pra *comprá* pavio, pro lampião! Mané esperou a tarde toda, diz ele. Anoiteceu, ele se desesperou. Foi pra rua feito louco, pra saber o que aconteceu!

— Pobre Mané!

— Diz que procurou na central, no hospital e no xadrez! Andou a cidade inteira, e não encontrou Inês!

— Mas como que ele descobriu que ela largou ele? Ela pode ter sido *assequestrada*, com tanta *violença* que tá tendo nesta cidade!

— É que quando *vortou* pra casa, triste demais, *drento* encontrou um papel escrito mais ou menos *ansim*: "Pode *apagá* o fogo, Mané, que eu não *vorto* mais".

— Minha nossa, seu Francesco. O que Inês fez não se faz!

— Triste, garoto. Muito triste. Mas *vortando* pra história de assombração, *vancê* não sabe do pior!

— Pior que levar o pé na bunda? Realmente tô curioso pra saber.

— Pior é que agora que tô me *arrecordando* que o Mané também contou que avistou um sujeito um tanto *afantasmado* nos arredores da casa dele, naquele mesmo dia! Achou que era fome, então num deu muita trela. Ele me contou essa história no dia que veio aqui na venda.

— Rapaz, que *loucurice*! Então o senhor me dá licença, seu Francesco, que me vou lá bater na casa do seu Mané pra ver o que *everiguo*!

***

São Paulo, SP – março de 1983 – Bairro da Moóca

— Boas tardes, seu Mané!

— Boa tarde, Arnaldo! *Come stai*?

— *Bene, grazie*! E o senhor, como anda?

— *Ragazzo*, tô numa maré de azar que num sei de donde tá vindo tanta *zica*.

— Fiquei sabendo do causo da Inês. Sinto muito pelo *ocurrido*, seu Mané.

— Aposto que teve na venda do seu Francesco ainda estes dias, né não?

— Ora, pois estive sim hoje mesmo! Como que vancê sabe?

— Porque a cidade inteira já tá sabendo. Só pode ter sido aquele velho *maledeto* que espalhou.

— Mas não se *apreocupe*, Mané. A cidade inteira gosta de *vancê*. O que Inês te fez não se faz. O que me *apreocupa* mesmo é o que *vancê* avistou naquele mesmo dia.

— Do que você está falando, Arnaldo?

— Do avistamento de *assombracência* nos arredores da sua humilde morada! Assim, *fantasmicamente* falando.

— Eta, que o seu Francesco estava com a língua solta hoje! Pior que vi mesmo, seu Arnaldo! Mas acho que era fome. Passei todo aquele dia sem colocar nada no estômago.

— E se eu te *dissé* que também avistei assombração? E tava de chapéu, cachecol e gravata borboleta!

— Não creio!

— Pois creia!

— Não é possível! Como uma assombração pode estar de chapéu, cachecol e gravata borboleta?

— É o que me *apergunto* também, seu Mané! Até que achei que era o fantasma do seu Adoniran Barbosa.

— Rapaz! Com essas coisas, não se brinca! O querido Adoniran com certeza tá no céu! Que Deus o tenha!

— Mas seu Mané, eu também tenho muito apreço pelo seu Adoniran! Não tô querendo demonizar o *home*. Agora, *inmagine* se *derrapente* ele não foi, acabou por ficar e agora tá aprontando uma com *nóis*?

— Puxa, Arnaldo. Eu nem sei o que pensar.

— Só quero que tente se alembrá se a assombração que vancê viu não *podiria*, de repentemente, ser ele.

— Olha, Arnaldo. Vou precisar de apensar. Ele passou muito rápido pela minha cozinha.

— Veja bem. Quando cê tava na cozinha, naquele dia mais cedo, tinha lá o bilhete da Inês?

— Eu num tinha visto nada, Arnaldo.

— E *adespois* o bilhete assurgiu, de uma hora pra outra?

— Pois é.

— E nesse período *inpareceu* um fantasma cruzando sua cozinha?

— Sim, Arnaldo.

— É estranho ou num é?

— É mesmo um tanto estranho, meu amigo. E sabe o que mais é estranho?

— O que, seu Mané?

— Tem uma outra história de bilhete aparecendo de uma hora pra outra! Sabe o Ernesto, que mora lá no Brás?

— Sei sim! Grande Arnesto! O *home* faz cada sambão *bão* que dá gosto!

— Pois então, seu Arnaldo! Noutro dia fui eu junto com o Joca e Matogrosso lá pro samba do *Arnesto*! Cê pode crer que chegando lá, não incontremo ninguém?

— Rapaz, mas o *Arnesto* não é de furar!

— Pois *intão! Nóis vortemo* com uma baita de uma *réiva*! Da outra *veiz nóis* num vai mais! Nós não *semo* tatu, pô!

— Pois se acalme, Mané. E o que assucedeu sobre o bilhete que o senhor me *infalou*?

— Verdade! *Intão*, o Joca me acontou que chegando em casa achou um bilhete no bolso dele. Tipo um *paperzinho* escrito a mão.

— Até aí num vejo nada de mar, seu Mané.

— *Intão*. É que o Joca disse que não se alembrava de ter guardado qualquer *paperzinho* no bolso, então achou muito do estranho.

— Puxa! É muito do estranho mesmo! E o que dizia o *tar* do bilhete?

— Aí *cê* vai ter que conversar com o Joca! Sabe onde ele tá morando?

— Num é lá naquela casa *véia* que ele chama de Maloca?

— Pois é lá mesmo!

— E é pra lá que eu vô!

***

São Paulo, SP – março de 1983 – Bairro do Bom Retiro

— Bas tardes, seu Joca! O senhor se incomoda de eu trocar uma palavrinha?

— Pode falar, seu Arnaldo! Que me traiz de *novedades*?

— *Ragazzo*, fiquei sabendo da mancada do *Arnesto*!

— Nem fale, que eu me encho de *réiva*!

— Ma rapaz, e o tar do bilhete que encontrou no *borso*?

— E *comé* que te ficaste sabendo do infeliz do recado?

— O Mané me contou, seu Joca.

— Veja bem! Abri pra ler e adivinha o que dizia o *bençoado*?

— Eu num faço a menor das ideias, seu Joca.

— Dizia mais o menos ansim: "*Ói*, turma. Não deu pra esperar. Ah, *aduvido* que isso não *faiz* mar, num tem importância. Assinado em cruz, *pruque* num sei *iscrevê*. *Arnesto*".

— O seu Joca, que mal lhe pergunte. Se o *tar* do *Arnesto* nunca deu mancada com *nóis* e nem muito *menosmente* sabe *iscrevê*, *cumé* que ele foi deixar esse *tar* bilhete no seu *borso*?

— É isso que tá me deixando encucado, Arnaldo! Parece até coisa de fantasma!

— Nem me fale em *infantasma* que tô até aqui desse assunto hoje!

— Como assim, seu Arnaldo?

— *Simbora* desembaraçar essa história pra lá de esquisita? *Te exprico* tudo no caminho da casa do *Arnesto*!

— *Vambora, intão*!

***

São Paulo, SP – março de 1983 – Bairro do Brás

— Boas tardes, seu *Arnesto*!

— Boas tardes, Joca, Arnaldo! Como vão?

— *Viemo desenrolá* uma história pra lá de mar contada, seu *Arnesto*!

— Me conte, Joca. O que foi que se *assucedeu*?

— Pois não, seu *Arnesto*. Nos *apermite* entrá, pra se aquecê? É que já é tarde, e num é que esqueci de trazer o bendito do chapéu? Meti o lenço na *molera*, que o orvalho já vem caindo e nós já está tossindo! COF! COF! Ai!

— Podem *entrá*, cês dois. E num arreparem a bagunça! Vão querê um café?

— *Arnesto*, cê pare com essa conversa fiada que *nóis* tá muito chateado e *vancê* vai vê como vai *entrá* bem aqui com *nóis*!

— *Se acalme-se*, Joca! O *Arnesto* seguramente há de *expricá* tudo!

— Tudo o quê? Se eu num faço *indéia* do *que que vancês* tão falando até agora?

— *Arnesto*, como que cê explica que nóis *viemo* no samba aqui, outro dia, e cê num tava e ainda deixou este recado no meu *borso*?

— *Ô*, seu Joca, *faiz* tempo que não tem samba aqui em casa. Desde que faleceu a minha querida Iracema que eu não to em *crima* de festa. Eu bem falei pra ela não atravessá na contramão. Ela não me deu atenção, atravessou a avenida São João. Veio um carro e apinchou ela no chão. Eu não tive *curpa*, Iracema. *Pacência*!

— Ave, seu *Arnesto*. Cê mi perdoa, eu não quis te aporrinhar. Mas, se não tinha samba, como que chegou convite lá na nossa maloca e *adespois*, quando demo com a cara na porta, ainda me chegou uma cartinha com pedido de *descurpa* bem aqui no meu *borso*?

— *Vancê* me *descurpe*, seu Joca, mas realmente não tô sabendo de nenhum convite, e muito menos de pedido de desculpa.

— Pois olhe aqui este bilhete assinado em cruz por vossa mercê mesma, seu *Arnesto*!

— *Impossílvio*, Joca! Se eu nem sei *inscrevê*!

— Jesus, isso é coisa de assombração mesmo! Cê tava certo, Arnaldo! Só pode ser o fantasmo do nosso querido falecido Adoniran!

— Fantasmo de Adoniran!? Mas que história de maluco é essa, cês dois!?

— No caminho eu te *exprico* tudo, *Arnesto*! Mas *ocê* tem que acompanhá nóis até a venda do seu Francesco, pra *nóis* clarifica essa história de uma vez por todas!

***

São Paulo, SP – março de 1983 – de volta ao Bairro do Bixiga, venda do Sr. Francesco

— Noite, seu Francesco! *Vortemo*!

— *Boas noite, Ragazzi! Chegaro* em boa hora!

— Seu Francesco, tenho *novedades* da minha investigação do caso do *infantasma* do Adoniran Barbosa!

— Ah, é mesmo Arnaldo? Espera só eu fechar aqui a venda e vão indo lá pra *tráis* pra contar tudo pro resto da turma. Podem se ficar bem à vontade também, Joca e *Arnesto*!

— Turma? Má que turma?

— Veja lá, de uma vez.

***

— Minha nossa, cês tudo vieram aparecer aqui justo hoje! Quanto tempo fazia que *nóis* tudo não se juntava pra tocar um sambinha do *bão*?

— Qui me alembro foi lá pra outubro, antes do Adoniran internar lá no hospital pela urtima vez.

— Verdade, Matogrosso. Num mim deu mais vontade de *escuitá* samba, desde que nosso parceiro se foi.

— Sabe, Arnaldo. Tava eu cavucando *os pensamento*, aqui. Acho que eu vi *memo* o Adoniran lá na cozinha de casa. Digo, como o tal do *infantasma*.

— *Vancê* jura?

— *Apois* juro muito!

— Nóis tava aqui tomando nossa cervejinha, alembrando dele. Acho que ele apareceu pra nos alembrá *dos tempo bão* de samba e cerveja, madrugada adentro.

— Será que foi isso que *se assucedeu intão*, seu Francesco?

— Só pode ser. O Álvaro tava dizendo que noutro dia sonhou com o Adoniran, e acordou com uma dor no peito que parecia que tinha levado um monte de frechada! Né não Álvaro?

— Nossa senhora, *ragazzi*! Eu me *sinti* uma verdadeira *tauba de tiro ao Álvaro*. *Adespois* fui me fui perceber que era só saudade do *home* memo.

— Ora, *intão* se o nosso parceiro Adoniran fez todo esse esforço pra *juntá nóis*, o mínimo que *nóis* pode fazer é tomar nossa cerveja e tocar samba!

— Tá mais que certo, *Alcebides*! O João já foi buscar o cavaco dele lá atrás!

— Cheguei, cambada! *Simbora* começar?

— *Guenta* a mão, João!

— Tudo mundo de copo cheio?

— SIM!

— Um brinde a nosso querido Adoniran! Que o samba e a cerveja nunca acabem!

— A NOSSO QUERIDO ADONIRAN!

— Dá logo início nesse bumbo, Joca! Que eu sou filho único, moro lá em Jaçanã e se eu perder o trem que sai às *onze hora*, só amanhã de manhã!

O ÚLTIMO BANQUETE ANTROPOFÁGICO

Marcela Fassy

Como é aborrecida a vida no Cemitério da Consolação!, pensou Tarsila ao despertar para mais um dia na eternidade. *Essa noite, pra variar, teremos mais um sarau na sepultura de Dona Olívia Guedes Penteado, cercados por aquela escultura colossal do Brecheret. É uma bela escultura, não nego: as formas avolumadas no granito me fazem pensar no meu Abaporu… oh, como me faz falta a pintura! A ausência de um corpo é certamente um inconveniente grave para uma artista. E depois, tem Oswald: não é agradável para uma mulher ter de conviver com o ex por toda a eternidade! Oh, céus, que martírio! Oswald continua gordo e assanhado mesmo depois de morto; outro dia o surpreendi arrastando asa para a Marquesa de Santos.*

Tarsila meditava sobre a vida, naquele estado de tumular melancolia, quando Mário passou voltando de sua caminhada matinal pelas alamedas do Cemitério:

— *Sou um tupi tangendo um alaúde*! — saudou ele dedilhando um instrumento imaginário. Costumava dirigir esses gracejos à amiga para alegrá-la nos dias em que a encontrava particularmente reflexiva.

Também para Mário era indigesta a convivência com Oswald; nunca fora capaz de perdoá-lo inteiramente pela falastrice, pelos comentários de uma inconveniência cruel e ferina que nos levaram ao rompimento lá pelos idos de 29. Mas era obrigado a reconhecer que, se lhe faltava nobreza moral, Oswald sabia ser um sujeito divertido, com seus ares de cafajeste bonachão e a diversão lhe era muito necessária naquela existência enfadonha por entre as lápides do Cemitério da Consolação. Estava justamente fazendo estas confidências a Tarsila quando avistaram o antropófago, que dobrava a alameda para se juntar à dupla.

— Você não morre nunca — disse Mário, os três soltaram uma gargalhada. — Estávamos aqui falando mal de você para espantar o tédio.

— *Contra o tédio especulativo! A alegria é a prova dos nove no matriarcado de Pindorama!* — gracejou Oswald com o dedo em riste, provocando em Mário e Tarsila um riso debochado.

Ao longo da eternidade que se acumulava sobre eles no Cemitério da Consolação, tinham aos poucos aprendido e dominado a arte sutil de uma amizade profunda, fundamentada nos rancores que os uniam, em alfinetadas mútuas e no hábito de parafrasear e parodiar a si mesmos – uma das principais diversões de que dispunham nas circunstâncias em que se encontravam. Afinal, muito já se tinha dito sobre os modernistas, o que incluía maledicências e acusações fundadas ou infundadas; seu senso de humor, entretanto, era inquestionável, e nisso até a crítica mais feroz soube lhes fazer justiça.

Sentados sobre a mureta da lápide de Tarsila, avistaram Monteiro Lobato, que lhes dirigiu um olhar de soslaio e um aceno carrancudo; com ares de menino travesso, Oswald cochichou no ouvido dos colegas:

— Não é verdade que só a Antropofagia nos une: o que verdadeiramente nos une é Monteiro Lobato. É tão divertido odiá-lo que não sobra tempo para desavenças entre nós.

— Seus ataques impiedosos à exposição de 1917 destruíram Anita Malfatti. A pobrezinha nunca se recuperou… uma covardia — completou Tarsila.

Os três ficaram taciturnos e puseram-se a mirar o horizonte acinzentado e úmido entre os jazigos de mármore, sobre os quais começava a cair uma chuvinha. Mário quebrou o silêncio:

— *Chove? Sorri uma garoa de cinza, muito triste, como um tristemente longo…*

— *A Casa Kosmos não tem impermeáveis em liquidação…* — emendou Tarsila.

— Mas neste Cemitério da Consolação posso abrir o meu guarda-chuva paradoxal, este lírico plátano de rendas mar — recitou Oswald erguendo-se da murada com uma pantomina.

Os três riam, mas estavam tristes; a existência enquanto fantasmas os aborrecia.

— *São Paulo! Comoção de minha vida… os meus amores são flores feitas de original… arlequinal! Traje de losangos… cinza e ouro… luz e bruma… forno e inverno morno* — suspirou Mário, pensativo — e pensar que quando vivo, abancado à escrivaninha na minha casa da Rua Lopes Chaves, eu sonhava em ter, quando morresse, os ouvidos enterrados nos Correios e Telégrafos, para saber da vida alheia, os olhos no Jaraguá e a língua no alto do Ipiranga… teria sido mais divertido, pois sim!

— O Cemitério da Consolação é belo — disse Tarsila —, a disposição das sepulturas e as cores pálidas do horizonte lembram a minha fase Pau-Brasil. Se ao menos eu pudesse voltar a pintar, seria mais suportável a eternidade aqui…

— É um cemitério burguês! — bradou Oswald apontando as lápides com suas estátuas grandiosas. — Macaquices importadas da Europa! *Morbidez romântica! A estatuária são volumes sob a luz. A escultura eloquente, um pavor sem sentido! Só o contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica*.

— *Eu insulto o burguês! O burguês-níquel, o burguês-burguês!* — interveio Mário.

— *Tupi, or not tupi, that is the question* — prosseguiu Oswald, e o fato de ter dito tais palavras segurando a própria cabeça, que acabara de arrancar do pescoço com a mão direita e que agora empunhava dramaticamente, rente ao corpanzil avantajado e carcomido pelos vermes, divertiu muito a seus colegas.

— Oh, eu faria qualquer coisa para sair desse lugar! — exclamou Tarsila. — Já não suporto mais! Quando penso que tempos atrás eu era bela, jovem e viva, e perambulava pelas ruas de Paris estudando pintura com Fernand Léger… Por Deus, estou acabada! — dizia a artista num tom desolado, alisando o rosto descarnado e retirando uma larva do olho direito. — Eu daria qualquer coisa para excursionar pelas vilas coloniais das Minas Gerais, ou para ver de novo a Praça Vermelha… como é triste estar presa aqui, e por toda a eternidade!

Mário sentiu pena da amiga; a pós-vida no Cemitério da Consolação era aborrecida para ele, é verdade, mas tendo desencarnado quase trinta anos antes da pintora, já estava

mais habituado que ela e suportava melhor a não existência. Gostava muito de Tarsila. Em vida, a amizade entre os dois tinha sido leal e verdadeira; o vínculo se tornara ainda maior depois de Tarsila ter sido abandonada por Oswald, naquele fatídico ano de 1929. Ela ficara arrasada e ele lhe dera seu apoio, pois a compreendia como ninguém: também se sentira abandonado pelo calcanhar de aquiles do Modernismo, e a ferida causada por esse rompimento nunca se fechara por completo.

Os primeiros anos de sua morte tinham sido muito solitários. Quando, cerca de dez anos mais tarde, Oswald veio fazer-lhe companhia, sentiu-se alegre e apreensivo ao mesmo tempo. Oswald nunca chegou propriamente a desculpar-se, mas suas demonstrações de apreço pareceram a Mário uma forma sincera e consternada de afeição, ainda que um pouco desastrada. Eram como irmãos que se adoravam e se odiavam ao mesmo tempo. Depois, a chegada de Tarsila viera trazer equilíbrio e suavidade àquele estado de coisas, e por tudo isso, Mário lhe era grato. A eternidade sem Tarsila lhe teria sido muito mais penosa, e por isso ele se compadecia ao vê-la tão desamparada. "Eu faria qualquer coisa para sair desse lugar", ela tinha dito, e Mário sentiu que também faria qualquer coisa para que ela sofresse menos. Então, uma chama avivou-se em seus olhos sem vida.

— Quando, durante a minha missão de pesquisas folclóricas, estive no Brejo dos Padres, uma aldeia indígena em Tacaratu, uma cabocla velha revelou-me alguns segredos do catimbó. Trata-se de uma espécie de ritual antropofágico.

Oswald apurou os ouvidos, interessado.

— É uma forma de ressuscitar os mortos, só revelada aos mestres iniciados. Só pode ser feito na primeira noite da trigésima lua nova do ano. É claro que eu não presenciei a cerimônia, que só era realizada muito amiúde e em tempos longínquos. Mas a velha índia me relatou que, quando era menina, um cacique guerreiro de sua aldeia foi trazido de volta à vida. Infelizmente, o ritual traz alguns inconvenientes; no caso do cacique, custou a vida de um curumim. Ele foi devorado pelo espírito do morto, que em seguida se apossou de seu corpo.

— Um ritual antropofágico às avessas, então! — exclamou Oswald exultante.

— Precisamente — prosseguiu Mário —, Embebedaram o curumim de cauim, para deixá-lo vulnerável ao mundo dos espíritos. Em seguida, fizeram as rezas e cantos mágicos, e o cacique materializou-se numa criatura hedionda e decomposta, pois os vermes já haviam operado o seu trabalho. Então, o guerreiro zumbi saltou sobre o curumim desacordado, arrancando-lhe nacos de carne tenra com seus dentes putrefatos; em seguida todos os presentes caíram em transe profundo, em partes porque estavam horrorizados com a cena abominável que tinham acabado de testemunhar. Quando voltaram a si, o curumim estava novamente inteiro e sadio, com a diferença de que, agora, seu corpo era ocupado pelo espírito do guerreiro. Não cheguei a publicar esse relato, pois temia ser mal interpretado pelo pessoal do Departamento de Cultura, e também porque a cabocla me pediu segredo. Eu mesmo não lhe dei muita credibilidade à época, mas achei a história fascinante e anotei as rezas cerimoniais em minha caderneta de campo. Tencionava usá-las algum dia em um poema, mas o ataque cardíaco me impediu. Uma pena, teria sido um belo poema. Felizmente eu as decorei.

— Ora, mas primeira noite da trigésima lua nova do ano é hoje! — exclamou Tarsila, presa de uma grande excitação.

— Precisamente — respondeu Mário —, mas nos falta o curumim embriagado.

— Por isso não! — retorquiu Oswald, orgulhoso de sua perspicácia. — Para isso temos os góticos que vêm aqui toda noite, ébrios de vinho a brincar de vampiros!

— Não podemos, hoje tem sarau na sepultura de Dona Olívia Penteado — lembrou-se Tarsila, novamente desanimada.

— Ora, mas você continua a mesma filha da aristocracia cafeeira, com a sua *politesse* de menina de liceu católico — disse Oswald, com desprezo. — Ninguém suporta mais os saraus da dona Azeitona! Essa noite trataremos de nos banquetear com esses góticos de pele alva, esses adeptos da morbidez romântica, com seu lirismo passadista e sua poesia de importação! *Queremos a revolução Caraíba*! E também a revolução Cadavérica! *Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas*

eficazes na direção do homem. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

Naquela noite sem lua, as estrelas brilhavam altas sobre os imponentes jazigos do Cemitério da Consolação. O grupo de moças e rapazes vestindo sobretudos pretos e coturnos já desfilava entre as sepulturas, recitando Lord Byron e Álvares de Azevedo e entornando garrafas e mais garrafas de vinho barato. Tarsila, Mário e Oswald já se encontravam entre eles, embora ainda não pudessem ser vistos pelo grupo. Mário recitou os encantamentos, que foram em seguida repetidos pelos demais:

Catiti Catiti
Imara Notiá
Notiá Imara
Ipeju

Quando o trio finalmente tomou a forma de grotescos zumbis, que os jovens contemplaram incrédulos a princípio, e em seguida, aterrorizados e paralisados, Oswald sentenciou comprazido, como que se vangloriando da capacidade mágica e premonitória até então oculta no Manifesto Antropofágico:

— E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

Prontamente saltaram sobre suas vítimas, presas indefesas da embriaguez do vinho Canção. Oswald preferiu a loira de peitos enormes, vocalista de uma banda de Power Metal, que deglutiu com avidez autorizada por uma abstinência de décadas. Mário elegeu para seu banquete e futura morada o corpo de um adolescente pálido, de longa cabeleira negra, que vendia zines poéticos na Banca Tatuí. Tarsila devorou e em seguida incorporou uma bela jovem de madeixas ruivas, tatuadora famosa na Vila Madalena; seus abaporus em estilo Old School tiveram ampla aceitação no mercado.

Estavam finalmente unidos pela antropofagia. Monteiro Lobato, que naquela noite vagava sem rumo pelas alamedas do Cemitério da Consolação, assistiu bestificado ao banquete

antropofágico dos zumbis modernistas – não tinha sido convidado para o sarau de Dona Olívia Guedes Penteado.

** Os trechos em itálico são citações retiradas da obra Pauliceia Desvairada, de Mário de Andrade (1922), do Manifesto da Poesia Pau-Brasil e Manifesto Antropofágico (Oswald de Andrade, 1924 e 1928, respectivamente)*



SEREMOS NÓS OS FANTASMAS

Wilson Faws

Quando entrei no Parque da Aclimação, dois seguranças me pararam. Disseram ser uma "revista aleatória", mas já estive ali muitas vezes e nunca vi um branco sendo parado. Quando me liberaram, caminhei pelo parque, dando a volta pela concha acústica, e achei um local confortável e discreto para me sentar na grama perto do lago. Um dos seguranças me seguira de longe, pude vê-lo a uma certa distância, disfarçando olhar em outra direção, com um comunicador em uma das mãos.

Abri a mochila, peguei o sanduíche e o refrigerante que eu trouxera, e comecei a comer. Não demorou muito para que eu começasse a chorar. O gosto era parecido com o lanche que ela fazia. E ela adoraria estar ali, sentada no parque, fazendo um piquenique sob raios suaves da luz do Sol, filtrados pelas folhagens das árvores, sentindo a brisa úmida tocar suavemente sua face.

Adoraria… Se ainda estivesse disposta a lutar por nós. Se eu tivesse sido homem suficiente para ela. Enquanto comia, não pude deixar de pensar na forma como fui descartado: sem reclamações, brigas ou acusações. O que eu mais queria era saber o que a fez deixar de me amar, o que a fez desistir de tudo, mas ela não me deu ao luxo de ter respostas. Ela apenas se foi.

Duas pequenas crianças surgiram correndo perto de mim, ambas pretas, um menino e uma menina. Traziam um galho de árvore cada um, onde haviam prendido fios de barbante. Na outra ponta de cada barbante, um pequeno gancho improvisado que segurava um pedaço de pão.

— Vou pegar o maior de todos — disse a menina.

— Debaixo do meu cadáver! — respondeu o menino.

As roupas das crianças eram velhas e puídas, a higiene era mínima. Se não estivessem tentando pescar no lago, eu diria serem crianças de rua. Olhei ao redor procurando pelos responsáveis, mas ninguém parecia estar de vigia. As crianças já haviam jogado as linhas na água. Decidi introduzir um contato.

— Ei, vocês. Tudo bem?

— Chiu! Vai assustar os peixes! — disse o menino.

— Seus pais estão por aqui?

— Estão ali na fazenda — respondeu a menina.

— Que fazenda… — comecei, mas ao olhar ao redor, a pergunta perdeu o sentido.

Eu não estava mais no parque. O lago era o mesmo, mas a grama era espessa, alta, e não muito longe dali, estendiam-se largos campos verdes cheios de gado, com dezenas de homens pretos trabalhando, guiando os bois, alimentando galinhas e carregando suprimentos.

Mais longe, campos de plantações, onde mais homens capinavam, plantavam, colhiam. As crianças continuavam a brincar no lago. Caminhei no sentido das plantações e falei com o primeiro homem que vi em minha frente, que andava devagar, carregando um saco pesado.

— Bom dia… Onde estamos, por favor?

— Estamos no Sítio Tapanhoim, também chamam essa região de Aclimação.

Ao me ver atônito, o homem continuou.

— Está procurando trabalho? O senhor dessas terras paga o suficiente para você se alimentar. E bem aqui perto tem uma região onde os peões conseguem subir um barraco, dá para começar a viver.

— Na verdade — disse gaguejando —, estou procurando o pai daquelas crianças.

— Ah, sim, os pestinhas são meus filhos. Eles adoram brincar no lago. Mas não se preocupe com eles, eles sabem nadar, e o lago é seguro.

— Isso aqui… Não é real… Eu preciso voltar para casa…

— Você, eu, e todos os peões dessa fazenda. — Todos nós fomos roubados de nossos lares pela ganância do homem branco. Dizem que acabou a escravidão, mas mal conseguimos sobreviver com o que ganhamos em liberdade. Agora estão trazendo mais imigrantes brancos, e dando terras de graça para eles. E a gente, nem terra tem, só os barracos. Aos poucos, você aprende, amigo, que seguir em frente, lutando e resistindo, essa é a única coisa que dá para fazer num mundo como esse.

— Peguei! — uma das crianças gritou.

Olhei para elas, a menina com o peixe balançando na vara improvisada, e o menino pulando de alegria logo ao lado. E quando me dei conta, não estava mais em uma fazenda, mas de volta no Parque da Aclimação. Ao meu lado, uma tábua de madeira apoiada em dois troncos estava cheia de mamões e outras frutas abertas, servidas de banquete para os passarinhos das árvores ao redor. Olhei na direção do lago, as crianças haviam desaparecido.

De onde eu estava, era possível ver o lago a poucos passos, e o meu guarda de estimação, a umas dezenas de metros dali, fingindo sutileza. Era apenas o guarda desse parque. Onde quer que eu fosse, haveria um guarda de estimação esperando que eu cometesse algum tipo de crime. Era somente mais um.

Peguei o celular. Naveguei pelas minhas fotos. Deletei as fotos que eu tinha com ela. Guardei o aparelho. Voltei para a borda do lago e fiquei ali parado, observando. Ela realmente adoraria passear nesse parque, ter contato com a natureza, mas não importava mais.

Via minha imagem distorcida nas águas turvas do lago. As palavras do homem ressoavam em minha cabeça: Seguir em frente. Lutar. Resistir. Daqui alguns anos, talvez meu futuro eu não me reconheça mais ao olhar para a época em que eu era casado. Talvez, daqui muitas décadas, o mundo também não reconheça mais essa época em que pessoas ainda lutam por direitos básicos por terem nascido do jeito que são.

E, com alguma esperança, nos tornaremos os fantasmas de um mundo retrógrado para aqueles que vierem depois de nós.



TERROR NO EDIFÍCIO MARTINELLI

Anne Costa

Percorro apressada as ruas de São Paulo até chegar no edifício Martinelli. Cai uma chuva fria. Puxo meu casaco cobrindo ainda mais o meu rosto. Ando rápido, mas temo que não seja o suficiente. Hoje é 12 de novembro de 1970, estamos no auge da ditadura. Os militares estão cada vez mais próximos e não existe um minuto que eu não sinto medo de ser capturada.

Subo direto em direção ao número do quarto que meu amigo me passou pelo telefone. Entro no elevador e coloco o número do andar. A porta se fecha, mas ele não sai do andar. Arrependo-me imediatamente de ter entrado num elevador tão antigo. Aperto várias vezes o botão, até que o elevador começa a rangir e sai do andar. Quando isso acontece, um cheiro de podre toma conta do lugar. Olho ao redor, tentando imaginar de onde vem esse cheiro e o que pode ser a causa. O cheiro só fica mais forte conforme subimos, a ponto de precisar prender minha respiração. O elevador para no décimo andar, mas novamente não abre a porta de imediato, demora uns trinta segundos para fazer isso.

Quando saio do elevador, já estou em pânico e sinto muita vontade de vomitar. Do lado de fora, não é melhor e se mistura também com cheiro de lixo e vômito. Minha prioridade é encontrar Rafael, depois penso no que fazer, se vou continuar morando aqui ou não, eu repito para mim mesma. Enquanto caminho, sinto o tempo todo que estou sendo observada, como se tivesse alguém logo atrás de mim. Viro-me várias vezes, mas estou completamente sozinha. Sinto um frio na espinha e uma voz lá no fundo do meu cérebro me manda sair dali correndo. Vai embora, só vai embora daqui, ela diz, mas sei que é apenas o estresse dos últimos dias.

Finalmente chego no apartamento, preciso bater à porta várias vezes. Estou suando frio e preciso respirar fundo e soltar o ar pela boca várias vezes. E se foi uma armadilha? E se Rafael foi capturado e o obrigaram a passar aquela mensagem? Aqui seria o lugar perfeito para desovar alguém, eu penso sombriamente. Quando estou prestes a me virar e correr, escuto um barulho atrás da porta. Rafael abre e me recebe com um sorriso.

— Meu Deus, Rafael, já estava entrando em pânico! — eu digo, entrando no apartamento. Ele tranca a porta e então me jogo nos braços dele, dando um abraço apertado. Com toda essa loucura, pensei que nunca mais fosse vê-lo. — Eu sei que o objetivo é ficar escondido, mas caramba, que lugar é esse!

— Momentos difíceis requerem sacrifícios, Júlia. Você contou para alguém que vinha pra cá? Viu se alguém te seguiu? — ele fala preocupado.

— Claro que não disse. Ninguém me seguiu, andei por várias ruas… Bem, quando eu já estava no prédio tive a sensação que estava sendo observada, mas não tinha ninguém por perto — eu falo e ele parece pensativo. — Isso é normal por aqui? — ele não me responde, só dá de ombros e sai, indo para outro cômodo.

O.k., não deve estar querendo conversar. Todos nós passamos por muita coisa nos últimos tempos, não é fácil ver todos nossos camaradas sumindo um por um… é normal ele estar um pouco estranho.

O apartamento é pequeno. Na sala, tem apenas um relógio, sofá e uma estante com livros antigos. O cheiro pútrido também está aqui. Tiro os sapatos e me deito no sofá. Preciso relaxar, colocar minha cabeça no lugar e descobrir como vou fazer para sobreviver pelos próximos meses. Estou tão cansada que começo sentir o sono me envolver…

Quando abro os olhos, estou no corredor. Eu olho ao redor e não vejo ninguém, mas meu corpo começa andar, como se tivesse vontade própria. Sinto frio, muito frio e não consigo enxergar direito, o lugar está escuro, mal iluminado e envolto em névoa. Caminho descalça e sinto nojo por estar pisando nesse chão sujo. Paramos em frente a um quarto. Escuto um som de briga vindo de dentro. Não quero entrar! Sei que o que vou ver é horrível, sinto pânico, um medo enorme, mas não

tenho controle sobre o meu corpo. A porta se abre e entro no quarto. Vejo algo que nunca vou esquecer. Um homem está torturando uma criança pequena, fazendo coisas terríveis e inimagináveis. Quero gritar, quero me jogar contra aquele homem, quero salvar a criança, mas não consigo me mexer. Não consigo gritar. Não consigo fazer nada. Todo meu corpo treme quando vejo o homem pegar o corpo da criança já sem vida e jogar no poço do elevador. Escuto a palavra meia-noite. Quando começo me perguntar o que isso significa, sou transportada para outro quarto. Vejo uma mulher, no chão, sendo violentada por cinco homens que a torturam. Eles estão rindo e se divertindo. Novamente, quero poder fazer algo para salvá-la, mas não consigo. Novamente vejo descartarem o corpo sem vida no poço do elevador. E assim, pelo que parecem horas, fico vendo diversas monstruosidades sendo cometidas. Porque estou vendo isso? Qual o sentido disso tudo? Então começo gritar e gritar e gritar. Até que eu acordo. Estou caída no corredor, em frente a porta de Rafael, que está escancarada. Ofegante, corro para dentro de casa e tranco a porta. Fico parada atrás da porta por alguns instantes, tentando me recuperar do susto. A sala está completamente escura. Aperto o interruptor, mas a luz não acende. Ligo e desligo várias vezes, mas não faz diferença. Estou completamente apavorada!

— Rafael! — eu grito com toda minha força. — Rafael, preciso de você! Onde você está? — Estou nervosa, abalada pelo pesadelo, sonambulismo e escuridão. Sento-me no chão, atrás da porta. Uma parte consciente da minha mente diz que talvez tenha velas na cozinha, mas tenho medo de me levantar para checar. — Rafael! — eu grito ainda mais forte, mas ninguém responde. Estou entrando em pânico, sei disso, mas não consigo evitar.

— Você veio aqui porque quis! — escuto alguém dizer baixo, bem do meu lado, como se estivesse falando no meu ouvido. Começo gritar e não consigo parar. Vou embora daqui! Que se danem os militares, que se dane tudo! Tem que ter outro jeito! Ouço alguém bater na porta. Rafael finalmente deve estar de volta! A pessoa continua batendo.

— Estou indo! — eu digo. Respiro fundo e solto o ar pela boca. Preciso me acalmar o suficiente para ele não pensar que sou louca.

Quando finalmente me levanto e olho pelo olho mágico, não é Rafael, mas um homem alto e corpulento, o mesmo que vi antes no meu sonho. Corro para o outro lado da sala, repreendendo-me por ter respondido em voz alta. Quem é esse homem? Será que está aqui para me matar? Com certeza, veio me matar! Preciso pensar, mas não consigo, estou muito nervosa! O homem começa bater na porta, com muita força, se ele continuar assim vai derrubar a qualquer momento.

— Ele vai te matar, Julia! — escuto a voz dizer num tom de voz como se estivesse falando algo engraçado. — Você precisa fugir!

— Cala a boca, você acha que eu não sei disso? — eu grito de volta.

Vou até a janela e a abro. Consigo passar por aqui tranquilamente, mas isso vai significar minha morte. Vou morrer de qualquer jeito se esse homem entrar, mas também não posso desistir sem lutar! Começo a percorrer os cômodos da casa, ainda completamente no escuro. A primeira porta que abro é do quarto. Sei que Rafael deve ter uma arma em algum lugar. Abro as gavetas e jogo todas as roupas no chão, mas nada. Abro o guarda-roupa e também jogo tudo para fora, mas não encontro. Não tenho tempo. O homem está se arremessando contra a porta. Saio do quarto e vou para o outro cômodo. Quando piso na cozinha, escorrego e caio no chão. Minhas mãos encostam em algo pegajoso e sei imediatamente o que é. O cheiro aqui é insuportável e me faz vomitar. Não tenho tempo para isso, levanto e começo a procurar por uma faca. Toda cozinha está infestada por moscas. Abro todas as gavetas e pego a maior faca que encontro.

A porta então se abre com força e escuto passos fortes vindos na direção da cozinha. Posso tentar me esconder. Não, ele vai me encontrar de qualquer jeito. Não tenho escolha, é matar ou morrer. Seguro a faca de maneira firme e me lembro do treinamento que tive de defesa pessoal. Esse é meu teste. Então vou para fora e me jogo contra o homem, cravando a faca o mais forte que posso no peito dele. Retiro a faca e enfio novamente.

O homem me chuta, eu caio no chão e ele se joga em cima de mim e aperta meu pescoço. Começo a ficar sem força. Ele está sangrando, mas não é o suficiente para matá-lo, não agora numa morte instantânea, pelo menos. No que pode ser meu último ato, enfio a faca na lateral de sua garganta, giro e depois tiro a faca. Isso tudo acontece em segundos. Ele finalmente tira as mãos do meu pescoço e coloca segurando sua garganta, antes de cair em cima de mim. Logo estou coberta pelo seu sangue. O empurro para longe. Todo meu corpo está tremendo.

Quero acreditar que tudo isso é um pesadelo e que vou acordar a qualquer instante. Eu deveria fechar e trancar a porta, mas tenho medo de me mexer. Tenho certeza de que ninguém mais entrou, mas escuto passos pela casa. Não apenas isso, mas também uma conversa, não entendo o que dizem, são apenas sussurros e risadas. Tenho certeza de que perdi minha mente. Em algum momento eu durmo. Quando abro os olhos vejo uma mulher toda de branco parada junto à porta. Ela fica me encara durante dois minutos e vai embora antes que eu fale qualquer coisa.

Parece uma eternidade, mas o dia começa amanhecer. Meus sentimentos são muito complicados quando começo a ver os primeiros raios de sol entrando pela sala. Fico aliviada com a luz, estar no escuro junto de dois corpos é imensamente assustador, mas também vem a comprovação que isso não é um pesadelo, toda essa desgraça é real.

Finalmente me levanto. Primeiro pego vários livros e coloco contra a porta para deixá-la fechada. Depois me obrigo a ir à cozinha. O cheiro podre me faz ter ânsia de vômito. Fico algum tempo parada ali. Não é possível. Rafael me atendeu ontem na porta com essa mesma roupa, mas o corpo que está aqui cortado em diversos pedaços já entrou em processo de decomposição, está irreconhecível. Só tenho certeza de que é Rafael pela roupa e pela pulseira, que fui eu que dei. Vou ter tempo suficiente para chorar por ele, mas preciso ser pragmática agora. Preciso sobreviver! Posso tomar um banho, colocar uma outra roupa e sair, mas cedo ou tarde vão encontrar dois corpos aqui… preciso sobreviver, repito, e para isso vou ter que fazer coisas desagradáveis. Vou até o quarto e pego uma bolsa. Faço uma oração, mesmo que no fundo não acredite em nada,

e coloco o corpo de Rafael dentro. Tenho certeza de que em outro momento isso teria me destruído, mas agora me sinto amortecida, como se fosse outra pessoa vendo e fazendo tudo isso e não eu. Com uma dor no coração percebo que isso foi a parte fácil. Respiro fundo. Puxo o corpo do homem para a cozinha e começo a cortar, igual alguém fez com Rafael. Isso demora horas e fico completamente suja. Coloco o seu corpo em outra mala. Finalmente tomo um banho e espero pela noite cair.

Quando escurece, eu já sei o que fazer. Pego a primeira mala e logo em seguida pego a outra. É difícil carregar as malas pesadas até o último andar para jogá-las lá de cima no fosso. É estranho perceber que estou fazendo o mesmo caminho que aqueles bandidos fizeram no meu sonho. Preciso fazer muita força e estou suando e arfando quando consigo trazê-las. Não estou sozinha aqui, mas as outras pessoas estão ocupadas demais usando algum tipo de droga para me notar. Então eu jogo, uma após a outra. Não espero por mais nada, corro diretamente para fora do prédio. Não consigo parar de pensar em quem me ligou ontem e quem me recebeu, já que Rafael está morto há vários dias. Não consigo parar de pensar se foi uma emboscada. Minha única certeza é que isso mexeu com minha cabeça de uma forma… Passo por uma banca de jornal e paro boquiaberta: 20 de novembro de 1970. Sinto como se fosse desmaiar! Quando eu entrei no Martinelli, era dia 12, eu tenho certeza! Pensei que tivesse ficado dois dias. Eu não sei o que aconteceu, perdi completamente a noção do tempo! Meu coração se acelera, não quero pensar… não quero lembrar! Corro para longe dali, completamente assustada.

TUDO COMEÇOU ASSIM

Maicol Cristian

Mariana adorava pentear os cabelos de suas bonecas, preparando-as para seus funerais. A morte a fascinava. Os cabelos naturais, afanados dos defuntos da funerária do seu pai, ficavam bem alinhados; alguns até tinham um penteado meio exótico.

A menina, uma loirinha de olhos azuis, sempre quis seguir os passos do pai. Desde muito pequena, o acompanhava preparando os corpos para as cerimônias fúnebres. Logo veio a ideia de fazer o mesmo com suas bonecas.

Órfã de mãe, o batom para passar nas bocas das bonecas ela conseguia com uma velha tia. O caixão era improvisado com latas de bolachas. Mas o que a incomodava era aquele cabelo horroroso que deixava as bonecas com cara de espiga de milho. Os mortos têm que estar bonitos para serem enterrados, ela sempre dizia para suas amiguinhas.

Então teve uma ideia genial: obteria os cabelos dos defuntos enquanto eram preparados no porão da funerária. Ela levava sua pequena tesourinha e, quando seu pai se ausentava, aproveitava para cortar uma pequena mecha dos cabelos do defunto; ninguém daria falta, ela pensava, a pessoa já estava morta mesmo.

Levava as mechas de cabelo para casa e, de posse deles e da boneca, se dirigia até a alfaiataria do seu avô materno, para ele substituir os cabelos das pequenas bonecas de pano. O velho fazia tudo pela netinha, suprindo a falta que sentia da filha que havia perdido.

A atividade funerária de Mariana foi ficando cada vez mais próxima da realidade; tinha até velório, com a presença ilustre de algumas amiguinhas. O ápice foi quando resolveu que faria também o enterro dos seus defuntos de pano.

Próximo à sua casa havia um terreno baldio, onde hoje é a Rua Apa, esquina com a Avenida São João, na capital paulista. Lá ela passou a organizar o enterro das bonecas, com suas bocas vermelhas, rostos rosados e cabelos funestos.

Certo dia, chegou um defunto famoso à funerária do seu pai, sobre o qual os jornais tinham publicado muitas matérias. Era um homem de uns cinquenta anos, com longos cabelos grisalhos, acusado de ter matado muitas pessoas após ter feito um pacto com o diabo.

A polícia ainda dava voltas atrás do próprio rabo, sem conseguir desvendar o mistério que envolvia sua morte. Foi encontrado trancado no seu quarto com dois tiros na cabeça. Suicídio ou vingança? Ninguém conseguia responder; ou estava disposto a fazê-lo.

Mariana, alheia a essa história, aproveitou mais uma vez um momento de distração e, munida de sua velha tesourinha, tirou uma grande mecha daqueles cabelos cinzentos. Enquanto fazia isso, viu um pequeno pingente que o homem carregava no pescoço. Tinha o formato de uma estrela com cinco pontas e estava de ponta-cabeça. No verso do pentagrama estava gravado o nome do defunto: Samael.

Certamente, pensou, aquilo ficaria ótimo no pescoço da Carlota, sua mais nova vítima a ser enterrada. Introduziu as pequenas mãos atrás do pescoço do morto, abriu o fecho da corrente e colocou-a no bolso rapidamente, antes que seu pai voltasse ao porão da funerária.

Levou novamente os cabelos para o avô costurá-los na cabeça da boneca. Serviço feito, voltou para casa, penteou com esmero as mechas grisalhas e, com um pedacinho de linha, prendeu-as num penteado rabo de cavalo, igual ao que o morto usava.

Após terminar a preparação do corpo, pegou uma lata de bolachas, para sepultar a boneca, e se dirigiu ao terreno baldio. Acompanhada de mais cinco amiguinhas, fizeram um buraco e, antes de enterrar a boneca, Mariana tirou do bolso do vestido a corrente com o pingente em forma de pentagrama e colocou no pescoço da boneca.

Cerimônia encerrada, cobriram a cova com terra e fizeram a última oração do enterro. Quando estavam saindo do terreno

baldio, viram alguns homens que chegavam ao local, munidos de trenas e alguns papéis. Em breve, não poderiam mais usar aquele local como cemitério de bonecas; construiriam uma casa, em formato de castelo, e elas teriam que procurar outro local para dar continuidade às suas brincadeiras fúnebres.

***

Os irmãos Pedro e Eva adoravam pular o muro que cercava o castelinho da Rua Apa. Após invadir o terreno, corriam para o quintal da casa para apanhar algumas laranjas e pitangas e, antes que alguém pudesse vê-los, já haviam pulado o muro de volta, comendo as frutas docemente furtadas.

No entanto, logo após alguns dias chuvosos ocorridos no começo de maio de 1937, Pedro e Eva encontraram algo mais do que laranjas e pitangas no quintal do castelinho.

Logo após Pedro apanhar algumas pitangas que estavam no alto do pé, pulou do último galho, produzindo um som metálico quando pousou no chão. Curiosos, resolveram investigar o que havia produzido aquele som estranho e, com a ajuda de algumas pedras, escavaram até encontrar uma lata redonda, toda enferrujada.

As raízes da árvore haviam deslocado o objeto ao longo dos anos e, com o auxílio da chuva abundante dos últimos dias, havia aflorado da terra para agora tomar a atenção de ambos.

Após algumas batidas, num breve esforço, conseguiram abrir a lata, mas não sem antes alguém colocar a cabeça para fora da janela do andar superior e gritar para eles saírem dali e não voltarem nunca mais.

Assustada, Eva agarrou a boneca de pano que estava dentro da lata recém-aberta, pegou na mão do irmão e puxou-o, correndo em disparada. Pularam o muro como dois gatos e só pararam quando chegaram em casa.

De posse da boneca, Eva estranhou aqueles cabelos ressecados.

— Parecem os cabelos da vovó, quando morreu — disse a menina, enquanto passava a mão nas mechas grisalhas.

— Deixe de bobagem, Eva. A correntinha com a estrela é minha— afirmou Pedro.

— Tá bom. Veja, tem o nome de alguém escrito aqui — falou Eva, enquanto alcançava o pingente em forma de pentagrama ao irmão.

— Samael. Quem será que foi essa pessoa?

— Sei lá. Não vá mostrar para a mamãe. Caso ela veja, vai querer saber onde conseguimos isso. Vou acabar perdendo a boneca também.

— Certo. Vou esconder.

Naquele dia, antes de dormir, no refúgio do seu quarto, Pedro colocou a corrente com o pentagrama no pescoço. A noite de sono não foi tranquila. Inúmeros pesadelos povoaram sua mente enquanto dormia.

Viu corpos esquartejados, sangue escorrendo, pessoas gritando de pavor e, finalmente, um homem alto, com cabelos grisalhos presos em um rabo de cavalo. Nesse momento, o sonho ficou encoberto por uma névoa e, repentinamente, ele viu-se no corpo do próprio homem. Ele havia levado dois tiros na cabeça e, no seu pescoço, podia ser avistada a corrente com o pentagrama.

Acordou encharcado de suor. Sentiu algo queimando no seu peito. Pôs a mão no pentagrama, que estava quente, como se estivesse ficado exposto ao sol por um longo tempo.

Levantou-se correndo e foi até o banheiro. Colocou o pentagrama debaixo da torneira e despejou água abundante sobre ele. Após resfriá-lo, recolocou-o e saiu em busca da irmã, para contar-lhe seus sonhos malucos e a coisa esquisita que havia acontecido com o pingente.

No quintal de sua casa, avistou a irmã, que estava de costas para ele, brincando no chão. Aproximou-se correndo.

— Eva, não sabe o que sonhei — disse ofegante. Mal acabou de proferir essas palavras, ficou boquiaberto com a cena que presenciava. O gato de sua irmã, o Biju, estava todo ensanguentado, sem os olhos e com as tripas todas de fora,

— O que é isso? O que aconteceu com o Biju? — perguntou Pedro.

Eva virou-se para ele. Sua boca estava toda ensanguentada, assim como seu vestido. Na sua mão direita, uma faca de ponta brilhava à luz do sol.

— Minha bonequinha disse que eu tinha que comer um pouquinho do Biju. Ela disse que ele é gostoso. Eu não gostei muito do sabor, mas ela insistiu e falou que com o tempo acabarei me acostumando.

— Largue isso Eva. Essa boneca deve ser amaldiçoada; e essa corrente também. Tive um monte de pesadelos. Vou levar tudo de volta para aquela casa. Depois, nunca mais quero voltar naquele castelo.

— Não vai não! A boneca é minha — disse Eva, abraçando fortemente a boneca.

Pedro aproximou-se, travando uma batalha pela boneca. Quando conseguiu arrancar a boneca das mãos da sua irmã, saiu correndo em disparada pelo terreno, atravessando a rua sem olhar para os lados.

— Não, Pedro! — gritou Eva, sem ser ouvida. Um carro, que cruzava a rua em alta velocidade, abalroou o menino, matando-o instantaneamente.

Chocada com a tragédia, Eva participou das cerimônias fúnebres sempre agarrada à sua boneca. Alguns dias depois, tomada pela saudade, foi até o quarto do irmão e viu a corrente com o pentagrama sobre a cama do menino.

— Nós temos que devolver isso para aquela casa. Meu irmão disse que teve pesadelos por causa dessa coisa amaldiçoada — disse Eva para sua boneca.

Não havia ninguém na rua. Pulou o muro que cercava o castelinho e foi até a pitangueira para reenterrar o pentagrama, acompanhado da corrente. Começou a cavar com as mesmas pedras que utilizaram antes, para desenterrar a lata, que ainda estava por lá.

Já havia cavado um pouco, quando começou a ouvir vozes alteradas dentro do castelo. Alguém estava brigando; a curiosidade era irresistível.

Dirigiu-se à porta de entrada da casa e bateu à porta. Ninguém atendeu. Insistiu, mas sem resposta. A briga continuava. Podiam-

se ouvir três vozes diferentes discutindo. Uma mulher e dois homens. Em seguida, ouviu cinco tiros de revólver, disparados em sequência, com um pequeno intervalo entre o quarto e o último tiro.

Forçou o trinco da porta; estava aberta. Entrou. Pé ante pé, aproximou-se da sala de jantar, tomada pela adrenalina. Seguiu adentrando o recinto, quando sua boneca falou:

— Vai, Eva, continue. Veja, ali na gaveta tem um revólver. Pegue-o.

— Revólver? Para quê?

— Pegue o revólver que está ali na gaveta. Você pode precisar dele.

— Mas eu não sei atirar. Acho que nem consigo segurar o revólver.

— Deixa comigo. Eu ajudo você.

Eva seguiu as ordens da boneca. Pegou o revólver e foi até a cozinha. Dois homens de meia idade e uma velha senhora jaziam no chão.

A velhinha tinha levado três tiros. Milagrosamente, ainda respirava.

— Vamos, Eva. Atire nela. Acabe com o seu sofrimento — falou a boneca.

O disparo foi à queima-roupa, no coração. Logo após o disparo, a respiração da velha cessou e a arma caiu da mão de Mariana.

Dirigiram-se então aos homens. Um deles, que estava com a arma em mãos, ainda se movimentava. Ele havia atirado no outro homem e na velha; aparentemente, em seguida teria tentado se suicidar.

— Vamos garantir que ele morra, Eva. Mas pegue o revólver dele para atirar. Adoro sacanear a polícia. Eles vão ficar doidinhos sem entender como alguém se suicidou com dois tiros no peito.

Sem argumentar, Eva tomou a arma do homem e, impiedosamente, disparou um tiro diretamente no seu peito, colocando em seguida a arma de volta em sua mão.

— Tem uma tesoura naquela outra gaveta. Pegue-a. Nós vamos cortar um pouquinho dos cabelos destes defuntos — disse a boneca.

— Por que faremos isso?

— Os meus cabelos são de defunto. Faremos o mesmo com as suas outras bonecas. Vamos implantar cabelos de mortos nelas.

— Está bem. Mas você terá que me mostrar direitinho como é que se faz. Enquanto isso, me conte como você morreu, Mariana.

— Pode deixar comigo. Vou contar tudinho para você. Teremos muito tempo para conversar. Agora, poderemos vir aqui todos os dias, pois ninguém vai nos perturbar.

Saíram deixando o pentagrama sobre o peito de um dos mortos. Eva, seguindo as ordens de Mariana, pegou o revólver com o qual havia atirado na velha e o enterrou, dentro da lata enferrujada no quintal da casa.

O dia estava quente e ensolarado, perfeito para brincar ao ar livre.



UMA PERFORMANCE UM TANTO MÓRBIDA

Renata G. Neves

Marcela estava muito satisfeita que o dia de assistir a uma peça criada por um de seus autores favoritos, Paulo Castiglione, finalmente tivesse chegado. Melhor ainda, o longo espetáculo realizar-se-ia no imponente Teatro Municipal da cidade de São Paulo. Em meio à excitação de se preparar para a apresentação, pegou a si mesma devaneando que, com certeza, não haveria pressa para chegar, que decerto a peça não teria vendido muitos bilhetes, e lugares haveria de sobra. Repreendeu-se por deixar fluir tal pensamento pessimista. Ainda assim, ela era orgulhosa parte integrante de um parco fã-clube sobre o autor, que, a bem da verdade, não era lá muito popular mesmo.

Em vida, Paulo Castiglione escrevera muitas peças de tragédia centradas em relacionamentos amorosos, sempre perpetrados por conflitos de interesse e ocasionais toques de sobrenaturalidade, e concluídos por finais grotescos surpreendentes, em que nem um mocinho ou mocinha na história costumava se salvar. Poder-se-ia atribuir sua impopularidade e baixo sucesso de vendas por este costume, mas havia elementos ainda piores na própria vida pessoal do autor que superavam o desfecho trágico de suas novelas.

A primeira e amada esposa havia falecido num acidente esportivo, lhe deixando só a criar o filho que frequentemente sofria de problemas respiratórios graves. Quatro anos depois do acontecimento, Castiglione perdeu o emprego no jornal da cidade e viveu em pobreza por alguns longos meses. Foi em meio a esse período turbulento de sua vida que a segunda esposa também se foi, dessa vez por desgosto e suicídio. Não obstante o único filho acabou por perecer devido à doença que lhe acometia os pulmões, e Castiglione, praticamente só no mundo, tinha apenas as peças que escrevia para lhe dar

alguns momentos de alegria em meio ao emprego meia-boca que encontrara e às inúmeras rejeições de editoras e jornais por suas obras nefandas.

Por fim, tão desventurada quanto sua vida, foi-lhe a morte. Tendo ocorrido em circunstâncias misteriosas, nem mesmo os agentes forenses souberam precisar ao certo o que de fato ocorreu, se outras pessoas estavam envolvidas ou se fora apenas uma casualidade, somente que o corpo fora encontrado num sítio abandonado depois de dias em decomposição, praticamente todo comido e deformado pelo que poderiam ter sido todos os ratos e ratazanas que habitavam a cidade.

Não era de espantar, portanto, que um pequeno grupo de admiradores de Castiglione tivesse surgido apenas depois de seu falecimento. Seus trabalhos eram até que bastante bons, mas as circunstâncias de sua vida e morte eram normalmente vistas na região apenas de duas maneiras distintas: ou azar suficiente para jamais querer chegar perto de uma obra do autor, ou, para os poucos que viam a vida como uma sequência de mistérios a serem desvendados, a tragicidade poética da vida real só deixava tudo relacionado a Paulo Castiglione ainda mais interessante. Era por isso que Marcela estava empolgadíssima pela estreia de seu ídolo da catástrofe num teatro de tão renomada importância. Pena que ele já não fosse vivo para apreciar o reconhecimento tardio.

Naquele sábado, o prédio do Teatro Municipal de São Paulo se mostrava tão belo e monumental quanto no dia de sua construção, tanto tempo atrás. Depois de passar pela escadaria e arcos da entrada, Marcela adentrou o prédio e entregou seu bilhete a uma funcionária, que carimbou o papel e o devolveu a ela. Não se surpreendeu ao não ver muita gente ali a aguardar o início do espetáculo.

Como ainda faltavam quinze minutos, resolveu bater um papo com um dos funcionários do teatro que guardava a entrada para o camarote. Ela lhe perguntou a respeito dos atores e como vinham sendo as preparações para essa peça em particular.

— Bem, sei que houve várias falhas técnicas durante os ensaios e o elenco andava bastante nervoso, com medo de que fosse o azar do Paulo Castiglione querendo se manifestar — explicou

o funcionário, que aparentava ter idade avançada. — Cá entre nós? Eu achava melhor não fazer apresentação nenhuma, não se deve mexer com alma penada que passou por tanta coisa ruim em vida. Este teatro já tem uma cota de assombrações mais do que suficiente!

Marcela achou melhor não se impressionar muito. Agradeceu ao homem pela atenção e foi localizar seu assento.

A performance demorava a começar.

Já tinham se passado vinte e cinco minutos do início previsto, e Marcela começou a achar que algo devia ir errado, especialmente porque a maioria das luzes já havia sido apagada há um bom tempo. Burburinhos ocasionais surgiam pela plateia, as pessoas provavelmente comentando a demora. Desejou ter trazido alguma companhia para se distrair durante a espera; a escuridão e o silêncio lhe causavam calafrios.

Mais alguns minutos se passaram, e nada. A mulher encarava ansiosamente as cortinas vermelhas que cobriam o palco, tentando detectar qualquer som que o elenco fizesse atrás delas, mas o silêncio reinava, nem parecia haver alguém detrás do estrado.

Depois de mais cinco minutos, uma voz rouca soou pelos alto-falantes e a sobressaltou:

— Senhoras e senhores, bem-vindos ao Teatro Municipal de São Paulo. Pedimos desculpas pelo atraso, mas garantimos que qualquer problema técnico já foi consertado. A nossa casa tem o orgulho de apresentar o drama "O resgate do sabiá", por Paulo Castiglione.

As cortinas abriram-se.

O cenário era como o esperado: a sala de estar da casa de uma família abastada, com sofá de cor cobre e uma mesinha de centro, em que se apoiava uma pequena caixa de madeira com alguns furinhos e uma portinha fechada.

Contudo, o que surpreendeu Marcela foi a primeira personagem em cena. Tratava-se de uma moça de uns trinta e cinco anos, de pele pálida e olhar triste. Marcela, que conhecia bem a peça, estranhou. Sabia que na primeira cena a protagonista deveria ser uma criança risonha e saltitante, prestes a libertar o pássaro que pegara do laboratório do pai. Isso não estava certo.

A primeira cena transcorreu por alguns minutos, mas, afora o cenário, nada ali parecia estar nos conformes. A performance da atriz parecia robotizada, ela não se mexia muito e apenas declamava falas sem demonstrar muita emoção. Marcela lançou um olhar para a audiência para ver se mais alguém se indignava, mas estava tão escuro por ali que não conseguiu desvendar o rosto de ninguém.

Aproximava-se por fim a hora de a protagonista abrir a caixa e libertar o passarinho, que deveria voar para longe.

Quando o pequeno baú foi aberto, a criaturinha aprisionada pulou para o chão. Marcela estreitou os olhos para discernir melhor, pois não se parecia com uma ave voadora. Em seguida, porém, outros pequenos seres da mesma espécie foram saindo da caixa e seguindo o primeiro em fila.

De repente, um grito.

Eram dezenas de criaturinhas que se dirigiam para os corredores do teatro, cada vez mais perto de alguns dos espectadores.

A atriz permaneceu no palco sem se mover, pálida e estarrecida.

Marcela concluiu que ela já parecia pálida e estarrecida mesmo antes, portanto, não saberia dizer naquele momento se aquilo fazia parte do espetáculo ou não.

Do alto do camarote, Marcela pôde ver algumas pessoas levantando-se de um pulo de seus assentos e desembestando a correr. Ela viu um dos animais dar um salto muito veloz, prestes a alcançar uma das portas do salão.

— Ratos! — ouviu alguém gritar.

Ela se sentiu paralisada pelo medo.

Mas não havia tempo a perder, deveria também deixar o estabelecimento o mais rápido possível. Numa última olhada pelo salão, pensou ter visto um brilho vermelho nos olhos do único rato que ainda estava parado no palco, como se a contemplar a bagunça ao seu redor.

Ela tratou de se precipitar para a saída também. Se uma infestação de ratos estava ocorrendo bem diante de seus olhos, não queria ficar ali para ser encontrada por um deles.

Marcela foi para casa sem parar para conversar com os espectadores que agora esperavam aturdidos do lado de fora do teatro.

Sentia-se triste que mesmo depois de morto Paulo Castiglione continuasse tendo o azar de que todos tanto falavam. Uma infestação, bem no dia da estreia de sua obra menos conturbada! Era isso ou alguém havia propositalmente sabotado o espetáculo, o que seria igualmente uma pena. E uma piada de grande mau gosto, considerando que a trágica morte do autor envolvera ratos. Resolveu que veria o jornal na manhã seguinte para saber dos fatos. Já bastava de teorias conspiratórias para com o pobre defunto…

***

No dia seguinte, Marcela ligou a televisão para assistir ao noticiário local de São Paulo. Ninguém falava sobre o ocorrido. Tentou diferentes canais televisivos, mas não havia uma menção sequer à produção ou ao Teatro Nacional. Como era possível?

Resolveu ir averiguar por si mesma.

Chegando lá, encontrou a sentinela a postos, guardando a entrada do edifício.

— Com licença, senhor — disse ela. — O que foi que aconteceu aqui ontem durante a peça *O resgate do sabiá*? Já sabem como os ratos entraram?

O segurança pareceu confuso, e falou:

— Como assim, senhora? Nada aconteceu. A peça foi um sucesso do início ao fim.

Marcela não entendeu. Achou que ele provavelmente não estava bem informado. Insistiu em falar pessoalmente com o diretor do Teatro Municipal de São Paulo.

Depois de aguardar quase uma hora, foi atendida. O diretor, porém, também alegava não saber do que ela estava falando. Ele disse que não havia rato nenhum no Teatro Nacional, e, se Marcela dizia que sim, era porque ela não havia estado lá e prestigiado o sucesso de seu trabalho como afirmava.

Ela então teve a ideia de lhe mostrar seu ingresso da peça, que havia sido carimbado por uma funcionária quando chegara na noite anterior.

— Estranho… — começou o diretor, pensativo. — Bem, moça, a senhora deve ter tido uma dor de cabeça forte, adormeceu e teve uns pesadelos sobre ratos. Mas lhe garanto que nada de ruim se passou. De qualquer forma, é uma pena que tenha perdido o espetáculo! Sou um homem muito ocupado, e agora tenho de ir — continuou ele apressadamente, já marchando para outro cômodo. — Adeus e volte sempre!

Marcela não estava convencida. Até porque sua saúde ia muito bem, obrigada.

Ela olhou ao redor. O local estava silencioso, não havia ninguém por perto. Resolveu que poderia investigar por conta própria, se fosse rápida o suficiente e ninguém aparecesse para estragar seus planos.

Encontrou a porta do anfiteatro e a abriu silenciosamente. De pronto, avistou no alto do palco a caixa de madeira da qual os ratos escaparam. Foi se dirigindo lentamente até lá, atenta a qualquer barulho.

Viu algo estranho no chão.

Levou um susto ao perceber que se tratava de um rato morto. Ele estava deitado, a linguinha para fora e sangue espalhado sob seu corpo. Marcela o reconheceu pelos olhos escancarados emanando um estranho brilho vermelho; o havia visto encarando do palco na noite anterior, quando todos os outros ratos avançavam em direção à saída do teatro.

Observando melhor, constatou também que o bicho portava ao redor do pescocinho uma minúscula gravata borboleta branca de bolinhas cinzas. Ela já havia visto algo assim antes… E, de repente, se deu conta: em quase todas as fotos de jornais da época, Paulo Castiglione era quem usava uma gravata assim!

Podem até insistir que foi apenas imaginação, mas, de tudo o que já passou na vida, a cena mais clara na mente de Marcela até hoje aconteceu em uma fração de segundo antes que o susto a fizesse perder a consciência naquele dia: o rato de gravata morto a mexer o focinho e piscar um olho muito vermelho para ela.

FINANCIAMENTO COLETIVO

Este livro foi produzido através de um financiamento coletivo. Sem o apoio das pessoas especiais que nos cercam, o trabalho para sua produção seria ainda mais árduo. Registramos aqui nominalmente todos aqueles que contribuíram para a produção desse projeto:

Adriana Maluf Balthar
Aldevany Hugo Pereira Filho
Alex André (Xandy Xandy)
Alice Casimiro Lopes
Alice de Oliveira
Allan Kardec de Araújo
Aloisio Spadeto
Ana C. Leite
Ana Fabiola Rios
Ana Maria Martins Ferreira
Ana Paula Martin Cardozo
Anderson Luiz Silva
Andre Da Silva Betioli
André Horcajo Agostinetti
Aroldo Leal da Fonseca
Bruno Pereira Goularte
Carlos Augusto Monteiro
Carlos Eduardo Covre
Carol Beck
Danielle Moreira
Diego da Silva Betioli
Edmar Siqueira Santos
Eduardo César Dias
Eduardo de Oliveira Prestes
Eliete dos Santos Ferreira de Melo
Emanusa Soele Santana Lessa Pereira
Everson Ribeiro da Silva
Felipe Lima Cavalcante
Felippe Flamarion
Fernanda Miranda
Flávia Mendes
Flávio do Vale Ferreira
Francisco Monteagudo
Gabriel Silva
Gabrielli Nottoli
Guilherme Camargo Alves
Haddad
Heclair Rodrigues Pimentel Filho
Higor Lobo
Jaqueline de Castro Lourenço
Jessica Mendes Zambini
João Pedro Costa Saltareli
João Vitor Zenaro
Joaquim Cordeiro Neto
José Vital
Kattia A. B. Avelar Bispo
Laís Felix Cirino dos Santos
Larissa de Andrade Defendi
Larissa Rezende Alves Soares
Laura Cristiny
Lilian Bei
Lívia C V V Vitonis

Lua Melmohara

Lucia Helena Cardozo

Lúcia Maria Mazzilli

Luciano Vairoletti

Maiara Caxias

Maicol Cristian Stein de Souza

Manoel Dimas Tavares

Manoela dos Santos Ferreira

Marcela Mazzilli Fassy

Marcia de Lourdes Marques Ortiz

Maria Aparecida Gneves

Maria de Fátima Fassy

Maria Inês Farias Borne

Mariana Ribas

Marisa Gonçalves Telo

Marlon de Oliveira

Matheus Felix

Michelly Oliveira da Silva

Miguel games

Mih Lestrange

Milena JC

Natália Sintaku Pretti

Nélia Freires

Olivia Mayumi Korehisa

Oracir A P Prado

Raissa Santos

Ramiro Araújo Lima

Renata G. Neves

Renata Mendes

Renato Costa Neves

Ricárdo Mota

Robert Junio Monteiro de Faria

Rodrigo Ortiz Vinholo

Rodrigo Silveira

Sigh Freud

Tânia Maria Florencio

Teofilo Joaquim da Silva Jr

Thiago Carvalho Bayerlein

Valéria Rezende Alves Soares

Vanessa Santos Rodrigues

Velina Dotova

Victor Fernando Conti

Wilson A S Faria

Yago Purcino

Yuri Afonso Lopes de Oliveira



"Acreditamos ser possível reduzir desigualdades por meio da democratização da leitura,
produzindo livros de maneira sustentável sem danificar o meio ambiente"

https://www.cartolaeditora.com.br/sustentabilidade/

Cartola Editora
uma editora sustentável